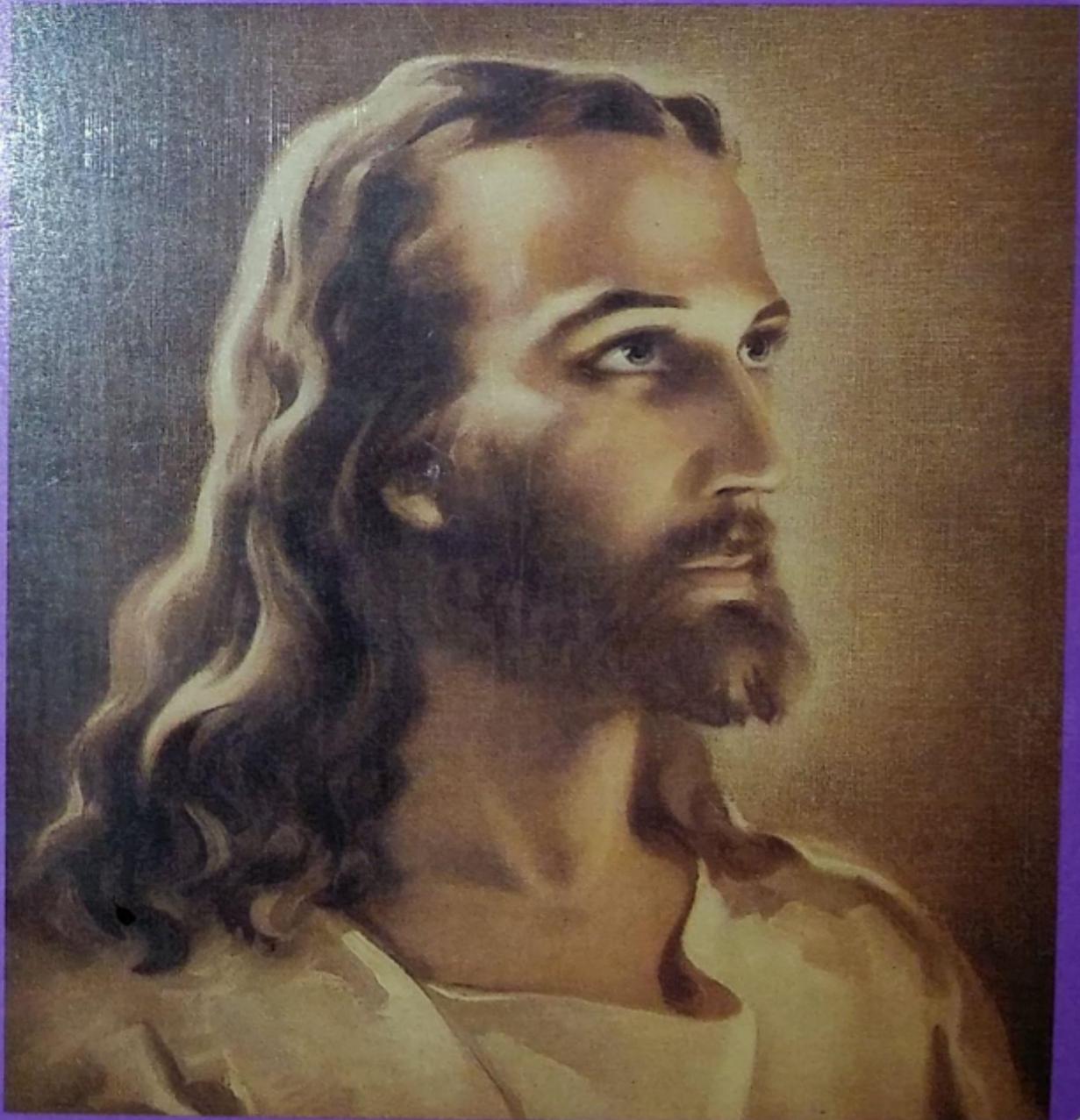


R O H D E N

**JESUS
NAZARENO**



MARTIN  CLARET

9ª Edição

JESUS NAZARENO

Jesus Nazareno - 8ª edição, parcialmente reescrito e sem a linguagem teológica das edições anteriores — relata, com profunda emoção e visão histórica, a “história mais conhecida do mundo”. Conta a vida e as obras de Jesus desde antes do seu nascimento até a sua “paixão, morte, e ressurreição”.

É um livro comovente e inesquecível. Seguindo com fidelidade e singeleza as narrativas dos Evangelhos, Rohden descreve a vida do Nazareno linearmente, numa história sincronizada, contínua e sem intermitências, permitindo ao leitor uma visão sinóptica dos acontecimentos que os evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João apresentam com repetições e pequenas divergências cronológicas.

Rohden foi um profundo conhecedor da vida do biografado. Traduziu *O Novo Testamento* diretamente do texto grego do primeiro século, ao qual enriqueceu com preciosos comentários e cujas edições se esgotam sucessivamente. Aliás, toda obra literária de Rohden é centrada na mensagem do Cristo.

Os que praticam e vivem os Evangelhos hão de notar que alguns pontos de menor importância foram esquecidos; outros, ao contrário, são lembrados com grande ênfase.

Este é um livro escrito *com amor e por amor* aos Evangelhos. É um livro de Vida que ressuscita, aos olhos dos vivos, o Cristo Vivo. E nos mostra quamos ensinamentos exemplificados podemos tirar dos ditos e atos sucedidos entre o “estábulo de Belém” e a “nuvem de Betânia”.

Papini, no prefácio do seu *História de Cristo* esculpe palavras sobre Jesus que magnificamente servem de moldura a este trabalho de Rohden: “Diz-se dè Jesus que o profeta dos fracos e, ao contrário, ele vem trazer forças aos desalentados e levantar os oprimidos. Diz-se que a sua religião é para doentes e moribundos, mas i ele cura os enfermos e ressuscita os mor- | tos. Dizem-no inimigo da vida e ele vence a morte. Deus da tristeza, ele exorta à alegria, promentendo-nos um banquete etemo de felicidade. Muitos se afastaram dele porque não o conheceram; a estes se dirige esta obra.”

Rohden, como outros biógrafos inspirados, proclama Jesus como supremo modelo de vivência humana e espiritual.

“Eis que estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos.” Estas foram as últimas palavras do Nazareno, mas para nós é sempre o início da esperança imortal.

Vem, Jesus Nazareno! Ressuscita dentro de nós!

JESUS NAZARENO COMO OS EVANGELHOS O DESCREVERAM E COMO MINHA ALMA O CONTEMPLA VOLUME II

9^ª Edição MARTINUCLARET

Mensagem

A Martin Claret Editores e o Centro de Auto-Realização Alvorada, cumprindo sua finalidade de ensinar e procurar orientar seus leitores na prática da Filosofia Univérsica, estão dinamicamente abertas para contactar com toda e qualquer pessoa ou grupo interessado em Cosmo-Meditação, Autoconhecimento e Auto-Realização.

Escrevam-nos solicitando material informativo. Teremos grande prazer em tê-los e trocar correspondência sobre estes assuntos.

Martin Claret CAPA

José Duarte T. de Castro

MIOLO

Revisão

Regina Rocha Reis

Digitação *Celina V. Marques*

Direção de Arte

José Duarte T. de Castro

Editoração Eletrônica *Editora Martin Claret*

Fotolitos em Editoração Eletrônica *ERJ Informática Ltda*

Papel

Off-Set

Impressão e Acabamento Cromoset Gráfica e Editora Martin Claret Editores Ltda - R. Alegrete, **62** - Sumaré - Cx. Postal **9897** CEP **01254** - Tel: **(011) 262-8144** - Fax: **(011) 263-7146** - São Paulo - SP

Agradecemos a todos os nossos amigos e colaboradores - pessoas físicas e jurídicas - que deram as condições para que fosse possível a publicação deste livro.

Composto e impresso no Brasil, no verão de **1997**.

JUSUS NAZARENO

Jesus Nazareno é um dos livros mais lidos de Rohden.

Narra, singelamente, a vida e a obra de Jesus, segundo os **4** evangelhos, sincronizados numa história linear e sem intermitências.

Rohden, que traduziu do texto grego p® *Novo Testamento*, é um dos maiores eéihecedores da vida do Nazareno. Para o autor a mensagem do Homem de Nazaré tem sido a melhor inspiração e terapia para a Humanidade confusa e angustidada.

A leitura desta obra é um conforto e uma lição espiritual de Vida.

Advertência

A substituição da tradicional palavra latina *crear* pelo neologismo moderno *criar* é aceitável em nível de cultura primária, porque favorece a alfabetização e dispensa esforço mental - mas não é aceitável em nível de cultura superior, porque deturpa o pensamento.

Crear é a manifestação da Essência em forma de existência - *criar* é a transição de uma existência para outra existência.

O Poder Infinito é o *creador* do Universo - um fazendeiro é um *criador* de gado.

Há entre os homens gênios *creadores*, embora não sejam talvez *criadores*.

A conhecida lei de Lavoisier diz que “na natureza nada se *crea* nada se aniquila, tudo se transforma”, se grafarmos “nada se *crecf*, esta lei está certa, mas se escrevermos “nada se *cricC*, ela resulta totalmente falsa.

Por isto, preferimos a verdade e clareza do pensamento a quaisquer convenções acadêmicas.

Huberto Rohden Vida e Obra

Nasceu em Tubarão, Santa Catarina, Brasil.

Fez estudos no Rio Grande do Sul. Formou-se em Ciências, Filosofia e Teologia em Universidades da Europa — Innsbruck (Áustria), Valkenburg (Holanda) e Nápoles (Itália).

De regresso ao Brasil, trabalhou como professor, conferencista e escritor. Publicou mais de **60** (sessenta) obras sobre ciência, filosofia e religião, editadas pela Editora Vozes (Petrópolis), União Cultural (São Paulo), Editora Globo (Porto Alegre), Livraria Freitas Bastos (Rio de Janeiro), Fundação Alvorada e outra editoras.¹ Vários livros de Huberto Rohden foram

¹* Ver relação completa das obras, no fim deste livro.

traduzidos em outras línguas, inclusive o Esperanto; alguns existem em Braille, para institutos de cegos.

Rohden não está filiado a nenhuma igreja, seita ou partido político. Fundou e dirigiu o movimento mundial Alvorada, com sede em São Paulo.

De **1945** a **1946** teve uma Bolsa de estudos para Pesquisas Científicas, na Universidade de Princeton, New Jersey (Estados Unidos), onde conviveu com Albert Einstein e lançou os alicerces para o movimento de âmbito mundial da Filosofia Univérsica, tomando por base do pensamento e da vida humana a constituição do próprio Universo, evidenciando a afinidade entre Matemática, Metafísica e Mística.

Em **1946**, Huberto Rohden foi convidado pela *American University*, de Washington, D.C., para reger as cátedras de Filosofia Universal e de Religiões Comparadas, cargo esse que exerceu durante cinco anos.

Durante a última Guerra Mundial foi convidado pelo *Bureau of Inter-American Affairs*, de Washington, para fazer parte do corpo de tradutores das notícias de guerra, do inglês para o português. Ainda na *American University*, de Washington, fundou o *Brazilian Center*, centro cultural brasileiro, com o fim de manter intercâmbio cultural entre o Brasil e os Estados Unidos, sendo então seu presidente honorário o senhor Nereu Ramos.

Na capital dos Estados Unidos, Rohden frequentou, durante três anos, o *Golden Lotus Temple*, onde foi iniciado em *Kriya Yôga* por Swami Premananda, diretor hindu desse *ashram*.

Pelo fim da sua permanência nos Estados Unidos, Huberto Rohden foi convidado para fazer parte do corpo docente da nova Universidade *International Christian University* (ICU), de Metaka, Japão, a fim de reger as cátedras de Filosofia Universal e Religiões Comparadas; mas, devido à guerra na Coreia, a Universidade japonesa não foi inaugurada, e Rohden regressou ao Brasil. Em São Paulo foi nomeado professor de filosofia na Universidade Mackenzie, cargo do qual não tomou posse.

Em **1952**, fundou em São Paulo a Instituição Cultural e Beneficente Alvorada, que mantém cursos permanentes, em São Paulo, Rio de Janeiro e Goiânia, sobre Filosofia Univérsica e Filosofia do Evangelho, e dirige Casas de Retiro Espiritual (*ashrams*) em diversos Estados do Brasil.

Em **1969**, Huberto Rohden empreendeu viagens de estudo e experiência espiritual pela Palestina, Egito, Índia e Nepal, realizando diversas conferências com grupos de yoguis na Índia. Em **1976**, Rohden foi chamado a Portugal para fazer conferências sobre autoconhecimento e auto-realização. Em Lisboa fundou um setor do Centro de Auto-Realização Alvorada.

Nos últimos anos de sua vida, Rohden residiu na capital de São Paulo, onde permanecia alguns dias da semana, escrevendo e reescrevendo seus livros, nos textos definitivos. Três dias da semana costumava passá-los no *ashram*, em contato com a natureza, plantando árvores, flores ou trabalhando no seu apiário modelo.

Quando estava na capital, Rohden frequentava, periodicamente, a editora Alvorada² responsável pela publicação de seus livros, dando-lhe inspiração e orientação cultural.

Fundamentalmente, toda a obra educacional e filosófica de Rohden divide-se em quatro grandes segmentos: **1)** a sede central da Instituição (Centro de Auto-Realização), em São Paulo, onde são ministrados cursos e horas de meditação; **2)** o *ashram*, situado a **70** quilômetros da capital, onde são dados, periodicamente, os Retiros Espirituais, de **3** dias completos; **3)** a editora MARTIN CLARET, de São Paulo, que difunde, através de livros e cassetes, a Filosofia Univérsica; **4)** um grupo de dedicados e fiéis amigos, alunos e discípulos, que trabalham na consolidação e continuação da sua obra educacional.

A zero hora do dia **7** de outubro de **1981**, após longa internação em uma clínica naturalista de São Paulo, aos **87** anos, o professor Huberto Rohden partiu deste mundo e do convívio de seus amigos e discípulos. Suas últimas palavras, em estado consciente, foram-. “Eu vim para servir a Humanidade”.

Rohden deixa, para a gerações futuras, um legado cultural e um exemplo de fé e trabalho, somente comparado aos dos grandes homens do nosso século.

MESTRE E MÉDICO – PARTE SEGUNDA (continuação)

Jesus na Festa dos Tabernáculos

A c h a v a - s e Jerusalém engalanada — corriam as solenidades populares dos Tabernáculos; todas as praças sorriam, cobertas de tendas e ranchos de verde ramagem. Nas escadarias do templo fervilhava um incessante vaivém de devotos. Do altar dos holocaustos se erguia no ar, todos os dias, ao nascer e ao pôr-do-sol, uma espessa fumarola, que parecia penetrar a vastidão do firmamento outonal.

Falava-se muito no profeta de Nazaré. Não viria à festa?. . . ele, homem tão religioso. . .

Os inimigos de Jesus haviam expedido ordem para prendê-lo, logo que aparecesse.

Jesus, porém, não aparecia. Veriam os fariseus burladas as suas esperanças?..

²* Hoje, Editora Martin Claret.

As personagens notáveis, as que sobressaem do meio da massa anônima dos vulgares e dos médiocres, costumam ser alvo de comentários dos mais descontraídos. Também em torno de Jesus se teciam pareceres de todo o gênero.

— Ele é bom — diziam uns

— Qual! — contestavam outros — engana o povo.

Entretanto, ninguém ousava falar às claras sobre Jesus, porque temiam os chefes da sinagoga.

Passaram-se assim os primeiros dias da festa.

Já andavam em meio às solenidades, quando Jesus subiu ao templo e pôs-se a ensinar.

Como um relâmpago, correu pela cidade a notícia da chegada do Nazareno. Acudiram os curiosos para vê-lo, afluíram os devotos para ouvi-lo; acorreram os fariseus e os sacerdotes para espreitá-lo e criticar-lhe as palavras e ações.

Iniciou, então, Jesus uma série de discussões em torno da sua missão divina. Dessas dissertações nos conservou o evangelista João um esboço incompleto, de modo que nem sempre é fácil seguir os vãos do espírito do Mestre. São fragmentos dispersos, apontamentos avulsos, apanhados a esmo ou reproduzidos de memória. Mas, ainda assim, fazem transparecer a relevância do assunto e os fulgores do espírito de Jesus.

Cheios de admiração, diziam os judeus:

— Como conhece ele as Escrituras sem ter estudado?

Percebeu Jesus o aparte, e tomou-o por ponto de partida para uma elucidação, dizendo:

— Eu não tenho de mim mesmo a minha doutrina, mas, sim, daquele que me enviou. Quem quiser cumprir a minha vontade conhecerá se a minha doutrina vem de Deus, ou se falo de mim mesmo. Quem fala de si mesmo procura a sua própria glória; mas quem procura a glória daquele que o enviou fala a verdade de quem o enviou, e nesse não há falso.

Como se dissera: Estais admirados de eu conhecer as Escrituras, sem ter cursado as vossas aulas? Eu tenho uma escola que vós não conheceis; o meu conhecimento vem do meu Cristo divino, e não do meu Jesus humano; foi no seio do Cristo que bebi o que proponho. Se estivésseis dispostos a cumprir a vontade de Deus, compreenderíeis sem dificuldades o que estou dizendo, e, se não o compreendeis, é por culpa vossa. Vós, quando ensinais, é por motivo de vanglória? Eu, porém, quando falo, é por amor à verdade.

Interrompeu Jesus o seu discurso para curar um doente, que lhe apresentaram. Mas era dia de sábado — e logo os judeus o acoimaram de profanador do descanso sabatino. Mas ele refutou com tanto vigor essa acusação, que alguns dos judeus, sobrevivendo na ocasião, observaram:

— Porventura, não é este a quem procuram matar? E ei-lo a falar em público, e ninguém o proíbe! Será que os chefes reconheceram de fato que ele é o Cristo?

— Qual! — replicaram outros — nós sabemos de onde vem esse homem; mas, quando vier o Cristo, ninguém saberá de onde vem.

Não era exata esta opinião; os profetas tinham dito claramente que o Messias nasceria em Belém de Judá. Mas era idéia corrente entre os judeus, baseados em interpretações falsas, que o Messias apareceria de improviso, sem que ninguém soubesse como nem de onde. O Nazareno, porém, era filho da Galiléia, diziam eles, e todos conheciam os pais e os parentes dele.

Formaram-se dois partidos, pró e contra Cristo. Muitas pessoas do povo bem intencionadas criam nele, e, a despeito das iras do Sinédrio, ousavam externar a sua opinião.

— Quando vier o Cristo, fará prodígios maiores do que ele faz?

Palavras como esta não podiam deixar de acirrar os adversários do Nazareno.

Compadecido da cegueira dos próceres, disse

Jesus:

— Ainda um pouco de tempo estarei convosco; e vou para quem me enviou. Haveis de procurar-me, mas não me encontrareis; porque, onde eu vou, aí vós não podeis chegar.

Observaram então os judeus:

—Aonde pretende ir, que não possamos encontrá-lo? Será que demandará às regiões onde os filhos de Israel vivem dispersos entre os gentios?

Assim terminou este dia...

Cerravam-se cada vez mais os horizontes; mas a tempestade mortífera só devia desabar daí a meses, porque assim o queria Jesus.

Último Dia da Festa dos Tabernáculos

Despontou o último dia da festa, o mais solene de todos. Veio também Jesus assistir às cerimônias litúrgicas, no meio do povo. Acompanhou a deslumbrante procissão que, do alto de Moriá, descia até à fonte de Silóé; viu como o sacerdote, por entre o clangor das trombetas e o júbilo do “grandeHallel”, colhia água em um vaso de ouro, tornava a subir a colina do templo e derramava o líquido, misturado com vinho, no altar dos holocaustos.

Expirara a tocante cerimônia; acabavam de morrer, no santuário, os últimos ecos da grande exultação religiosa; ainda a multidão popular se quedava no átrio quando Jesus, do alto da escada semicircular de quinze degraus, bradou em altas vozes:

— Quem tiver sede venha a mim e beba! Quem tiver fé em mim, brotar-lhe-ão do interior torrentes de águas vivas!

Tão grande foi a impressão que no povo causaram estas palavras e a subsequente explanação do Mestre, que alguns exclamaram, cheios de entusiasmo:

— Este é realmente o profeta?

Outros, com mais precisão, diziam:

— Este é o Cristo!

Pelo meio do povo se esgueiravam os emissários do Sinédrio, que tinham ordem de prender o Nazareno e entregá-lo aos sacerdotes. Mas, quando o viram de perto, e quando lhe ouviram a doutrina, sentiram-se perplexos e não ousaram mover um dedo para o tocarem; quedaram-se, confusos, sem saber o que fazer.

Terminadas as cerimônias e dissolvida a reunião, voltaram os mensageiros à presença dos pontífices — sem o Nazareno.

— Por que não o trouxestes? — bradaram os sacerdotes.

— Ora! — balbuciaram eles — nunca ninguém falou como esse homem!

— Como?! — replicaram os sacerdotes, indignados—também vós vos deixastes seduzir? Há, porventura, entre os chefes ou fariseus quem nele creia?. . . E só essa plebe, que não conhece a lei!... Malditos sejam!...

Mas não era apenas a plebe ignorante que aplaudia a Jesus, como os fariseus logo teriam ensejo de verificar. No próprio Sinédrio rompera a cisão; um dos seus membros mais conspícuos, Nicodemos, que outrora procurara Jesus, de noite, ousou observar desassombradamente:

— Acaso a nossa lei condena um homem sem primeiro o ouvir e inquirir o que fez?

A ponderação era sensata e oportuna. Mas... o coração tem razões de que a razão nada sabe!... Em vez de replicar com argumentos, responderam os fariseus com injúrias, exclamando:

— És também tu galileu?

Ser galileu era ser amigo do Nazareno.

E, abandonando o caminho da verdade, recorreram a sofismas, acrescentando:

— Examina as Escrituras, e verás que da Galiléia não vem profeta algum.

Quem maior necessidade teria de examinar as Escrituras eram os fariseus, e não Nicodemos; porque em parte nenhuma afirma o Antigo Testamento que da Galiléia não vem profeta; pelo contrário, eram filhos da Galiléia os profetas Jonas e Nahum, como também Débora. Aliás, Jesus não era natural da Galiléia, mas de Belém da Judéia — e também isto se dizia claramente nas Escrituras, no vaticínio de Miqueas. Mas é assim mesmo: onde começa a paixão, acaba a razão; quem procura fugir à luz da verdade, cai no abismo da incoerência...

Parece que Nicodemos não era o único, no Senado religioso de Israel, a tomar partido a favor de Jesus, tanto assim que veio a travar-se entre os sinedristas uma discussão acalorada sobre a pessoa e natureza do *rabi* de Nazaré.

O resultado de todo esse tumulto apaixonado foi nulo, afirma o historiador evangélico. Dissolveu-se a assembléia sem nada ter positivado, e voltou cada um para sua casa.

A Adúltera

Estavam terminadas as ruidosas festividades dos Tabernáculos. Murcha pendia a ramaria dos ranchos, que cobria as praças da capital e as campinas dos arredores; por toda a parte, a folhagem seca a juncar os pavimentos — folhas de outono, significativo símbolo do povo de Israel, estranho presságio daquela cena que logo se ia desenrolar no átrio do templo.

Naqueles tempos, como muitas vezes em nossos dias, as festas religiosas populares, a par de edificantes testemunhas de fé e piedade, eram também dias de lamentáveis desordens, e, não raro, o diabo mais do que Deus colhia farta messe.

Jesus conservava-se ainda em Jerusalém, ensinando diariamente no templo. Por mais numerosos que fossem os seus inimigos, ninguém lhe podia fazer mal antes de chegar a “sua hora”; e essa hora estava nas mãos do Cristo. Ao anoitecer porém, saía invariavelmente da cidade, retirando-se para o Monte das Oliveiras, a fim de fruir algumas horas de repouso, talvez em casa de seus amigos de Betania. Jerusalém era um campo de batalha semeado de espiões; e Jesus, apesar de sua confiança na Providência Divina, nunca deixava de parte os ditames da prudência humana.

De manhã, bem cedo, reaparecia no templo e tornava a falar ao povo sobre o reino de Deus.

Em um dia desses, quando Jesus se achava no chamado átrio do povo, acessível a todos os israelitas, homens e mulheres — eis que de súbito um grupo de fariseus abre caminho através da multidão, arrastando aos pés de Jesus uma jovem mulher apanhada em adultério.

Era noiva, a infeliz, em um dos tumultuosos divertimentos dos últimos dias da festa, caíra vítima da sedução de um homem que não era seu noivo. A lei de Moisés decretava a morte para a mulher casada que violasse a fidelidade conjugal, e a morte cruel de apedrejamento público para a noiva que se esquecesse da palavra empenhada. Para os israelitas, o noivado equivalia a um verdadeiro matrimônio, com a diferença de os cônjuges não viverem ainda debaixo do mesmo teto, nem usarem dos seus direitos recíprocos.

Os fariseus tinham olhos de lince, para os pecados do próximo...

A jovem, apreendida por eles, devia, pois, ser apedrejada. Disto nem duvidaram os acusadores; pois era lei, e os zeladores da lei eram eles. Mas queriam aproveitar o incidente

para armar uma cilada ao profeta de Nazaré.

A ocasião não podia ser mais propícia. Não faltavam testemunhas, para presenciarem a “derrota do Nazareno”. A trama estava muito bem urdida; o plano tinha requintes de astúcia e não podia falhar.

— Mestre — dizem os fariseus, com fingida seriedade — esta mulher acaba de ser apanhada em adultério. Ora, na lei, mandou-nos Moisés que apedrejássemos semelhantes mulheres. E tu, que dizes?

Momentos de silêncio.. .

Todos os olhares convergiam sobre a desditosa criatura; todos a condenavam; ninguém perguntava: onde está o cúmplice? Quem é o sedutor? Quem é o mais culpado?. . . Não, ela, a parte mais fraca, teve a desgraça de ser apanhada, ao passo que o outro, mais forte e mais astuto, conseguiu evadir-se sem ser reconhecido. Por isso, a perversidade do sedutor passa em silêncio, e a fragilidade da seduzida é assoalhada na praça da mais larga publicidade. A lei era só contra a mulher.

E o *rabi* de Nazaré? Estaria ele pelos autos?

Renunciaria à sua proverbial bondade e indulgência? Poderia ver o sangue da jovem vítima a tingir o solo? Ou se atreveria a absolver a adúltera? A usar de misericórdia em um caso de tamanha gravidade? Teria a audácia de contradizer a lei de Moisés? Ele, que proclamava a cada passo que não viera para abolir a lei, mas, sim, para levá-la à perfeição?..

Jesus parecia indeciso por alguns momentos. Inclinou-se, e traçou na areia do pavimento caracteres misteriosos. Que escrevera ele? O nome do cúmplice? Algum dentre os fariseus ou doutores da lei? Os adultérios secretos deles? Não sabemos — eles leram. . .

Expectativa geral...

Jesus, depois de escrever na areia, ergue-se, corre um olhar prescrutador pelos acusadores e diz tranquilamente:

— Aquele dentre vós que não tem pecado, atire- lhe a primeira pedra!

Como um raio em céu sereno caiu esta palavra na consciência dos fariseus... Estremeceram... Por essa não esperavam eles... O Nazareno concorda em que a criminosa seja apedrejada, conforme a lei — mas por mãos impolutas.

E onde estavam essas mãos bastante puras para lançarem a primeira pedra àquela mulher impura?

Os zeladores da lei entreolharam-se, mudos, perplexos; cada um esperava que o vizinho se abaixasse para levantar a primeira pedra. Mas ninguém se atrevia, ninguém queria ser o primeiro; todos tinham a sensação de que aqueles dois olhos devassavam os mistérios da

consciência deles como tantas vezes dera a entender o Nazareno....

Jesus, no meio daquela indecisão geral, tornou a traçar na areia sinais enigmáticos. Talvez os nomes dos pecadores. Os fariseus aproveitaram a oportunidade para se esgueirarem sorrateiramente, um após outro, a começar pelos mais velhos, provavelmente os que tinham na consciência mais pesada carga de pecados...

Ficaram no meio do átrio só a mulher e Jesus — a miséria e a misericórdia...

Se a adúltera tinha de esperar castigo, só o podia esperar da parte deste homem, porque só ele era sem pecado; estava aí quem tinha as mãos impolutas e lhe podia atirar a primeira pedra — primeira e a última.

Mas a suprema pureza não podia deixar de ser o supremo amor.

Ergueu-se, pois, a divina misericórdia e perguntou à humana miséria:

— Mulher, onde estão aqueles que te acusavam? Ninguém te condenou?

'— Ninguém, Senhor — respondeu ela levantando pela primeira vez o olhar perturbado.

E, então, em vez do sibilar mortífero das pedras a derribarem por terra a pecadora, soa aos ouvidos da penitente a palavra do perdão e da vida:

— Nem eu te condenarei; vai-te, e não tornes a pecar.

A Luz do Mundo

Ainda se achava Jesus no templo, no “gazofilácio”, isto é, no pórtico do átrio do povo, onde estavam colocados os cofres para as ofertas destinadas ao culto.

Ardia, ali, desde o início da festa dos Tabernáculos, um dos grandes candelabros de quatro braços, em cada um dos quais cabiam cerca de trinta litros de azeite. Esses focos espargiam abundante claridade pelo vasto recinto. Simbolizavam aquela luz divina que Isaías divisara em profética visão, quando escrevia: “O povo que jazia nas trevas viu um luzeiro, e aos que habitavam nas regiões sombrias da morte apareceu-lhes uma grande luz.”

Já não tinha razão de ser esse candelabro; era tempo de empalidecer a estrela noturna da lei antiga, porque despontava o astro diurno da nova aliança e traçava a sua trajetória pela Palestina. Israel, porém, dormia... dormia... dormia...

— Eu sou a luz do mundo! Quem me segue não anda em trevas, mas tem a luz da vida.

Jesus compara-se à luz, à claridade do cosmos!...

Em outra ocasião dissera: Eu sou a ressurreição e a vida!

— Dás testemunho de ti mesmo — é sem valor o teu testemunho! — bradaram alguns.

Respondeu-lhes Jesus:

— Ainda que eu dê testemunho de mim mesmo, tem valor o meu testemunho; porque sei

de onde vim e para onde vou. Vós julgais segundo o exterior, eu não julgo a ninguém. Mas, ainda que julgasse, seria verídico o meu julgamento; porque não estou só; comigo está o Pai, que me enviou. Está escrito na vossa lei que o testemunho de dois homens tem força legal. Ora, sou eu que dou testemunho de mim, e dá testemunho de mim o Pai, que me enviou.

Inquiriram os fariseus:

— Onde está teu Pai?

— Não me conheceis nem a mim nem a meu Pai. Se me conhecesseis a mim, também conheceríeis a meu Pai. Eu partirei. Procurar-me-eis mas morrereis no vosso pecado. Aonde eu vou, lá não podeis ir vós.

Observaram os judeus:

— Será que vai suicidar-se, uma vez que diz:

Aonde eu vou, lá não podeis ir vós?

Disse-lhes Jesus:

— Vós sois cá de baixo, eu sou lá de cima; vós sois deste mundo; eu não sou deste mundo.

Disse-vos que morrereis nos vossos pecados; sim, se não crerdes que sou eu, morrereis nos vossos pecados.

Perguntaram-lhe eles:

— Pois, quem és tu?

Tornou-lhes Jesus:

— Por que, afinal, estou a falar-vos? Muitas coisas teria a dizer-vos ainda, e muita coisa a julgar, mas quem me enviou é verdadeiro, e eu não anuncio ao mundo senão o que ouvi dele.

Não atinaram eles que lhes falava do Pai. Prosseguiu Jesus, aludindo à sua morte:

—Quando tiverdes suspenso o Filho do Homem, conhecereis que sou eu, e nada faço de mim mesmo; mas digo o que o Pai me ensinou. Está comigo aquele que me enviou; não me deixa só, porque eu faço sempre o que é do seu agrado.

Após estas palavras, muitos creram nele. Des- pontou-lhes na alma a “luz do mundo”.

O Cego de Nascimento

Toda a discussão que Jesus travara no templo com os seus adversários girava em torno da verdade fundamental do Cristianismo: a realidade do seu Cristo divino.

Acabava de afirmar com palavras esta verdade e dispunha-se a confirmá-la com uma obra prodigiosa.

Os incrédulos daquele tempo (como os dos nossos dias) viviam a reclamar um sinal palpável, um prodígio de inegável verdade e realidade, um caso que se pudesse verificar com

todo o rigor da crítica.

E Jesus resolveu condescender com seus inimigos e colocar-lhes diante dos olhos um acontecimento deste caráter, para lhes tirar qualquer motivo de incredulidade.

Ao sair do templo, deparou-se a Jesus um homem que era cego de nascença. Passava o dia sentado nas escadarias do templo, implorando a caridade dos transeuntes.

Ao ouvir passar aquele grupo de homens, ergueu as órbitas sem luz em direção ao ruído de passos, e estendeu a mão para receber uma esmola com que prolongar a noite da sua triste existência.

Jesus, porém, em vez de encarregar ao tesoureiro do colégio apostólico de lhe dar uma moeda, resolveu conceder-lhe o maior dos benefícios que o poder divino e a humana caridade podiam prestar a um pobre cego.

Parou ao pé do infeliz, e logo os discípulos perguntaram:

— Mestre, quem foi que pecou para esse homem nascer cego, ele ou seus pais?

Os discípulos põem o Mestre em face de duas alternativas: ou esse homem que nasceu cego pecou antes de nascer, devendo, pois, ter preexistido ao seu nascimento terrestre — ou seus antepassados pecaram e ele lhes herdou o castigo do pecado. Com outras palavras: ou reencarnação ou pecado original.

Jesus, porém, não aceita nem esta nem aquela alternativa. Responde calmamente:

— Nem ele pecou nem seus pais pecaram para ele nascer cego; mas isto lhe aconteceu para que nele se manifestassem as obras de Deus.

As obras de Deus são a evolução espiritual desse homem. Os discípulos só conheciam sofrimento-débito, ao passo que o Mestre fala em sofrimento-crédito. O grande sofredor Job não sofria por débitos, mas para acumular crédito. O próprio Jesus declara aos discípulos de Emaús que ele sofreu tudo aquilo “para assim entrar em sua glória”, isto é, pela plena auto-realização do seu Jesus humano, pelo poder do seu Cristo divino.

Em seguida, diz o texto, Jesus cuspiu na terra, fez com a saliva um lodo, aplicou-o aos olhos do cego e disse-lhe:

— Vai lavar-te no tanque de Siloé.

Foi, lavou-se, e voltou curado.

Disseram então os vizinhos que, anteriormente, o tinham visto a mendigar:

— Não é este o homem que estava sentado à porta do templo, pedindo esmola?

— Sim, é ele — concordaram alguns.

— Não é — retrucaram outros — mas é parecido com ele.

O homem, porém, apressou-se a declarar:

— Sim, sou eu mesmo.

Ao que lhe perguntaram:

— Como foi que se te abriram os olhos?

Respondeu-lhes:

— Aquele homem que se chama Jesus fez um lodo e aplicou-mo aos olhos e disse-me:

—Vai lavar- te no tanque de Siloé! Fui, lavei-me e vejo.

— Onde está esse homem? — indagaram alguns.

— Não sei — replicou o recém-curado.

Então conduziram o homem que recuperara a vista à presença dos fariseus.

Ora, era precisamente em dia de sábado que Jesus abria os olhos ao cego de nascença.

Os fariseus, por seu turno, renovaram o interrogatório para saber dos lábios do felizardo como recuperara a luz dos olhos.

Respondeu-lhes:

— Aquele homem aplicou-me lodo aos olhos; fui, lavei-me e vejo.

Até aqui o evangelista. Entra agora em cena a obstinação dos fariseus. O caso não admitia dúvidas. Era evidente que Jesus operara um grande prodígio. Aqueles espíritos enfatuados, porém, em vez de reconhecerem na pessoa do Nazareno um poder divino, replicaram:

— Esse homem não é de Deus; pois não guarda o sábado.

Era fútil a acusação, uma vez que não existia violação do descanso sabatino. Mas a descrença encontra sempre dificuldades onde não existem.

Outros, mais sensatos, ponderavam:

— Como pode um pecador fazer tais prodígios?

Formaram-se dois partidos.

Pelo que os fariseus foram de novo ter com o homem que era objeto dessa discussão, e lhe perguntaram:

— E tu, que dizes de Jesus, pois que te abriu os olhos...

— Que é um profeta! — exclamou ele.

Aí está! O principal interessado, testemunha presencial do fato, declara que se trata de um prodígio sobre-humano, cujo autor é um profeta, um santo, um amigo especial de Deus.

Que fazer, pois?

Lembram-se de pôr em dúvida a cegueira anterior do homem, não obstante a convicção em contrário da cidade em peso. O pobre homem nascera cego; não havia quem o ignorasse; desde largos anos, vivia da caridade pública, sentado à porta do templo, a esmolar — não importa! para a incredulidade ele não nasceu cego! Preferem negar a luz do sol a renunciar aos seus

preconceitos!...

Foram, pois, os fariseus chamar os pais do homem em questão e perguntaram-lhes:

— É este vosso filho, que dizeis ter nascido cego? Como é pois, que agora vê?

Responderam os pais:

— Sabemos que este é nosso filho e que nasceu cego; mas, como é que agora vê, não o sabemos, nem tampouco sabemos quem lhe abriu os olhos. Perguntai a ele mesmo; tem idade; que dê informações sobre si mesmo.

Viam-se os inimigos de Jesus em grandes apuros. Tanto o homem como seus pais declaravam unanimemente que ele nascera cego, e cego fora até aquele dia. Por outro lado, não era possível negar que recuperara a vista por intermédio de Jesus.

E agora?... Que partido tomar? . . .

Ficava-lhes ainda um derradeiro recurso, recurso de desesperados: negar o caráter divino do prodígio e atribuí-lo a uma intervenção diabólica, degradar o caso a um portento de Satanás e acoimar o seu autor de pecador e aliado do príncipe das trevas.

Mandaram, pois, chamar novamente o homem que fora cego, submeteram-no a um segundo ou terceiro interrogatório; e disseram com ares de ardorosos zeladores da glória divina:

— Dá glória a Deus! Nós sabemos que esse homem é pecador.

A este exórdio irreverente tomou o agraciado a defesa de seu benfeitor, observando:

— Se é um pecador, não sei; só o que sei é que eu estava cego e agora vejo.

— Que foi te fez? — perguntaram-lhes eles — como foi que te abriu os olhos?

— Já vo-lo disse! — replicou o outro, contrariado.— E bem o ouvistes. Por que quereis ouvi-lo mais uma vez?

E, com ares de mal disfarçada ironia, acrescentou:

— Será que também vós quereis tornar-vos discípulos dele?...

Ouvindo isto, injuriaram-no, e disseram:

— Sê tu discípulo dele! Nós somos discípulos de Moisés! Sabemos que Deus falou a Moisés; mas, quanto a esse tal, não sabemos donde vem.

Retrucou o que fora cego:

— Pois é bem estranho que não saibais de onde vem esse homem, quando me abriu os olhos! É sabido que Deus não atende aos pecadores; mas quem teme a Deus e lhe cumpre a vontade, a esse Deus o atende.

Desde o princípio do mundo, não se ouviu dizer que alguém tivesse aberto os olhos a um cego de nascença! Se esse homem não fosse de Deus não poderia fazer coisa alguma.

Era irretorquível o argumento, e os fariseus, mau grado seu, bem lhe sentiram a força. Mas, em vez de se darem por vencidos e crerem humildemente no poder do Nazareno, recorreram a um expediente a que soem recorrer todos os inimigos da Verdade, quando lhes faltam argumentos mais dignos: cobrirem de injúrias o arauto da Verdade, exclamando:

— Nasceste todo em pecados — e pretendes dar-nos lições a nós?...

E, como resposta última e definitiva à verdade incômoda, excomungaram o ex-cego, expulsando-o da sinagoga.

Ouviu Jesus que tinham expulsado o confessor da fé, e, encontrando-se com ele, perguntou-lhe:

— Tens fé no Filho de Deus?

Respondeu o homem:

— Quem é, Senhor, para que possa ter fé nele?

Tornou-lhe Jesus:

— Estás a vê-lo; quem fala contigo esse é que é!

Prostrou-se ele aos pés de Jesus, exclamando:

—Tenho fé, Senhor!

Exclamou então Jesus em altas vozes:

— Eu vim ao mundo para exercer juízo! Os cegos recuperarão a vista, e os que vêm se tornarão cegos!

Tornaram-lhe os fariseus:

— Será que também nós somos cegos?

Replicou-lhes Jesus:

— Se fôsseis cegos, não teríeis pecado; entretanto, dizeis: nós vemos! — subsiste o vosso pecado!

Quer dizer: Se fosse sem culpa pessoal a cegueira do vosso espírito, como a cegueira desse homem que acabo de curar, teria escusa a vossa incredulidade. Mas não é o que acontece: a vossa cegueira é culpável; sois incrédulos, não por falta de motivos de credibilidade, mas por falta de boa vontade! Há anos que os meus prodígios vos estão a provar a minha missão divina.

Hoje, como naquele tempo, continua Jesus a ser condenado pelo orgulho dos espíritos impenitentes, através de todos os séculos e milênios da história.

O Bom Pastor Era ao cair da tarde.

Os lavradores regressavam dos seus trabalhos, com as ferramentas aos ombros. Os pastores tangiam diante de si os rebanhos, pelas ruas da cidade, para dentro dos estábulos. Os remediados possuíam o seu aprisco próprio, ao passo que para os pobres existiam em cada

cidade e aldeia diversos currais, destinados a abrigar em comum os rebanhos que voltavam das pastagens circunvizinhas. Uma cerca ou taipa fechava o vasto recinto, e, ao pé da entrada, ficava de plantão o guarda. Tocava a cada guarda uma vigília, isto é, três horas noturnas.

Ao romper do dia vinham os pastores, entravam no redil e chamavam as suas ovelhas pelo nome, ou por meio de assobio peculiar; e logo acudiam as ovelhas do respectivo rebanho e se agrupavam em torno de seu pastor, pois conheciam-lhe o timbre da voz.

Punha-se, então, o pastor à testa do bando e conduzia-o para fora, aos ricos vargedos que se alargavam para as bandas de Beth-Sahur, ou às planícies de Esdremon.

De vez em quando, conseguia algum ladrão burlar a vigilância do guarda noturno do aprisco, pulava a cerca, arrebatava algum dos cordeirinhos e fugia despercebido.

Quantas vezes não tinha Jesus presenciado estas cenas bucólicas na sua terra natal! E, como costumava tomar argumento das coisas concretas para elucidar verdades espirituais, em uma dessas tardes começou a tecer comentários sobre a sua missão de pastor de almas.

Esboçando vivo contraste entre a dedicação do pastor e perfídia do ladrão, dizia:

— Em verdade, em verdade vos digo: quem não entra pela porta, mas sobe por outra parte, é ladrão e salteador; só quem entra pela porta do redil, este é o pastor das ovelhas. A este o porteiro lhe abre, e as ovelhas lhe compreendem a voz; e ele chama pelo nome as que são suas e as leva para fora. E, depois de conduzir fora as suas ovelhas, vai adiante delas, e elas o seguem, porque lhe conhecem a voz. Ao estranho, porém, não o seguem, mas fogem dele, porque não conhecem a voz dos estranhos.

Depois de descrever esta cena real de cada dia, Jesus faz a sua aplicação espiritual, dizendo:

— Eu sou a porta para as ovelhas. Todos os que vieram foram ladrões e salteadores; e as ovelhas não lhes prestaram ouvidos.

Não queria Jesus condenar todos os pastores de Israel simplesmente, mas os chefes espirituais do seu tempo; pois tinha havido pastores e guias ótimos, como Moisés, Davi e os profetas da lei antiga. Mas, infelizmente, no templo de Jesus, só possuía o rebanho “guias cegos” e “mercenários” interesseiros. E qual o pasto espiritual que oferecia às pobres ovelhas? Não passava, muitas vezes, “da palha seca das suas tradições humanas”, questiúnculas estereis e cavilações pedantescas em torno da letra da lei, ao passo que o espírito sucumbia asfixiado sob o peso das formalidades exteriores. Por isso, todas as vezes que Jesus via em derredor de si as multidões populares, confrangia-se-lhe o coração, “porque eram quais ovelhas sem pastor”.

E prosseguiu, dizendo:

— Eu sou a porta: quem entrar por mim se salvará; entrará e sairá e encontrará pasto. O

ladrão não vem senão para matar e destroçar. Eu vim para que tenham a vida, e a tenham mais abundante. Eu sou o bom pastor. O bom pastor põe a sua vida à serviço das suas ovelhas. O mercenário, porém, que não é pastor e ao qual não pertencem as ovelhas, vê chegar o lobo, e foge; e o lobo dispersa e arrebatava

as ovelhas. O mercenário foge, porque é mercenário e não tem interesse pelas ovelhas. Eu sou o bom pastor. Eu conheço as minhas ovelhas, e minhas ovelhas me conhecem a mim, assim como me conhece meu Pai, e como eu conheço o Pai. Eu ponho a minha vida a serviço das minhas ovelhas. Tenho ainda outras ovelhas, que não são deste aprisco. Também a estas devo trazê-las; e ouvirão a minha voz, e haverá um só rebanho e um só pastor.

Outros povos — talvez de outros mundos — todos são ovelhas do Cristo.

“Dar a sua vida” pode significar “morrer”; mas pode significar também, como se depreende do texto grego, “pôr a sua vida a serviço dos outros”. De fato, é maior prova de amor pôr toda a sua vida terrestre a serviço de seus semelhantes, do que morrer por eles de uma vez.

A Pérola das Orações

Continuava Jesus a passar os dias em Jerusalém, e as noites em Betânia, na doce familiaridade da casa de Lázaro, Marta e Maria, quando não amanhecia no Monte das Oliveiras, em colóquio com o Pai celeste. Também durante o dia se retirava frequentes vezes do meio da sociedade, para entrar na atmosfera benéfica da oração. A sua alma respirava então aliviada, desopressa. O mundo profano era para Jesus um exílio; o mundo espiritual era a sua pátria.

Certo dia, alguns dos discípulos se acercaram do Mestre, quando estava em oração, e tão enlevados ficaram, que lhe pediram:

— Senhor, ensina-nos a orar, assim como João ensinou a seus discípulos:

Respondeu-lhes Jesus:

— Quando orardes, dizei: Pai nosso, que estás nos céus; santificado seja o teu nome; venha a nós o teu reino; seja feita a tua vontade, assim na terra como nos céus; o pão nosso de cada dia nos dá hoje; perdoa-nos as nossas dívidas, assim como também nós perdoamos aos nossos devedores; e não nos deixes cair em tentação; mas livra-nos do mal.

*

* *

“Orar” quer dizer literalmente “abrir a boca” (do latim *os, oris*, boca). A verdadeira oração é uma atitude da alma, um abrimento do espírito humano rumo ao espírito divino. Por vezes, esta permanente atitude interior pode manifestar-se em transitórios atos exteriores; mas o

principal é a atitude interna. Neste sentido, diz o Mestre: "Orai sempre, e nunca deixeis de orar." Neste sentido diz ele: "Pedi e recebereis; procurai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á."

A oração não tem por fim pedir algo a Deus, ou lembrar a Deus que nos falta isto ou aquilo, porquanto "vosso Pai celeste sabe que de tudo isto haveis mister". A finalidade da oração é crear no homem um estado de receptividade própria em face de Deus, para que lhe possa acontecer o que lhe deve acontecer.

A natureza extra-hominal está em permanente atitude de receptividade automática e inconsciente, e por isso não lhe falta nada. O Homem, dotado de consciência e livre-arbítrio, deve crear em si, livre e conscientemente, essa atitude propícia de recebimento.

Para Jesus, o "Pai está em nós", e o "reino de Deus está no homem".

A oração é um despertamento do Pai no homem, uma realização de Deus no homem, uma conscientização da presença de Deus no homem.

O Amigo Importuno

Depois de mostrar aos seus discípulos o que deviam pedir a Deus nas suas orações, passou Jesus a concretizar, em diversas parábolas, o modo como se deve orar.

As propriedades da oração são, antes de tudo: fé, confiança, humildade e uma grande perseverança.

A humildade vem magnificamente ilustrada na história do fariseu e do publicano.

Em torno das demais propriedades da prece, bordou o Nazareno duas parábolas que têm o seu que de jocoso, e devem ter despertado certa hilaridade e bom humor no auditório.

São as histórias do amigo importuno e do juiz iníquo.

◆

* *

A vivenda de um pobre *fellah* (lavrador) da Palestina costumava ser, sobretudo nos primeiros dias após o colheita dos cereais, um labirinto de mil coisas e coisinhas, atiradas desordenadamente à grande e talvez única sala da casa — talhas d'água, odres para o vinho novo, vasos para o azeite, vestidos e toalhas pendentes das paredes, a um canto da sala, uma tina com a massa do pão para o dia seguinte, etc., etc. Ao cair da noite, desdobrava o *fellah* as esteiras, que durante o dia se achavam enroladas e encostadas às paredes; e sobre as mesmas se estendia, ao lado de seus filhos, para o descanso noturno.

Eis senão quando, no melhor do sono, soam pancadas vigorosas na tosca porta de madeira! Ao mesmo tempo, se percebe uma voz de fora. O *fellah* reconhece-a. É a do vizinho.

— Ó! de casa!

— Quem é?
— Sou eu, o Eliud!
— Que deseja?
— Amigo, faze o obséquio de me emprestar três pães.
— Como? A esta hora da noite?!
— Sim; porque chegou à minha casa um amigo que estava de viagem, e eu não tenho o que servir- lhe. Momentos de silêncio:

— Ora essa! — murmura o de dentro. Deixa-me em paz. A porta está fechada, e meus filhos estão comigo na cama; não posso levantar-me e dar-te o que me pedes...

Mas os ouvintes de Jesus já sabiam como ia terminar a história dos três pães à meia-noite; o de fora não estaria com vontade de render-se e deixar o amigo viajante diante da mesa vazia. Por isso, continuaria a bater, a insistir e a importunar o camarada de dentro — até que por fim de contas este se levantaria e lhe daria quanto quisesse, se não pelo fato de ser seu amigo, em todo o caso para se ver livre dele e da importunação.

No meio do auditório, se declara grande hilaridade, rompem francas risadas e cruzam-se comentários chistosos. Jesus não se desgosta disto. Depois, tirando moral da parábola prossegue, em tom sério e convicto:

—Assim vos digo eu: “Pedi, e recebereis; procurais, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á. Sim, quem pede recebe; quem procura acha; a quem bate abrir-se-lhe-á.” Por fim, traçando um paralelo entre o pai humano e o Pai divino, conclui:

— Haverá entre vós um pai que dê a seu filho uma pedra, quando este lhe pede pão? Que lhe dê uma serpente, quando lhe pede peixe? Que lhe dê um escorpião, quando lhe pede um ovo? Se, pois, vós, apesar de maus, sabeis dar coisas boas aos vossos filhos, quanto mais o vosso Pai celeste dará o espírito santo aos que lho pedirem!

O homem é a imagem de Deus. E, se tanta bondade reveste essa imagem, qual não será a bondade e perfeição do original divino?

Convém, pois, termos ilimitada confiança e perseverança na liberalidade do Pai celeste.

O Juiz Iníquo

Fez Jesus ver, em outra parábola, que importa orar sempre e não desfalecer. Disse:

— Vivia em uma cidade um juiz, que não temia a Deus, nem respeitava homem algum. Havia na mesma cidade uma viúva, que foi ter com ele e lhe disse: Reivindica os meus direitos contra meu adversário! Negou-se ele a atendê-la por algum tempo. No fim de contas, porém, disse consigo mesmo: — “Verdade é que não temo a Deus, nem respeito homem algum; mas

essa viúva tanto me importuna, que lhe farei justiça, para que não acabe por vir cá, meter-me as unhas na cara.”

Era esse juiz déspota e tirano. Côncio da sua superioridade, não tinha que dar satisfação nem a Deus nem aos homens. Desprezava a plebe, observando fielmente a máxima do poeta romano: *Odi prolanum valgus etarceo*— “odeio o vulgacho profano e dele me afasto.”

Eis que lhe aparece a pobre viúva, defrandada nos seus bens por um homem sem justiça nem caridade. Com a saída da casa paterna ficara ela sem a proteção de pai e mãe, e com a morte do marido se via reduzida à completa falta de recursos.

Mas essa mulher tinha as suas armas: tenacidade e perseverança sem limites. Todo o mundo temia o juiz — ela não! O medo nos outros, era audácia nessa mulher.

Meses seguidos se dirigia a infeliz à casa do juiz; pedia, rogava, suplicava, e, ele não a atendia.

Ela, porém, não sabia o que fosse desânimo; e por vezes eram tão veementes as suas palavras, tão expressivos os seus gestos que o juiz receava um encontro desagradável com aquela mulher tão persistente.

E rendeu-se, finalmente. Remorsos de consciência não os conhecia — não era homem para semelhantes “fraquezas”; nem se comprometia com lei e justiça — pois a lei era ele mesmo; queria sossego...

E deu ganho de causa à viúva importuna.

Talvez um ou outro dos ouvintes de Jesus já se vira em situação análoga.

Enquanto eles, sorridentes, se entreolhavam e comentavam o “caso”, exclamou Jesus:

— Escutai o que diz o juiz iníquo!

E repetiu as palavras arrogantes do homem da lei:

—“Verdade é que não temo a Deus, nem respeito homem algum; mas essa viúva tanto me importuna, que lhe farei justiça, para que não acabe por vir cá meter-me as unhas na cara.”

Depois acrescentou, com dignidade:

— E Deus não faria justiça a seus eleitos, quando dia e noite clamarem a ele? E deixá-lo-ia esperar muito tempo? Digo-vos que bem depressa lhes fará justiça.

Pois, se até um juiz injusto resolve fazer justiça a quem lhe pede com perseverança, como deixaria o Deus da justiça e do amor de atender às súplicas de seus filhos?

E acrescentou Jesus, em tom dolente:

— Entretanto, será que o Filho do Homem, quando vier, encontrará fé sobre a terra?...

Sem uma fé viva não é possível uma confiança perfeita e uma perseverança sem

desfalecimentos.

O Fariseu e o Publicano

Israel continuava figueira estéril, a despeito de todas as solitudes de Jesus. O povo eleito era suficiente a si mesmo; não sentia ainda bastante a necessidade de um redentor; ufanava-se das suas obras, do esplendor do seu culto, da magnificência do seu templo.

Israel queria salvar-se à força de observância legais e não pelo amor de Deus revelado em ética humana.

Por isso, os judeus desprezavam os samaritanos, os *goim*, os “publicanos” e “pecadores”.

Deus, porém, resiste aos soberbos, mas dá a sua graça aos humildes.

E, já que os fariseus não faziam exame de consciência, resolveu Jesus fazê-lo por eles para eles.

Colocou-lhes diante dos olhos, como um espelho, uma parábola, que, não obstante a sua concisão, é obra-prima de psicologia.

Disse, pois, Jesus:

— Dois homens subiram ao templo para fazer oração: um era fariseu, o outro publicano. O fariseu, em pé, orava assim consigo mesmo: "Eu te dou graças, meu Deus, por não ser como o resto dos homens, ladrões, injustos, adúlteros, nem mesmo como esse publicano aí. Eu jejuo duas vezes por semana e dou o dízimo de tudo dos meus haveres."

O publicano, porém, conservando-se à distância, nem sequer ousava levantar os olhos ao céu; mas batia no peito, dizendo: “Meus Deus, tem piedade de mim, pecador!” Digo-vos que este voltou para casa ajustado e não o outro. Porque todo aquele que se exalta será humilhado, e todo aquele que se humilha será exaltado.

E assim, o perfil destes dois homens representam duas classes típicas tão antigas como a humanidade.

E sobre o fundo negro dos pecados do próximo, lança o fariseu a luminosa imagem das suas extraordinárias virtudes e perfeições.

O publicano, porém, nem ousa adiantar-se na consciência da sua indignidade; de olhos baixos, confuso, bate no peito como a exigir castigo de si mesmo, e, com sincera humildade, diz e repete: — “Meu Deus, tem piedade de mim, pecador”.

“E este, diz Jesus, voltou para casa ajustado com Deus, porque reconheceu e confessou as próprias culpas.”

Jesus Acusado de Aliado de Satanás

Certo dia, apresentaram a Jesus um homem possesso de um espírito que lhe tolhia a fala.

Expulsou Jesus o demônio, e no mesmo instante o homem começou a falar, com grande admiração do povo que estava em derredor.

Também presenciaram o prodígio alguns dos fariseus. Mas, em vez de se renderem à evidência e reconhecerem o poder de Jesus, replicaram com ares de intolerante desdém:

—É por Belzebu, chefe dos demônios, que ele expulsa os demônios.

Ia nestas palavras uma grande dose de insolência e pouca lógica.

Jesus, ouvindo isto, respondeu:

—Todo o reino desunido em si mesmo esface- lar-se-á; nenhuma cidade, nenhuma casa desunida em si mesma, pode subsistir. Se, pois, Satanás expelle a Satanás, está em desacordo consigo mesmo — e como pode então subsistir o seu reino? E, se é por Belzebu que eu expulso os demônios, por quem os expulsam então vossos filhos?... Por isso, serão eles vossos juízes! Se, porém, é pelo dedo de Deus que eu expulso os demônios, claro está que chegou a vós o reino de Deus.

O argumento era sem réplica. Era ilógico e absurdo supor que Satanás guerreasse os seus auxiliares. É o que o Mestre faz ver aos seus insolentes opositores.

Entretanto, do fato histórico da expulsão do demônio, se seguia mais outra verdade, a saber, que quem expulsa é mais poderoso do que aquele que é expulso.

Para ilustrar esta verdade, recorre Jesus à seguinte comparação:

— Quando o poderoso bem armado, guarda a sua casa, estão em segurança todos os seus utensílios. Mas se outro, mais poderoso, o atacar e derrotar, lhe tirará toda a armadura em que confiava, e repartirá os seus despojos. Quem não é por mim é contra mim; e quem não recolhe comigo, dispersa.

Conclui Jesus essa discussão com os fariseus impenitentes e impertinentes, fazendo-lhes ver o grande perigo que correm de se tornarem presa dos demônios, eles mesmos, que acoimavam o Messias de aliado de Belzebu. Assim lhes falou:

— Quando o espírito impuro sai do homem, vagueia por lugares desertos em busca de repouso; mas não o encontra. Pelo que diz: .“Voltarei para minha casa de onde saí”. E, chegando, encontra-a varrida e ornada. Vai então e toma consigo mais sete espíritos, piores que ele, e, entrando, se estabelecem nele; e vem o último estado deste homem a ser pior que o primeiro.

O Sinal de Jonas

Numerosos prodígios havia Jesus realizado aos olhos dos judeus, para provar a sua missão divina.

Ainda assim, atrevem-se eles a exigir-lhe um “sinal do céu”, como se para Jesus fosse mais difícil produzir um sinal mirífico nas alturas do céu do que nas profundezas da terra ou na amplidão do universo!

Respondeu-lhes o Mestre que haviam de ver, em breve, um sinal, uma prova de seu poder: a ressurreição da morte.

— Raça perversa, essa raça — exclamou ele — pedem um sinal!... Mas não lhes será dado outro sinal senão o sinal do profeta Jonas. Do mesmo modo que Jonas esteve três dias e três noites nas entranhas do monstro marinho, assim há de também o Filho do Homem ficar três dias e três noites nas entranhas da terra. E, assim como Jonas veio a ser um sinal para os ninivitas, assim também o será o Filho do Homem para esta raça.

“Três dias e três noites”, ou, como diz o texto original, “três noites-dias”, significam três períodos de luz e treva, completos ou incompletos. Pois Jesus não esteve três dias e três noites no seio da terra.

À vista da cegueira e incredulidade dos fariseus, acrescenta Jesus com veemência:

— Os habitantes de Nínive hão de levantar-se contra esta raça, no dia do juízo, e condená-la, porque eles se converteram com a pregação de Jonas — e eis que aqui está quem é mais do que Jonas!

— A rainha do Sul se há de levantar contra os homens desta raça no dia do juízo, e condená-los; porque ela acudiu das longínquas plagas da terra para ouvir a sabedoria de Salomão — e eis que aqui está quem é mais do que Salomão!

E, frisando a causa dessa incredulidade, passa a comparar o espírito a uma luz destinada a iluminar todo o edifício do Eu espiritual, luz que o homem de má vontade coloca debaixo do velador das suas prevenções.

— Ninguém acende uma luz — dizia ele — e a põe em lugar oculto, nem debaixo do velador, mas sim, sobre o candelabro, para que os que entram em casa lhe vejam o fulgor. A luz do teu corpo é o teu olho; enquanto o teu olho for simples estará em luz todo o teu corpo; mas, se o teu olho for mau, todo o teu corpo estará em trevas. Cuidado, pois, que não se torne em trevas a luz que em ti está! Se essa luz se tornar em trevas, quão grande será essa escuridão! Mas, se todo o teu corpo for luminoso, sem nenhum ponto escuro, então, sim, estará tudo em plena luz, como quando o sol te ilumina com os seus fulgores.

Aqui alude Jesus, parece, ao “terceiro olho” dos iniciados, que, quando despertado, lucifica toda a natureza humana.

Questão da Herança, Cuidado com a

Cobiça

Contraste doloroso! Jesus fala do desapego dos bens materiais, da futilidade das riquezas da terra, e do valor imenso dos tesouros celestes — e esse homem, envolvido em um litígio com seu irmão por causa de uma herança, algum pedaço de terra ou uma casa, só pensa em conquistar os bens caducos da vida presente. Durante todo o sermão de Jesus, não pensara em outra coisa. Depois de lhe falharem os recursos judiciários, lembrou-se de apelar para o grande prestígio do profeta de Nazaré, no intuito de satisfazer a sua cobiça. Nada lhe importavam as verdades do reino de Deus; só o interessava o reino da terra; o seu Messias era o dinheiro, o seu Salvador era aquele que o ajudava a agarrar uns bons punhados de metal sonante!..

Replicou-lhe Jesus:

— Homem! Quem me constituiu juiz ou partidador sobre vós?

Sabia Jesus que aquele grito representava a mentalidade de muitos dos seus ouvintes, mais afeiçoados aos bens da terra do que aos tesouros do céu. Por isso acrescentou:

— Cuidado e cautela com toda a cobiça! Ainda que alguém viva na abundância, não é da sua fortuna que depende a vida.

Depois desse exórdio, desenvolve o Mestre, em uma luminosa parábola, a idéia central da sua exortação, dizendo:

— Um homem possuía um campo que lhe produzira fruto abundante. Ao que ele se pôs a pensar consigo mesmo: “Que farei? Não tenho onde recolher os meus frutos... Isto é que farei! Disse: vou demolir os meus celeiros e construí-los maiores, para abrigar toda a colheita e os meus bens. Então direi à minha alma: Agora sim, minha alma, tens em depósito grande quantidade de bens para muitos anos! Descansa, come, bebe, regala-te!”

Deus, porém, lhe disse:

— Insensato! Ainda esta noite te hão de tirar a vida! E as coisas, que amontoaste, de quem serão?

Depois, olhando em derredor, acrescentou, com insistência:

— Assim acontece àquele que acumula tesouros para si, mas não é rico aos olhos de Deus.

Que terá pensado aquele homem que vinha pleitear questões de herança junto ao Mestre de Nazaré?...

A Providência de Deus e a Previdência dos Homens

Continuava a caravana apostólica a percorrer as terras da Palestina. Apreensivos e um tanto desalentados olhavam os discípulos para o futuro. Que fim levaria aquele interminável jornada?... Que era o reino de Deus de que tantas vezes falava o Mestre?... Qual a posição deles neste reino?... E que seria das suas famílias, que tinham abandonado?

Num daqueles dias, em plena viagem, sentou-se Jesus com seus companheiros à sombra de uma árvore...

Por entre a verde ramaria, cantava um passarinho, ledo e despreocupado, como se fosse dono do mundo inteiro. Mais além, na várzea, meio à sombra meio ao sol, floriam uns lírios silvestres, cor de fogo.

Reinava grande calma naquele dia de verão.

Jesus entreouvia o murmúrio queixoso dos discípulos. Deixou-os falar à meia-voz por algum tempo.

Depois interveio e, em tom suave e firme, lhes disse:

— Não vos dê cuidados à vida, o que haveis de comer; nem ao corpo, o que haveis de vestir...

Silêncio profundo...

Então olhou Jesus para o emplumado cantorzinho da alegria, e prosseguiu:

— Considerai as aves do céu! Não semeiam, nem ceifam, não têm nem despensa nem celeiros — Deus é que lhes dá de comer. Ora, não valeis vós muito mais que as aves? Quem de vós pode, com todos os seus cuidados, prolongar a sua vida por um palmo sequer? Se, pois, não sois capazes de coisa tão pequenina, por que vos dais cuidado do mais?...

Envergonhados, os discípulos baixaram os olhos. Até uma avezinha do mato lhes devia servir de exemplo o de fé e confiança na amorosa providência do Pai celeste!...

Em seguida, apontando para uns lírios purpúreos, que banhavam-se à luz do sol, continuou:

— Olhai os lírios do campo, como crescem! Não trabalham nem fiam; e, no entanto, vos digo eu que nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu jamais com um deles.

Que são as mais perfeitas obras de arte fabricadas por mãos humanas, comparadas com as obras-primas da natureza, com as maravilhas do Creador?

Os discípulos meditavam, em profundo recolhimento ...

E no meio deste grande silêncio lançou Jesus a conclusão final:

—Se, pois, Deus veste assim a erva que hoje está no campo, e amanhã será lançada ao forno, quanto mais fará vós, homens de pouca fé! Não pergunteis, portanto, o que haveis de comer, o que haveis de beber, e o que haveis de vestir;

nem vos inquieteis. Os mundanos é que se entregam a esses cuidados. Vosso Pai bem sabe que disto haveis mister. Procurai, pois, em primeiro lugar, o reino de Deus e a sua harmonia — e tudo aquilo vos será dado de acréscimo.

Sempre Alerta

Quanto mais se avizinhava o termo final da vida de Jesus, mais frequentes se tornavam as suas admoestações aos discípulos. Queria vê-los bem preparados para quando rompessem as grandes perseguições.

Encarando aquele grupinho de gente simples do campo e do mar, destinado à conquista espiritual do mundo, disse-lhes o Mestre:

— Não temas, pequenino rebanho, pois aprouve a vosso Pai dar-vos o reino!

—Vendei os vossos haveres e dai esmola. Tratai de adquirir bolsas que não envelheçam, e um tesouro imperecível nos céus, que o ladrão não rouba nem a traça corrói; porque, onde está o vosso tesouro, aí está também o vosso coração.

Depois, aludindo à brevidade da vida presente e ao próximo advento do Filho do Homem, recomendou-lhes que estivessem sempre alerta, quais servos vigilantes que, em plena noite, aguardam a chegada de seu senhor-.

— Andai com a cintura cingida — disse-lhes — e com lâmpadas acesas nas mãos. Sede como homens que estão à espera até que seu senhor volte da festa nupcial, para lhe abrirem, logo que ele chegue e bata. - Bem hajam esses servos a quem o senhor encontrar vigiando à sua chegada! Em verdade vos digo que se cingirá, fará sentarem-se à mesa e, andando daqui e acolá, os servirá. Venha I segunda, venha I terceira vigília, se os encontrar assim — bem hajam esses servos!

A Espada e o Fogo do Cristo

Pelo que tinha ouvido, bem podiam os discípulos concluir que seu Mestre não viera ao mundo para levar uma vida cômoda e regalada, mas que o seu destino era o de servir.

E esta mesma sorte lhes caberia também a eles, se é que queriam ser dignos discípulos dele; pois, como dizia Jesus, o discípulo não está acima de seu mestre, nem o servo é mais que seu senhor.

E, para lhes incutir esta idéia fundamental do seu Evangelho, o espírito de serviço voluntário, assim lhes falou Jesus:

— Pensais que vim trazer paz à terra? Não, digo- vos eu, mas a separação! Daqui por diante, haverá discórdia entre cinco que se acharem na mesma casa; três contra dois, e dois contra três; pai contra filho, e filho contra pai, mãe contra filha, e filha contra mãe; sogra

contra.nora, e nora contra sogra. Há-de o irmão entregar à morte o irmão, e o pai ao filho; há-de o filho revoltar-se contra o pai e tirar-lhe a vida. Por causa de meu nome sereis odiados de todos. Mas quem perseverar até ao fim, esse será salvo.

Clarins de guerra!.. Perspectivas de luta!... Auroras de sangue!...

Mais tarde, em Jerusalém e Antioquia, no Coliseu de Roma e nas fogueiras de Alexandria, compreenderam os discípulos cabalmente esta advertência profética.

Jesus, certamente, é o príncipe da paz, e nem a sua vida nem a sua doutrina desmentiram jamais o jubiloso hino entoado pelos mensageiros celestes sobre a gruta de Belém: “Paz na terra aos homens de boa vontade!” A saudação de Jesus é invariavelmente esta: “A paz seja convosco!” As instruções e diretivas que ele dá a seus missionários é a mesma recomendação: “Quando entrares numa casa dizei em primeiro lugar: A paz seja com esta casa.” E, na hora fatídica do Getsêmane, quando Simão Pedro arrancou da espada, teve de ouvir dos lábios do Mestre a ordem categórica de embainhar a espada, porque o cordeiro de Deus queria ir ao matadouro, sem uma palavra de protesto, sem um gesto de defesa.

Pouco antes da sua morte, deixou Jesus este testamento de paz e de alegria a seus discípulos: “Eu vos dou a paz; eu vos deixo a minha paz, para que a minha alegria esteja em vós; e seja perfeita a vossa alegria, e nunca ninguém tire de vós a vossa alegria.”

Sim, Jesus vinha trazer a paz ao mundo, mas não era amigo de uma “paz podre”, de uma paz covarde e cômoda, e, sim, da paz da consciência conquistada _e mantida à custa de sacrifícios e renúncias. “Deixo- vos a paz, dou-vos a minha paz; mas não a dou como o mundo a dá...”

O homem que quiser seguir ao Cristo quase sempre terá de viver em pé de guerra com as potências deste mundo, mesmo portas adentro do lar e do templo. Os santos e mártires dos primeiros séculos viviam em luta pacífica com os imperadores romanos, e não raro com os próprios pais, irmãos e filhos. Para conservarem a paz com Deus e sua consciência é necessário sacrificar a paz com o mundo.

É desta paz e desta guerra que Jesus fala.

Viera ele à terra trazer o gládio cortante dos grandes heroísmos, a espada flamejante do idealismo, o fogo divino do entusiasmo que, qual incêndio mundial, abrasasse os corações e envolvesse tudo nas suas labaredas.

Neste sentido acrescentou o Mestre:

— Eu vim para lançar o fogo à terra — e que quero eu senão que arda?

Por isso, suspirava Jesus por ver chegada essa hora bendita do sacrifício final:

—Tenho de submergir em um batismo — e como anseio por que ele se realize!

No princípio da sua atividade apostólica, submergira nas águas do Jordão; no fim da sua vida, submergiria num dilúvio de sangue.

Brado de Alarme

Chegaram neste momento, alguns com a notícia de que Pilatos derramara o sangue de uns galileus, no ato de sacrificarem.

Os galileus eram de gênio vivo e feroso. Por ocasião das grandes solenidades de Israel, manifestava-se não raro, em explosões de entusiasmo religioso-nacional a índole desse povo teocrático, que sentia ferver o ódio aos usurpadores de além-mar. Qual afronta perene e desafio ao patriotismo de Israel, lá estava encravada em um ângulo da muralha do templo, a fortaleza romana, o ominioso “castelo Antônia”, com a guarnição militar dos Césares, sempre pronta a acudir ao primeiro aceno do governador pagão, chamar à ordem os judeus, e fazer-lhes sentir que eram escravos de uma dominação estrangeira. Repetidas vezes mencionam os historiadores, desordens e motins por ocasião de grande afluência popular em Jerusalém. Em vista disso, costumavam os governadores romanos transferir a sua residência, nesses dias, de Cesaréia para Jerusalém, ocupando o palácio de Herodes, ou a referida fortaleza.

Foi provavelmente por ocasião de uma dessas festas que Pilatos fez matar bom número de galileus desordeiros, no próprio templo, misturando o sangue deles com o sangue das vítimas que jaziam sobre o altar dos holocaustos. Não é crível que o governador os tratasse tão duramente se eles não tivessem provocado algum motim. É possível que Herodes Antipas se desgostasse do modo sumário por que foram mortos súditos seus, nesta ocasião; pois sabemos que os dois soberanos se desavieram e só se reconciliaram por ocasião do processo de Jesus, na sexta-feira daquela Páscoa.

Deram, pois, parte a Jesus desse acontecimento sensacional.

O Nazareno não se impressionou, mas observou com a sua calma habitual:

— Pensais vós que esses galileus eram pecadores maiores do que os demais galileus, por terem sofrido isto? De modo nenhum, vos digo eu. Mas, se vós não vos converterdes, perecereis também vós.

O espírito de Jesus logo remontava às causas últimas e supremas dos acontecimentos; a morte corporal não representava para ele nenhum mal; mas, sim, a morte espiritual, o pecado; e desta morte podiam e deviam os homens precaver-se.

E logo passa a aludir a outro acontecimento trágico, conhecido de todos os seus ouvintes, dizendo:

— E aquelas dezoito pessoas que pereceram no desabamento da torre de Siloé, cuidais vós que eram mais culpados que os habitantes de Jerusalém? De modo nenhum, digo-vos eu. Mas, se não vos converterdes, perecereis também vós.

Mas isso de conversão era palavra dura aos ouvidos dos judeus.

Resolveu, então, Jesus, propor uma parábola incisiva sobre este assunto: a impenitência de Israel através dos séculos.

A Figueira Estéril

Depois de longos anos de trabalho quase infrutífero, começou Jesus a pintar, em diversas parábolas, a esterilidade espiritual de Israel, comparando-a, certa vez, a uma figueira plantada no meio de uma vinha.

Dizia o Mestre:

— Um homem tinha uma figueira plantada no meio de uma vinha. Veio buscar-lhe fruto, mas não o encontrou. Disse então ao jardineiro: Há três anos que venho procurando fruto nesta árvore, e não o encontro. Corta-a, pois, para que ocupa ainda o terreno?

Respondeu-lhe o jardineiro:

— Senhor, deixa-a ainda este ano; vou cavar em derredor e deitar adubo, a ver se chega a frutificar;

*

*

Nunca existiu no mundo um povo que tenha sido tão cumulado de favores como o de Israel. Séculos e milênios de milagres, profecias e revelações...

Para que deixar ainda viver essa árvore? Rouba a seiva às videiras, e a ninguém é proveitosa. Melhor é cortá-la e lançá-la ao fogo. Não merece o lugar que ocupa...

◆

se não, corto-a depois.

Já o dissera o austero pregador às margens do Jordão: “Produzi frutos de sincera conversão! Porque o machado já está à raiz das árvores. Toda árvore que não produzir fruto bom será cortada e lançada ao fogo!”

Apareceu então um jardineiro de Nazaré e pediu ao dono do campo um prazo de paciência e misericórdia.

E foi ele mesmo cavando o terreno daqueles corações. Rasgou-o com o arado férreo das suas ameaças: “Ai de vós, fariseus hipócritas! Não escapareis à ira de Deus...”

Reolveu a terra com as mãos suaves do seu

amor:

“Vinde a mim, todos os que andais aflitos e sobrecarregados, e eu vos aliviarei...”

Regou-o com as lágrimas dos seus olhos: “Jerusalém! Jerusalém! Quantas vezes tenho querido reunir os seus filhos assim como a ave recolhe debaixo das asas a sua ninhada; tu, porém, não quiseste”... E Jesus chorou sobre a cidade.

Iluminou aquela figueira estéril com a luz da sua doutrina. “Eu sou a luz do mundo; quem me segue não anda em trevas.”.

Apesar de tudo isto, a figueira de Israel permaneceu estéril. . . Mistério da iniquidade humana. . .

Quando o governador romano Pilatos quis soltar Jesus, declarando: “Eu sou inocente do sangue desse homem justo.” Israel, instigado por seus chefes espirituais, bradou: “O seu sangue venha sobre nós e sobre nossos filhos!” E há quase **20** séculos que se está realizando esta terrível auto-maldição.

Não há maior perigo do que abusar dos benefícios de Deus.

A Igreja cristã, em grande parte, não está repetindo a história funesta da Sinagoga de Israel? Não substituiu a nossa teologia os dois grandes mandamentos, da mística e da ética, em que se baseiam toda a lei e os profetas, não os substituiu a teologia por dogmas, sacramentos e ritualismos da sua invenção? Desde o quarto século foi a mensagem do Cristo substituída pela política da teologia sob os auspícios de Constantino Magno.

Segundo as profecias dos videntes, será a figueira estéril cortada e lançada ao fogo, na plenitude dos tempos que parecem estar chegando.

A Mulher Encurvada

Cruzava Jesus as cercanias de Jerusalém, espargindo o seu Evangelho. Nos dias de semana ensinava ao ar livre, à sombra de alguma árvore ou no topo de uma colina. Aos sábados, porém, aproveitando o concurso do povo ao recinto sagrado, doutrinava no templo ou na sinagoga do lugar onde casualmente se encontrasse. Subia ao estrado ou púlpito destinado aos doutores da lei, e ao lado dele tomava lugar o chefe da sinagoga, encarregado da disciplina no lugar sacro.

Em um desses sábados estava Jesus a falar ao povo sobre o reino de Deus, quando viu diante de si uma mulher toda encurvada, com a cabeça inclinada para a terra. E que sofria de uma deformidade da espinha dorsal, que a impedia de aprumar o corpo. Havia dezoito anos que ela arrastava essa desdita, e ninguém lhe podia valer.

Assim que Jesus a viu diante de si, a escutar-lhe atentamente a palavra, interrompeu o seu

sermão e espontaneamente, sem que ninguém formulasse pedido, disse:

— Mulher, estás livre da tua enfermidade!

Impôs-lhe as mãos, e logo ela se aprumou e tornou-se de perfeita saúde, e começou a glorificar a Deus.

Festa da Dedicção do Templo

Meados de dezembro, pleno inverno.

Jerusalém, dispunha-se a celebrar as festas da “Dedicção do Templo” ou, como lhe chamavam os helenistas, Encenia, que quer dizer estréia, renovação.

Recordavam essas solenidades a purificação do santuário feito pelos intrépidos irmãos Macabeus, depois de profanado pelas abominações sacrílegas do rei Antíoco.

Por esta ocasião, afluíam à metrópole grandes multidões. Nos terraços das casas e nas praças públicas ardi.

Pôs-se Jesus no “pórtico de Salomão”, vasta galeria de colunas de mármore branco, que corria pelo lado interno oriental da muralha do templo; levava o nome de Salomão, porque fôra, em parte, construída com materiais do antigo templo salomônico. Era um lugar muito apropriado, abrigado da chuva e dos ventos, e caprichosamente ladrilhado de grandes mosaicos.

Ali se encontrava Jesus com seus discípulos, falando do reino de Deus.

Não tardaram a aparecer alguns dos judeus para observá-lo e analisar as doutrinas que propunha. Animou-se um deles a dizer-lhe:

— Até quando nos trazes na incerteza? Se tu és o Cristo, dize abertamente.

Respondeu-lhes Jesus:

— Bem vo-lo disse, mas não tendes fé. As obras que faço em nome do meu Pai é que dão testemunho de mim. Vós, porém, não tendes fé, porque não sois do número das minhas ovelhas. As minhas ovelhas prestam ouvido à minha voz; eu as conheço, e elas me seguem; dou-lhes a vida eterna, e não se perderão eternamente, e ninguém as arrebatada da minha mão. Meu Pai, que mas deu, é maior que todos, e ninguém as pode arrebatada das mãos de meu Pai. Eu e o Pai somos um.

Tinham os judeus pedido uma resposta clara sobre a natureza de Jesus, e ele lh’a deu, insofismável: “Eu e o Pai somos um”.

Os judeus não tinham idéia exata do Cristo Cósmico; para eles só existia o Jesus humano, como até hoje acontece em muitas sociedades teológicas e espiritualistas. Evidentemente, a pessoa humana de Jesus não era Deus. O Cristo, porém, é a primeira e mais perfeita

individualização da Divindade Universal, que se pode chamar Deus: Neste sentido Jesus chama “deuses” todos os homens, como emanações individuais da Divindade.

Quem confunde Deus com Divindade, e Jesus com o Cristo, não pode compreender o Evangelho.

Os ouvintes não compreenderam o sentido e alcance destas palavras; que Jesus afirmava o seu Cristo como Deus, o que era para eles uma blasfêmia, e a pena da blasfêmia, segundo a lei de Moisés, era a morte.

Por isso, os judeus pegaram em pedras para o apedrejar.

Disse-lhes Jesus cálmamente:

— Muitas boas obras vos tenho mostrado pela virtude de meu Pai; por qual dessas obras quereis apedrejar-me?

Replicaram-lhe os judeus:

— Não é por nenhuma boa obra que te apedrejam, mas, sim, por causa da blasfêmia, porque tu, sendo homem, te fazes Deus.

Esta mesma acusação lhe repetem os judeus naquela memorável sexta-feira, no pretório de Pilatos: “Nós temos uma lei, e segundo a lei ele deve morrer; porque se fez Filho de Deus.”

De maneira que o motivo último e decisivo por que mataram Jesus foi a profissão do seu Cristo. Caifás, em plena sessão do Sinédrio, dirige ao acusado esta intimação solene: “Eu te conjuro pelo Deus vivo que nos digas se tu és o Cristo, o Filho de Deus bendito!” E Jesus responde de modo claro e conciso: “Sim, eu o sou.” E Caifás exclama: “Blasfemou! É réu de morte!”

Respondeu Jesus aos judeus indignados:

— Não está escrito na vossa lei: Disse eu: Vós sois deuses? Ora se a Escritura chama deuses àqueles a quem foi dirigida a palavra de Deus — e não é possível abolir a Escritura — acaso podeis afirmar que blasfema aquele a quem o Pai santificou e enviou ao mundo, por eu dizer: Eu sou Filho de Deus?

Retirada para Peréia

Mais uma vez procuraram os judeus prender a Jesus — por ter afirmado ser Deus — “ele, porém, lhes fugiu das mãos”.

Ninguém o podia prender sem que ele mesmo o quisesse e o permitisse.

Entretanto, Jesus não despreza os recursos da prudência humana, e, para não exasperar seus inimigos, antes que chegasse “a sua hora”, tornou a passar para além do Jordão, em demanda daquele sítio onde João havia administrado o batismo de conversão. E deixou-se ficar por

algum tempo nessa região, mais tranquila, longe do foco das hostilidades. Dénominava-se Peréia esse território; e estendia-se desde as margens do lago de Genesaré até ao litoral do Mar Morto, ocupando toda a zona oriental d'além- Jordão. Era da jurisdição de Herodes Antipas, tetrarca da Galiléia.

Ainda estava bem viva na memória do povo a pregação de João Batista, que por ali andara como uma tempestade de Deus, falando em Jesus.

Por isso, ao ouvirem a palavra do Nazareno, dizia a gente da Peréia:

— Verdade é que João não fez milagres mas tudo que disse a respeito dele está se comprovando verdadeiro.

*

* *

Em u uma dessas ocasiões, quando Jesus estava falando às turbas sobre o reino de Deus e o caminho que a ele conduz, acercou-se dele um homem com esta pergunta:

— Senhor, são poucos os que se salvam?

Pergunta infinitas vezes repetida, desde que a boa nova da Redenção soou pelas terras da Palestina. Mil mil vezes foi suscitada esta pergunta, tão momentosa quão ociosa: são poucos os que se salvam?

O único homem que nos poderia dar resposta certa seria Jesus. Mas ele nunca respondeu à semelhante pergunta, do mesmo modo que não quis indicar o tempo do juízo final.

Passa a questão de curiosidade intelectual para o terreno da ética prática.

— Esforçai-vos por entrar pela porta estreita; porque vos digo que muitos procurarão entrar e não o conseguirão. Uma vez que o dono da casa se tenha levantado e cerrado a porta, ficareis vós da parte de fora, batendo, à porta e chamando: Senhor, abre- nos! Ele, porém, vos responderá: Não sei donde sois vós.

Fazem estas palavras recordar aquelas outras sobre a porta estreita e o caminho apertado, como também a parábola das Dez Virgens.

A resposta que Jesus dá à pergunta sobre o número dos que se salvam é indireta e condicional: salvam-se tantos quantos escolherem o caminho estreito do Evangelho e andarem com a lâmpada acesa — e perdem-se tantos quantos preferirem a estrada larga do mundo e estiverem imersos nas trevas.

E esta a solução ética da questão sobre o pequeno ou grande número dos que se salvam.

O número dos bem-aventurados e o número dos réprobos será determinado pela livre vontade do homem, que tem nas mãos as chaves do céu e do inferno; a graça de Deus não falta a ninguém; mas nem todos cooperam com a graça.

Em seguida, aludindo à reprovação de Israel impenitente, e ao convite das nações, acrescentou Jesus:

— Então começareis a dizer: “Nós comemos e bebemos em tua presença, e tu andaste ensinando em nossas ruas”. Ele, todavia, vos repetirá: “Não sei de onde sois vós; apartai-vos de mim, todos vós, que agis fora da lei.” Então haverá choro e ranger de dentes, quando virdes no reino de Deus a Abraão, Isaac e Jacó e todos os profetas, e vós expulsos. Virão do Oriente e do Ocidente, do Norte e do Sul, e sentar-se-ão à mesa no reino de Deus. E eis que haverá últimos que serão primeiros e primeiros que serão últimos!

A salvação não depende de fatores externos. O fato de alguém ser parente de Jesus, conterrâneo ou contemporâneo dele, não é garantia de salvação. Tudo depende da aceitação do Evangelho do reino e duma vida em harmonia com ele.

Ameaças de Herodes — Ternura Maternal de Jesus

Não viam os fariseus com bons olhos a atividade apostólica de Jesus nas regiões da Peréia, onde o povo simples do campo o escutava com avidez, e frustrava qualquer atentado contra ele. Os inimigos do Nazareno, suspiravam pelo dia em que o pudessem prender clandestinamente em Jerusalém, sem alarmar o povo, sempre amigo dele, “essa plebe maldita que não conhece a lei”, como se dizia no Sinédrio.

Foram, pois, ter com Jesus, mascarados como sempre, e lhe disseram com fingida solicitude:

— Sai e retira-te daqui, porque Herodes te quer matar.

Jesus ouviu tranquilamente a ameaça; mas não se perturba; vai à morte, sim, mas vai quando ele quer, e não quando o querem os seus inimigos; a sua obra é obra de Deus, e não dos homens.

Respondeu, pois, aos fariseus:

— Ide, e dizei a essa raposa: Eis que vou expulsando demônios e realizando curas, hoje e amanhã; no terceiro dia, porém, estarei no termo. Mas, hoje, amanhã e no dia seguinte tenho de caminhar; porque não convém que um profeta pereça fora de Jerusalém...

Vibra nestas últimas palavras uma discreta ironia. Jerusalém gozará do triste privilégio de assassinar o Filho Unigênito de Deus, assim como assassinou os mensageiros de Deus, no Antigo Testamento. Por isso, independentemente das ameaças desse homem astuto, que é Herodes, não tardará o Cordeiro de Deus a demandar a capital dos pais, para se apresentar no matadouro...

De súbito, surge ao espírito profético de Jesus uma visão de horror. A vista da ingratidão da

cidade e da catástrofe que esse crime atrairia sobre o povo de Israel, confrange-se-lhe dolorosamente a alma; lança ao espaço estas palavras de ternura maternal:

—Jerusalém! Jerusalém! Que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados!... quantas vezes tenho querido reunir os teus filhos, assim como a galinha recolhe a sua ninhada debaixo das asas — tu, porém, não quiseste!

Quantas vezes, no remanso idílico de Nazaré, tinha o menino, o adolescente, observado o carinhoso afã que a galinha dedicava aos seus pintinhos!.. Dia e noite. De súbito, acrescentou Jesus:

—Declaro-vos que já não me vereis até que chegue o tempo em que direis: “Bendito seja o que vem em nome do Senhor!”

Cura de Um Hidrópico — Os Primeiros Lugares

Certo dia, ainda na Peréia, foi Jesus convidado a um banquete por um dos fariseus do lugar. Era em dia de sábado.

Ao entrar ná sala, deparou-se-lhe um homem hidrópico. Esse encontro não parece ter sido simples coincidência, senão antes um estratagema dos seus inimigos; queriam ver se Jesus curava aquele infeliz em dia de sábado, profanando assim, lá no entender deles, o dia do descanso.

Ao defrontar com o pobre enfermo e vendo convergidos sobre si todos os olhares, perguntou Jesus:

— É lícito curar em dia de sábado, ou não?

Silêncio em toda a linha!.. .

Então tomou Jesus o homem, curou-o rapidamente e mandou-o embora.

Mas o murmúrio à surdina e os olhares significativos, que muitos dos convivas trocavam entre si, davam a entender que reprovavam aquele “trabalho servil” com que o Nazareno acabava de profanar o dia do descanso.

Pelo que Jesus, sabedor dos seus pensamentos, lhes disse:

— Se a algum de vós cair no poço um burro ou um boi, não o tirará logo, mesmo em dia de sábado?

Se é lícito — e quem ousaria negá-lo? — acudir a uma creatura irracional, em dia de sábado, por que seria pecado arrancar de uma longa enfermidade uma creatura racional?

O incidente com o hidrópico parece ter retardado o banquete. Ainda estava Jesus no meio da sala, enquanto iam entrando, um após outro, os convivas. Não se tratava de pessoas de

apurada educação, por sinal que cada qual procurava ocupar o melhor lugar; os lugares à cabeceira da mesa eram considerados lugares de honra. Talvez que os desculpasse até certo ponto o desejo de verem e ouvirem melhor o célebre profeta de Nazaré, ao qual naturalmente, seria designado um lugar à cabeceira. Os reclinatórios, que então se usavam em vez de assentos, não permitiam uma conversa desimpedida entre número maior de pessoas.

Jesus, contemplando o afã dos convivas, observou judiciosamente:

— Quando fores convidado a algum banquete, não ocupes o primeiro lugar; porque pode ser que outro de mais consideração do que tu tenha sido convidado pelo dono da casa, e, vindo ele, te diga: “Vai para o último lugar”. Não, quando fores convidado, vai tomar o último lugar. Se então vier aquele que te convidou e te disser: “Amigo, passa mais para cima”— será isto uma honra para ti aos olhos de todos os companheiros de mesa.

Até aqui, parece o pensamento de Jesus restringir-se a uma simples questão de civilidade e bom tom social. Mas, como em outras ocasiões, também desta vez termina o Mestre por lançar uma ponte do terreno natural para as regiões da ordem espiritual, concluindo:

— Pois todo aquele que se exaltar será humilhado e quem se humilhar será exaltado.

Caridade Social Desinteressada

Estava, pois, Jesus à mesa em casa do fariseu.

Mas não convinha que, enquanto se alimentava o corpo, ficasse o espírito em jejum. Por isso, tomando por ponto de partida o banquete e os convivas, entrou o Mestre a abordar em torno deste assunto a seguinte conversação:

— Quando tiveres convivas à tua mesa, não sejam eles teus amigos, nem teus irmãos, nem teus parentes, nem os vizinhos ricos; para que não te convidem eles, por seu turno, e assim te paguem. Não, quando deres um banquete, convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos. Feliz de ti! Porque esses não têm com que te retribuir; mas terás a tua retribuição na ressurreição dos justos.

Jesus não proíbe que se convidem amigos e pessoas abastadas; mas, se o luxo tem os seus direitos; por que não os teria também a indigência?

O Grande Banquete

Ainda durante a refeição, começou Jesus a falar em parábolas, condimentando o alimento material com iguarias espirituais. E tão grande foi o esplendor dos seus pensamentos, que um dos convivas exclamou em altas vozes:

— Feliz de quem se banquetear no reino de Deus!

De relance, o espírito do Nazareno se apodera deste pensamento, e compara o reino de

Deus, neste mundo, a um lauto banquete, dizendo:

— Um homem preparou um grande banquete e convidou muita gente. Chegada a hora do festim, enviou seu servo a dizer aos convidados: “Vinde, está tudo pronto!” Eles, porém, todos à uma voz começaram a escusar-se. Disse o primeiro: “Comprei uma quinta, e preciso ir vê-la; rogo-te me tenhas por escusado”. Outro disse: “Comprei cinco juntas de boi e vou experimentá-los; rogo-te me tenhas por escusado. Um terceiro disse: “Casei-me, e por isso, não posso ir.”

Voltou o servo e referiu isto a seu senhor.

Indignou-se o dono da casa, e ordenou a seu servo:

— Sai depressa pelas ruas e becos da cidade, e conduze-me aqui os pobres, os aleijados, os cegos e os coxos.

— Senhor — disse o servo — está feito como mandaste, e ainda há lugar.

Disse o senhor ao servo:

— Saí pelos caminhos e cercados, e obriga a gente a entrar, para que se encha a minha casa. Pois declaro-vos que nenhum daqueles homens que tinham sido convidados provará o meu banquete.

Enviou, Jesus também, os seus servos e discípulos, às almas simples e despreziosas, pobres pelo espírito, aos mansos, aos que choravam, aos que tinham fome e sede da justiça, aos misericordiosos, aos puros de coração, aos pacificadores e aos perseguidos, convidou os: “coletores e os pecadores”, chamou os que viviam aflitos e sobrecarregados, e eis que eles atenderam, em grande número ao convite.

*

*

*

Nada mudou, nestes quase **2000** anos; os homens profanos são os mesmos. Para que alguém aceite com gosto o banquete do mundo espiritual, deve ele ter uma profunda experiência de si mesmo; deve ser um “iniciado”, deve ter auto-conhecimento — e quantos o tem?

Parábola da Torre e da Empresa Bélica

Terminara o banquete em casa do fariseu.

Depois da refeição, parece, alguns dos ouvintes se declararam prontos para entrar no número dos discípulos do Cristo.

De quantos heroísmos não se julga capaz o homem — quando nenhum inimigo se avista no

horizonte...

Jesus reconhece a boa vontade desses homens; mas logo lhes faz ver que o seu apostolado neste mundo não desliza por entre flores e salas de banquetes, mas é um campo de batalha cheio de sangue, é um caminho estreito cheio de espinhos.

Passa o Mestre a ilustrar essa verdade por meio de duas comparações tiradas, uma da vida dos arquitetos, a outra do ambiente militar.

Disse Jesus aos que o seguiam:

— Qual de vós, querendo construir uma torre, não fará primeiro, mui de assento, o orçamento, a ver se dispõe dos meios necessários para a obra? Se não, depois de lançar os fundamentos, lhe será impossível terminar a obra, e toda a gente que o vir zombará dele, dizendo: Este homem começou uma construção, e não a pôde levar a cabo.

— Qual o rei que, indo empreender uma guerra contra outro rei, não calcula primeiro, mui de assento, se com dez mil homens pode sair a campo contra quem vem atacá-lo com vinte mil? No caso contrário, mandará uma embaixada enquanto o outro ainda está longe, solicitando convênios de paz.

Do mesmo modo, não pode nenhum de vós ser meu discípulo, se não renunciar a tudo quanto possui.

◆

**

É deveras estranha essa filosofia do Mestre. Em vez de recomendar ao construtor da torre que arranje mais dinheiro para terminar a construção; em vez de recomendar ao general que duplique o número dos seus soldados para derrotar o inimigo — manda o Mestre “abandonar tudo que tem” a fim de sair vitorioso dos seus apuros. É pela sabedoria do “ser”, e não pela política do “ter” que o discípulo do Cristo resolve os problemas da sua vida. Quanto maior for o seu “ser” e quanto menor o seu “ter” tanto melhor.

A Ovelha Desgarrada e a Dracma Perdida

— Qual de vós, possuindo cem ovelhas, e perdendo uma, não deixa as noventa e nove no deserto e vai no encalço da que se perdeu até a encontrar? E, tendo-a encontrado, põe-na aos ombros cheio de alegria, e de volta a casa, reúne os amigos e vizinhos, dizendo-lhes: Congratulai-vos comigo, porque encontrei a ovelha que se perdera. Digo-vos que, do mesmo modo, haverá maior júbilo nos céus por um pecador que se converte do que por noventa e nove justos que não necessitam de conversão.

Esta parábola era para os homens, os pastores.

Acrescentou Jesus mais uma pequena comparação tirada dos domínios da mulher, da dona-de-casa:

— Qual a mulher que, possuindo dez drácmas e perdendo uma, não acende a candeia, não varre a casa e procura com afinco até a encontrar? E, tendo-a encontrado, convoca as suas amigas e vizinhas, dizendo: Congratulai-vos comigo, porque encontrei a drácma que perdera.

Deus não somente quer bem à humanidade em globo, mas a cada homem em particular; cada alma lhe merece tão vivo interesse, como se outras não existissem.

O Filho Pródigo

Um homem tinha dois filhos. Disse o mais novo ao pai:

— Pai, concede-me a parte da natureza que me convém.

Ao que o pai repartiu a vida entre eles.

Passados poucos dias, o filho mais moço juntou todos os seus haveres e partiu para uma terra longínqua. Aí esbanjou a sua fortuna em uma vida dissoluta. Depois de haver dissipado tudo, sobreveio uma grande fome aquele país, e ele começou a sofrer necessidade. Retirou-se então e pôs-se a serviço de um dos cidadãos da terra, o qual o mandou para os seus campos guardar os porcos. Ansiava ele por encher o estômago com as vagens que os porcos comiam; mas ninguém lhas dava.

Então entrou em si e disse: “Quantos trabalhadores em casa de meu pai têm pão em abundância, e eu aqui pereço de fome?! Levantar-me-ei e irei com meu pai, e lhe direi: Pai, pequei contra o céu e diante de ti! Já não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me tão-somente como um dos teus trabalhadores.”

Levantou-se e foi em busca de seu pai.

O pai avistou-o de longe, e, movido de compaixão, correu-lhe ao encontro, lançou-se-lhe ao pescoço e beijou-o. Disse-lhe o filho: “Pai, pequei contra o céu e diante de ti; não sou digno de ser chamado teu filho”.

O pai, porém, ordenou a seus servos: “Depressa, trazei o mais precioso traje e vesti-lho! Ponde-lhe um anel no dedo e sapatos nos pés. Buscai também o rynovilho gordo e carneiai-o. Comamos e banqueteo- nos porque este meu filho estava morto e ressuscitou; andava perdido e foi encontrado.”

E começaram a banquetear-se.

Entrementes, estava o filho mais velho no campo. Quando voltou e se aproximou da casa, ouviu música e danças. Chamou um dos criados e perguntou-lhe o que era aquilo.

Respondeu-lhe ele: — Chegou teu irmão, e teu pai mandou carnear o novilho gordo, porque o recebeu são e salvo.

Indignou-se ele e não quis entrar. Saiu então o pai e começou a insistir com ele. O filho, porém, respondeu: — Há tantos anos que te sirvo e nunca transgredi nenhum dos teus mandamentos; e jamais me deste um cabrito para eu me banquetear com meus amigos. Mas, logo que chegou este teu filho, que dissipou os teus bens com meretrizes, mandaste-lhe carnear o novilho gordo.

— Meu filho — tornou-lhe o pai — tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu. Mas não podíamos deixar de celebrar festa e banquete; porque este teu irmão estava morto, e reviveu; andava perdido, e foi encontrado.

*



Nesta rainha das parábolas representa Jesus dois homens, ou melhor, duas humanidades: uma que passou pela evolução do ego mental e atingiu as alturas do Eu espiritual, e outra que estagnou no plano pré-evolutivo.

A primeira humanidade é representada pelo filho mais novo o filho pródigo; a segunda humanidade é simbolizada pelo filho mais velho, que não passou nem pelo ego nem chegou ao Eu.

O filho pródigo passou pela “culpa feliz” e pelo “pecado necessário” de que fala o hino pascal do Exultat; chegou ao auto-conhecimento e a auto-realização, e por isto o pai (Deus) lhe faz tamanha festa, que, naturalmente não pode ser compreendida pelo homem que ainda não passou pelo auto-conhecimento e pela auto-realização. Por isto, o filho não-realizado não chama o outro de “irmão”, porque não havia afinidade entre os dois.

É natural que o pai (Deus) não dissuade o filho de iniciar a sua vida-ego; nem aparece em toda a história uma mãe.

Esta explanação, porém, só é possível sobre o texto grego do primeiro século, e não sobre as traduções posteriores, que só vêem na parábola a misericórdia de Deus para com o pecador arrependido.

A parábola do filho pródigo não é “moralizante”, mas profunda “metafísica”; não enfatiza a “moralidade do agir”, mas sim, a “verdade do ser”, como aliás, todas as parábolas do Evangelho.

O Rico Gozador e o Pobre Lázaro

— Havia um homem rico, que se vestia de púrpura e linho finíssimo e se banqueteara esplendidamente, todos os dias. Á sua porta jazia um mendigo, por nome Lázaro, coberto de

úlceras. De bom grado se fartaria com as migalhas que caíam da mesa do rico; mas ninguém lhas dava. Ora, chegou a falecer o mendigo, e foi levado pelos anjos ao seio de Abraão. Morreu também o rico e foi sepultado. No inferno ergueu os olhos, do meio dos tormentos, e avistou ao longe a Abraão, e Lázaro no seio dele. E pôs-se a clamar: “Pai Abraão, tem piedade de mim! E manda Lázaro molhar na água a ponta do dedo e refrescar-me a língua; porque sofro grandes tormentos nestas chamas.”

Replicou-lhe Abraão: “Lembra-te, filho, de que passaste bem durante a vida, enquanto Lázaro passou mal. Agora está ele em consolações, e tu em tormentos. Além disto, medeia entre nós e vós um grande abismo, de modo que ninguém pode passar daqui para vós, nem daí para nós, ainda que quiséssemos.”

Tornou aquele: “Rogo-te, pai, que o mandes à minha casa paterna; tenho cinco irmãos; que os previna para que não venham também eles parar neste lugar de tormentos.”

Respondeu-lhe Abraão: “Eles têm Moisés e os profetas; que os ouçam.

“Não, pai Abraão — replicou ele — mas, se um dos defuntos for ter com eles, converter-se-ão.”

Disse-lhe Abraão: “Se eles não dão ouvidos a Moisés e aos profetas, nem tão pouco se converterão, quando alguém ressuscitar dos mortos.”

*
*
*

Nesta bela parábola, como acontece sempre nas do gênero doutrinário, muitas verdades aparecem em raios metafóricos.

Para exprimir que o condenado é privado até do mais insignificante alívio, diz Jesus, concreta e plasticamente, que não lhe foi concedida sequer uma gotinha d’água para refrescar a ponta da língua — a língua, o paladar, de que tanto abusara nos lautos banquetes, sem atender às necessidades dos indigentes.

O abismo intransponível que medeia entre os de baixo e os de cima simboliza a distância enorme, infinita, que há entre os condenados e os bem-aventurados; mas esse abismo é cavado pelo próprio pecador impenitente, como esse ricaço, que depois da morte continua impenitente.

Contém esta parábola terrível advertência para todo o homem que, em vez de possuir as riquezas, é por elas possuído e escravizado; para o homem que se considera dono, e não apenas administrador temporário dos bens terrestres, que tem de repartir espontaneamente com seus irmãos indigentes.

Bem poderiam encontrar, nesta parábola, elementos para idéias melhores os que acoimam o Nazareno de “comunista” e “inimigo” da propriedade particular.

A doutrina do Cristo ocupa termo médio entre o comunismo extremo e o capitalismo exagerado.

Este proclama o direito à “propriedade individual” e a sua “função individual”.

Aquele só admite “propriedade social” com “função social”.

O Evangelho, porém, defende o direito de “propriedade individual”, mas com caráter de “função social”.

OS Dois Devedores

Acabava o Mestre de falar da correção fraterna e da necessidade de perdoarmos aos nossos semelhantes.

Simão Pedro, gênio impetuoso e sempre pronto a avantajá-lo aos outros, quis mostrar-se ótimo discípulo de tão grande mestre e, saindo da roda dos companheiros, perguntou, num como acesso de generosidade:

— Senhor, quantas vezes tenho de perdoar a meu irmão que me ofender? Até sete vezes? Cuidava ele que isto fosse o máximo do heroísmo: perdoar sete vezes a seu ofensor!

Respondeu-lhe tranquilamente Jesus:

— Não sete vezes, mas setenta vezes sete.

Traduzindo esta locução aramaica em nossa língua diríamos: Mil vezes deves perdoar, isto é, todas as vezes que teu ofensor t’o pedir sinceramente.

E, para inculcar tão importante preceito, improvisou o espírito do Nazareno uma história dramática, ou, antes, uma tragédia, que tinha por cenário a vida comercial daquele tempo. Disse:

— O reino dos céus é semelhante a um rei que quis tomar contas a seus servos. E, ao começar a tomada de contas, apresentaram-lhe um que lhe devia dez mil talentos. Mas, como não tivesse com que pagar, ordenou seu senhor que o vendessem, ele, sua mulher e seus filhos, todos os seus haveres, e com isso saldasse a dívida. O servo, porém, lançou-se-lhe aos pés, suplicando: “Tem paciência comigo, que te pagarei tudo!” Compadecido do servo, pô-lo em liberdade e perdoou-lhe a dívida! Saindo fora, encontrou o servo um dos seus companheiros, que lhe devia cem denários. Agrediu-o e ameaçou estrangulá-lo, dizendo: paga o que me deves! “O companheiro prostou-se-lhe aos pés, suplicando: “Tem paciência comigo, que te pagarei tudo!” O outro, porém, não quis; mas foi-se e o mandou lançar ao cárcere até que houvesse pago a dívida. Contristaram-se profundamente os outros servos, que tinham

presenciado o caso, e foram dar parte a seu senhor de tudo o que acabava de acontecer. Então o senhor o mandou vir à sua presença e assim lhe falou: “Servo mau! Perdoei-te toda a dívida, porque me pediste: não devias, pois, também tu ter compaixão de teu companheiro, como eu tive compaixão de ti?” E, indignado, entregou-o aos carrascos, até que houvesse pago toda a dívida.

— Assim vos há-de tratar meu Pai —acrescentou Jesus, significativamente, olhando para Simão Pedro e para os demais — se do íntimo do coração não perdoardes uns aos outros

Lázaro Doente

Era no mês de fevereiro do último ano da vida terrestre de Jesus. Estava para terminar a sua missão na Peréia. Enquanto o Mestre ia dando as suas últimas instruções àquela gente simples e reta d’além-Jordão, chegou um homem, exausto de fadiga e coberto de pó, e a largos passos se aproximou do Mestre. Parecia trazer algum recado urgente.

Vinha de Betânia, aldeia pouco distante de Jerusalém, situada nas fraldas do Monte das Oliveiras. Em dois dias de marcha vencera o trecho de estrada que conduz à Peréia.

Transmitiu o seu recado, breve e conciso:

— Senhor, eis que está enfermo aquele que amas.

Fora enviado por Marta e Maria, para cientificar o divino Mestre da moléstia de Lázaro, irmão das duais.

Cientificá-lo do fato — e nada mais. Nenhum pedido, nenhuma insistência!.

“Aquele que amas” — era argumento suficiente. Poderá, acaso o amigo deixar sofrer a seu amigo querido?

A solicitude pelo irmão exigia que mandassem o recado; a delicadeza daquelas almas pedia uma respeitosa reticência.

E Jesus, que faz?

Manda dizer, tranquila e laconicamente, às irmãs:

— Esta enfermidade não leva à morte, mas é pela glória de Deus, para que por ela seja glorificado o Filho de Deus.

O mensageiro partiu, cheio de esperança, na certeza de que a moléstia de Lázaro não era mortal pois o profeta de Nazaré o dissera, e sua palavra não falhava nunca.

Jesus, porém, deixou-se ficar na Peréia ainda dois dias.

No fim deste período disse a seus discípulos:

— Voltemos para a Judéia!

Por estas palavras fatídicas já esperavam os discípulos desde o dia em que chegara o

mensageiro de Betânia. Parecia haver passado o perigo — quando, de súbito, caiu no meio deles, como um raio do céu, a intimação: Voltemos para a Judéia! Já se tinham alegrado de o Mestre não atender à insinuação de Marta e Maria — e agora?... Aos olhos dos discípulos era uma aventura temerária apresentar-se Jesus na Judéia, onde os fariseus estavam à espreita dele para o prender. E eis que, de improviso, resolve Jesus entregar-se a seus mortais inimigos.

— Mestre! — exclamaram, horrorizados, os discípulos — ainda há pouco queriam os judeus apedrejar-te, e vais lá outra vez?

Respondeu-lhes Jesus em termos um tanto misteriosos, dizendo:

— Não são doze as horas do dia? Quem caminha de dia não tropeça, porque vê a luz deste mundo; mas quem caminha de noite tropeça, porque lhe falta a luz.

O “dia” era para Jesus o tempo da sua vida terrestre: a “noite” era a morte. Enquanto a luz serena do dia iluminava os caminhos que o Pai lhe marcara, nenhum perigo havia para o solitário viandante nem escribas nem fariseus nem sacerdotes, nem doutores, da lei, inimigo algum lhe podia fazer mal, porque o Pai não o permitia, e em face da onipotência divina toda a potência humana é impotência. Mais tarde, porém, o Pai permitiria que caíssem sobre Jesus as sombras crepusculares do sofrimento e a noite cerrada da morte. E já não vinha longe essa hora do declínio. Por isso disse Jesus — Vamos a Jerusalém! E acrescentou:

— Nosso amigo Lázaro dorme; mas eu vou despertá-lo do sono.

Os discípulos tomaram estas palavras simbólicas em sentido literal e observaram com ingenuidade:

— Senhor, se dorme, vai melhorando.

Então lhes declarou Jesus, sem ambages:

— Lázaro morreu. E eu folgo, por causa de vós, de não ter estado presente para que tenhais fé.

Com estas palavras alude discretamente à ressurreição que pretende fazer, a fim de confirmar na mente dos discípulos e do povo a fé na sua missão divina.

E, começando a caminhar resolutamente, acrescentou:

— Vamos vê-lo!

Entreolharam-se os discípulos, hesitantes e apreensivos. Rumo a Jerusalém?... Desafiar seus mortais inimigos?

E foram seguindo o Mestre, com o coração acabrunhado — quando subitamente, em um como arranco de heroísmo, exclamou Tomé:

— Vamos também nós e morramos com ele.

Este brado de intrepidez sugestionou os outros.

E seguiram a Jesus.

A Ressurreição de Lázaro

Ia, pois, Jesus ao encontro da morte, calmo, resoluto e firme, assim como os heróis marcham em demanda do seu destino.

Ao chegar a Betânia, distante de Jerusalém uns três quilômetros, já estava Lázaro com quatro dias de sepultura; morrera no mesmo dia em que o mensageiro de Marta e Maria transmitira a Jesus o recado e este lhe respondera que aquela enfermidade não levaria à morte. Demorou-se ainda tranquilamente dois dias na Peréia, e, com mais outros tantos de viagem, acabava de chegar a Betânia.

“Muitos judeus tinham vindo visitar Maria e Marta para as consolar da morte de seu irmão” — pois era uma família distinta e estimada de todos. Ninguém deixara de dar os pêsames às boas irmãs do extinto. Todos se mostravam amigos — só Jesus não atendera ao discreto apelo que lhe fora dirigido por aqueles corações dedicados e doloridos... Nem mesmo comparecera ao enterro do amigo... Tão dolorosa e, muitas vezes, a pedagogia de Deus para com as almas que mais o amam...

“Assim que Marta soube da chegada de Jesus, saiu-lhe ao encontro, enquanto Maria se conservava em casa.”

Maria não sabia ainda da presença do Mestre; só Marta, dona-de-casa, recebera, quase em segredo, essa notícia. Na encruzilhada, à beira da povoação, encontrou-se Marta com Jesus, e ali se travou, entre o Mestre e a discípula, um dos mais memoráveis colóquios sobre o problema central da humanidade: a fé na vida após morte.

Marta, de luto, os olhos marejados de lágrimas, saúda respeitosamente o Mestre. Não lhe pergunta por que não viera visitar o amigo enfermo, mas não pode deixar de desafogar a sua dor nestas palavras:

— Senhor, se estiveras aqui não teria morrido meu irmão...

Depois de algum tempo, acrescentou:

— Mas também agora sei que Deus te concederá tudo o que lhe pedires. . .

Tremula nestas palavras uma tênue esperança, uma discreta insituação daquilo que Marta tão ardentemente desejava: que o Mestre pedisse a Deus algum... algum... alguma coisa que transformasse em luz as sombras que, havia quatro dias, envolviam a silenciosa casinha de Betânia.

Respondeu-lhe Jesus:

— Teu irmão ressurgirá.

Jesus profere corajosamente aquela palavra que

Marta não ousara pôr-lhe na boca: a palavrinha “ressurgirá”! Mas... esta palavra podia ter sentido duplo... e Marta desejaria tanto ter resposta clara e indubitável...

Por isso, em vez de perguntar explicitamente o que lhe pedia o seu amor de irmã, responde a Jesus o que lhe ditava a sua reverente discrição.

— Bem sei que ele ressurgirá na ressurreição do último dia...

Jesus não lhe satisfaz a tácita pergunta. Em vez disso responde com uma frase evasiva:

— Eu sou a ressurreição e a vida; quem tem fé em mim viverá, ainda que tenha morrido; e quem em vida tem fé em mim não morrerá eternamente.

Era uma resposta clara à fé imperfeita que Marta externara a princípio, dizendo: “Sei que Deus te concederá tudo o que lhe pedires.” ’

Depois desta explicação pergunta Jesus a Marta.-

— Tens fé nisto?

— Sim, Senhor, eu tenho fé que tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo, que devia vir ao mundo.

*

* *

Passou-se todo este episódio à entrada da aldeia, em uma encruzilhada, onde ainda hoje se vê uma pedra, ao pé da qual, segundo a tradição, se travou o memorável diálogo entre Jesus e Marta. Não longe daí ficava o sepulcro de Lázaro.

Mandou Jesus a Marta que chamasse sua irmã. E ela, pressurosa, foi ter com Maria, sentada em casa, no meio de pessoas amigas, e lhe disse baixinho ao ouvido:

— Está aí o Mestre e te chama.

Maria estremeceu; enxugou as lágrimas, levantou-se e foi com presteza ter com Jesus. Ah! Quanta falta lhe fizera o dileto amigo e consolador, nesses últimos dias de angústia e de luto!. O Mestre me chama! — esta idéia deu asas aos pés de Maria.

Quando os judeus, que com ela estavam em casa a consolá-la, viram que Maria se levantava pressurosa e saía, cuidaram que fosses ao sepulcro chorar, e seguiram-na. Chegando onde estava Jesus e vendo-o, Maria prostrou-se-lhe aos pés e disse: —“Senhor, se tivesse estado aqui, não teria morrido meu irmão...”

Repete as mesmas palavras que Marta proferira; pois era este o estribilho que, dia e noite, tinham trocado entre si aquelas duas almas angustiadas: Se o Mestre estivesse aqui, não morreria nosso irmão... Não lho sofreria o bondoso coração... Tê-lo-ia curado, como curou tantos outros...

Tão dolorosa e emocionante era a cena, que no meio daquele grande silêncio só se ouviam soluços e prantos . . .

E Jesus, vendo-a em pranto, e em pranto também os judeus que a acompanhavam, sentiu-se profundamente abalado e comovido perguntou:

- Onde o colocaste?
- Vem, Senhor — lhe disseram elas.

“E Jesus rompeu em pranto” — diz o evangelista. Lágrimas sentidas que o amigo derrama sobre o túmulo recente do amigo.

Disseram então os judeus: Vede como o amava! Alguns, porém, observaram: Não podia ele, que abriu os olhos ao cego de nascença impedir que esse homem morresse?

Chegados ao pé do túmulo, de novo se comoveu Jesus profundamente. O sepulcro era uma câmara talhada em rocha, no fundo da qual se achava a catacumba de Lázaro; pesada laje fechava a entrada do sepulcro.

- Tirai a pedra — ordenou Jesus.
- Senhor — acudiu Marta — já cheira mal; está com quatro dias...

Tornou-lhe Jesus:

- Não te disse eu que verás a glória de Deus, se tiveres fé?

Marta mandou abrir o túmulo.

Horrorizados, recuaram todos... Lá no fundo jazia o cadáver, envolto em lençóis e com o rosto coberto com um sudário...

O único que se conservou calmo e impassível foi Jesus. Em pé, à beira da câmara mortuária contemplou uns instantes o interior do túmulo.

E então, no meio da expectativa geral, levantou Jesus os olhos ao céu, ergueu as mãos em atitude de súplica, e disse solenemente:

— Meu Pai! Eu te dou graças porque me atendeste! Eu bem sabia que sempre me atendes; mas por causa do povo que está em derredor é que o disse para que tenham fé que tu me enviaste.

Depois desta oração, tornou a cravar os olhos no cadáver e bradou:

- Lázaro, vem para fora!

“Saiu incontinentemente o que estivera morto, trazendo os pés e as mãos ligados com ataduras, e o rosto envolto em um sudário.”

Um frêmito de assombro estremeceu pelos expectadores. Estupefatos, de olhos arregalados, contemplavam aquele fenômeno que estava em pé no meio do sepulcro, sem poder sair, porque vinha envolto nos lençóis e faixas. Ordenou Jesus aos circunstantes:

— Desenlai-o e deixai-o andar.

E logo alguns prestaram ao redivivo este serviço, ajudando-o a desembaraçar-se das mortalhas.

Lázaro apareceu, sem um vestígio de moléstia, nem de decomposição.

E Jesus o entregou a Marta e Maria.

Irmãos e irmãs se abraçaram. Prostraram-se aos pés de Jesus e convidaram-no a tomar parte no banquete que iam celebrar em Betânia, em regozijo da ressurreição de Lázaro. Tiraram o luto e se vestiram de festa.

*

Enquanto Jesus, em Betânia, celebrava com seus amigos a solenidade da ressurreição e da vida, lá fora os seus inimigos maquinavam a morte dele.

O Ódio do Sinédrio

Estupendo tinha sido o prodígio que Jesus realizara em Betânia. Eclipsava todas as outras maravilhas do seu poder.

Betânia ficava às portas de Jerusalém. Fariseus e doutores da lei tinham sido testemunhas oculares da ocorrência. Lázaro era homem muito conhecido e estimado. O defunto estivera enterrado quatro dias, com sinais evidentes de morte real; era evidente a ausência da alma naquele organismo.

E Jesus, que fizera?

Não tocara sequer no cadáver. Apenas uma ordem — e o defunto se levantara, redivivo! Todos podiam verificar o fato, à vontade; pois Lázaro vivia no meio deles.

Naquelas primeiras semanas, quase que não se falava de outra coisa em Jerusalém e arredores, senão no inaudito acontecimento de Betânia; era o assunto obrigatório de todas as conversações.

Depois de verem a Lázaro, vinham os curiosos ter com Jesus. Contemplavam com um misto de admiração e terror aquele homem de Nazaré, que dava ordens à própria morte, e a morte lhe obedecia...

Nesses dias, granjeou Jesus numerosos discípulos e admiradores, como também grande número de inimigos e perseguidores.

Onde o milagre acordou ecos mais lúgubres foi no interior do Sinédrio, Senado e Supremo Tribunal Religioso de Israel. Os sacerdotes viam no crescente prestígio do Nazareno uma ameaça e um perigo para a sua posição e influência.

Reuniram-se, pois, em conselho e disseram, incertos e apreensivos:

— Que faremos? Pois esse homem faz tantos milagres? Se o deixarmos nesse andar, acabarão todos por crer nele; e então virão os romanos tirar-nos a nossa terra e a nossa gente.

Conclusão estranha! Que tinha que ver a política com os prodígios de Jesus? A que vem essa alusão ao dominador estrangeiro?

É que os chefes de Israel raciocinavam, ou fingiam raciocinar deste modo:

— Se esse Jesus de Nazaré continuar a fascinar o povo com os seus portentos, não tardaremos a presenciar um novo caso com esse impostor como já os tivemos na pessoa de Teudas e de Judas Galileu, que sublevaram o povo com os seus discursos e seu prestígio; teremos revolução e desordem fronteiras adentro — e os romanos sob pretexto de restabelecer o pouco de liberdade de que ainda gozamos, acabarão por nos escravizar completamente.

Isto diziam eles à boca cheia; mas lá entre si discutiam outros motivos, ditados pela ambição e pelo amor-próprio.

Seguiram-se longas e acaloradas discussões sobre o que convinha fazer. Nem todos os membros do Sinédrio eram do mesmo parecer. Nicodemos e José de Arimatéia eram amigos de Jesus, e o sisudo mestre Gamaliel, certamente, não optou por medidas violentas.

Ao cabo de prolongados debates, como não houvesse possibilidade de chegarem a um acordo, levantou-se o sumo sacerdote Caifás, e, cheio de desdenhosa arrogância, disse:

—Vós não sabeis coisa alguma! Nem considerais que mais vos convém morrer um homem pelo povo do que perecer toda a nação!

O que Caifás queria dizer era ser preferível matar Jesus a expor ao perigo de uma sublevação e conseqüente extermínio todo o povo de Israel.

As palavras de Caifás decidiram a questão; a maior parte do Sinédrio aderiu ao alvitre do sumo sacerdote, e decretaram a morte de Jesus.

Procuravam, desde então, uma oportunidade para se apoderarem dele às ocultas e sem amotinar o povo, o qual, lá na retidão do seu bom senso natural, venerava a Jesus como um grande profeta.

Os Dez Leprosos

Acabava o Supremo Tribunal Religioso de condenar Jesus à morte. Mas o homem põe e Deus dispõe! Nos planos de Deus faltavam ainda umas semanas — quase todo o mês de “Adar” — março — para se consumir o grande holocausto do Gólgota.

Jesus sabia de tudo; mas não se perturbou com as tramas dos seus adversários; continuou a cruzar as terras da Palestina, espalhando a sua doutrina.

Entretanto, para não acirrar desnecessariamente a cólera dos fariseus, retirou-se de

Jerusalém e dirigiu-se rumo norte até uma aldeia, por nome Efraim, não longe do deserto. Daí se encaminhou para a fronteira de Samaria, em companhia de seus discípulos, que respiraram aliviados, quando viram desaparecer ao longe os pináculos do templo e as montanhas da Judéia.

Mas essa retirada e essa solidão não passavam da calma lúgubre que costuma preceder a tempestade.

Depois de algum tempo, dispôs-se Jesus a regressar à Judéia. Ao entrar em certa aldeia, saíram-lhe ao encontro dez leprosos. Pararam ao longe e puseram-se a clamar em altas vozes:

— Jesus, Mestre, tem piedade de nós!

A lepra é uma das moléstias mais terríveis que há; faz apodrecer aos poucos os tecidos orgânicos, desfigura a pessoa e embota as faculdades mentais. Naquele tempo, eram os leprosos banidos da sociedade humana, em vista do caráter contagioso dessa moléstia; viviam na solidão dos desertos; tinham lugares determinados onde vinham procurar o alimento previamente colocado por almas piedosas; quando avistavam uma pessoa na vizinhança, tinham de bradar: impuro! impuro! a fim de a pôr de sobreaviso. Segundo a lei mosaica, passava o leproso, além de enfermo, também por legalmente impuro; era-lhe vedado pôr os pés em lugar sagrado ou tocar em qualquer objeto destinado ao culto divino. Levados pelo instinto de sociabilidade, e impelidos pela miséria comum, arrebanhavam-se os infelizes, formando grupos.

Pelas fronteiras de Samaria vagueavam numerosos bandos dessas ruínas humanas. Os que por último se haviam associado à turma fatídica, sabiam de Jesus de Nazaré, e contavam aos companheiros dos prodígios que ele operava, curando doentes e ressuscitando mortos. Ah! Se conseguissem encontrar-se com o profeta de Nazaré!... Não ignoravam que ele costumava passar por aquele caminho, nas suas frequentes viagens de norte a sul.

Puseram-se, pois à espreita.

E a sorte lhes foi propícia. Não tardou que transitasse por ali o Nazareno acompanhado dos seus discípulos.

Os leprosos, obedientes à lei, conservaram-se a respeitável distância, e, depois de bradarem a sua triste senha “impuro! impuro”!, puseram-se a clamar: “Jesus, Mestre, tem piedade de nós!”

Jesus parou e escutou por alguns momentos, aquele concerto trágico de vozes rouquenhas, e contemplou os gestos convulsivos que aquelas mãos estropeadas executavam no ar, a fim de realçarem a veemência da súplica. Mas — coisa estranha! — em vez de proferir a palavra salvadora: — “Eu quero, sede limpos!” ou est’outra: — “Ide em paz, a vossa fé vos salvou!” —

em vez disto, dá-lhes a ordem lacônica e fria:

— Ide mostrar-vos aos sacerdotes.

Calaram-se eles, e um sentimento de dolorosa decepção lhes invadiu a alma... Como? Retirarem-se da presença do Nazareno?... Leprosos como tinham vindo?... Perder essa ocasião única e tão ardentemente almejada?... E os sacerdotes?... Que podiam fazer os sacerdotes?... eles, inimigos declarados do Nazareno?...

E entretanto, os leprosos obedeceram sem protesto à ordem do Mestre.

E, pelo caminho, tornaram-se limpos.

Não restava o menor vestígio da repelente moléstia. Jubilosos correram para Jerusalém, a fim de se apresentarem aos sacerdotes e tirarem o competente atestado de saúde.

E os sacerdotes, mau grado seu, atestaram oficialmente que nada menos de dez leprosos incuráveis tinham sido curados pelo profeta de Nazaré.

Positivamente, era tempo de acabar com esse taumaturgo! ...

Nove dos felizardos, no auge do júbilo, mal se viram em poder do atestado, apressaram-se a comunicar o feliz acontecimento às pessoas de sua família. E, lembrados do benefício, esqueceram-se do benfeitor.

Apenas um dos dez, impelido pelo sentimento de gratidão, foi ter com Jesus e, prostando-se-lhes aos pés, lhe agradeceu a cura... E este era samaritano.

Perguntou Jesus: — “Não ficaram limpos os dez? E os nove onde estão? Não houve quem voltasse e desse glória a Deus senão só esse forasteiro?” Depois disse ao samaritano:

— “Levanta-te e vai, a tua fé te salvou.” Levantou-se ele e voltou para casa, bendizendo a Deus e cantando os louvores de Jesus Nazareno.

O Advento do Reino de Deus

Prosseguiu Jesus seu caminho, falando do reino de Deus.

Perguntaram-lhe os fariseus quando viria esse reino. Respondeu-lhes Jesus:

— O reino de Deus não vem com aparato exterior; nem se pode dizer: — Ei-lo aqui! ou: Ei-lo acolá! porque o reino de Deus está dentro de vós.

A idéia que todos, inclusive os discípulos, formavam do reino de Deus neste mundo era viceralmente errônea. Por mais que Jesus rebatesse as concepções mundanas do reino messiânico, os homens não acabavam de se desiludir, e continuavam a aguardar um domínio político, temporal, de grande expansão e prosperidade, como nos tempos de Davi e Salomão.

Uma e muitas vezes inculca Jesus a idéia de que o reino de Deus consiste na realização integral do indivíduo; e isto não se faz com espalhamento e aparato exterior senão por meio de

uma profunda compreensão interior. O reino de Deus principia com auto- conhecimento e culmina em auto-realização.

Assim como o fermento penetra toda a massa, sem que ninguém possa ver nem apalpar essa misteriosa força transformadora; assim como o princípio vital de um grãozinho vivo atua *ab intrínseco*, fazendo crescer a planta, em um lento e progressivo aperfeiçoamento de cada uma das suas células, de cada um dos seus órgãos — assim acontece também com o reino messiânico, aqui no mundo: a sua atividade é toda de dentro para fora; a sua causa é invisível, mas os seus efeitos patenteiam-se aos olhos de todos.

O reino de Deus está dentro de vós!

A Indissolubilidade do Matrimônio

Naqueles dias, um homem conspícuo repudiou sua mulher, por motivo fútil, causando grande alvoroço e comentários. Logo se formaram partidos pró e contra ele.

Floresciam então em Israel duas escolas teológicas — Hillel e Shammai — que se digladiavam em acaloradas polêmicas e controvérsias casuísticas.

Uma das questões mais debatidas era a do divórcio e suas causas legítimas.

Não permitia a lei, explicitamente, o repúdio ou o divórcio; mas no tempo de Jesus era costume geral entre os judeus repudiarem as esposas.

Ora, lembraram-se alguns dos fariseus, por ocasião daquele recente “escândalo conjugal”, de propor *ao rabi de Nazaré* o caso em questão. Era ótima ocasião para o porem em conflito, ou com a escola dos “rigoristas”, ou com a dos “laxistas”.

Então se aproximaram de Jesus alguns dos fariseus, e, no intuito de o porem à prova, perguntaram-lhe se era permitido ao homem repudiar sua mulher por qualquer motivo.

Perguntou-lhes Jesus: — “Que preceito vos deu Moisés?”

Responderam eles: — “Moisés permitiu dar carta de divórcio e repudiar a mulher.”

Replicou-lhes Jesus: — “por causa da dureza dos vossos corações é que Moisés vos deu esta missão. Mas, não lestes que no princípio da criação, quando Deus fez os homens, os fez varão e mulher? E disse: Por isso deixará o varão pai e mãe para aderir à sua mulher, e se tornarão os dois uma só carne. Portanto, já não são dois, mas uma só carne. Ora, o que Deus uniu, não é permitido ao homem separá-lo.”

Confusos e perplexos, entreolharam-se os partidários de Hillel e os discípulos de Shammai. Compreendiam que o Mestre de Nazaré não era nem desta nem daquela escola; tomava as águas mais de cima, onde ainda não as turvara a malícia humana; não se contentava com aparar um ou outro ramo doentio da árvore, mas levava o machado à raiz da planta envenenada; não

condenava esta ou aquela orientação, mas rejeitava toda a mentalidade falsa de Israel, no tocante à família humana e sua dissolução.

Os consulentos tiveram de ouvir, para vergonha sua, que não existia motivo honesto que permitisse ao homem repudiar sua mulher mas, que a causa real era a “dureza do seu coração” e a adulteração da primitiva pureza da sociedade conjugal. Deus é amor. O que o verdadeiro amor uniu não o pode o homem separar; onde há amor não há divórcio.

Jesus e as Crianças

Certo dia, refere o Evangelho, após os labores diurnos, retirou-se Jesus do meio do povo.

Apresentaram-lhe então umas crianças para que lhes impusesse as mãos e orasse sobre elas. Os discípulos, porém, increparam a gente.

Os discípulos fizeram ver às mães que o Mestre estava cansado e não podia atender as crianças. Por via de regra, os grandes deste mundo, os que brilham nos pináculos da história e dirigem os destinos da humanidade, não tem tempo a perder com os pequeninos pináculos da história e dirigem os destinos da hucioso; cada minuto vale ouro.

Jesus, porém, tem tempo de sobra para se entreter com crianças, brincar com elas, fazer-se pequeno com os pequenos, “perder o seu tempo”.

— Deixai que venham a mim as crianças, e não lh’as embargueis; porque de tais é o reino dos céus.

Depois, abraçou-as, abençoou-as, e, em seguida, partiu dali.

É a única vez que o Evangelho menciona ter Jesus abraçado alguém.

Toda a criança é filha de Deus, e não do diabo. O Mestre ignora totalmente o tal “pecado original”.

O Jovem Rico

Acabava o Mestre de abençoar as crianças.

Quando se dispunha a sair — eis que ocorre a ele um jovem distinto, prostra-se aos pés e exclama:

— Bom Mestre, que bem devo praticar para alcançar a vida eterna?

A julgar pela atitude, esse jovem se achava sob a impressão de algum grande acontecimento; talvez tivesse lutado consigo mesmo, até que de repente, lhe despontara na alma uma grande luz; e ele, com o coração a transbordar de emoção, foi ter com o Mestre, encontrando-o justamente a ponto de deixar a casa.

A resolução do moço parecia não admitir delongas. Não pede licença, não pergunta se a ocasião é propícia — precisa falar a Jesus com urgência!...

Quedou-se Jesus, por uns instantes, com o olhar embebido no horizonte vespertino. Depois, voltando a fitar os olhos no jovem, ainda prostrado a seus pés, disse:

— Se queres entrar na vida eterna, guarda os mandamentos.

— Quais? — perguntou ele.

Eram tantos os mandamentos que o jovem consulente conhecia, centenas de preceitos e tradições impostas pelos mestres de Israel! Não era possível guardá-los todos.

E, afinal de contas, quem sabe se o grande Mestre não tinha mandamentos especiais, sublimidades místicas, doutrinas esotéricas...

Respondeu-lhe Jesus:

— Não matarás, não cometerás adultério, não furtarás, não levantarás falso testemunho, honrarás pai e mãe, amarás o próximo como a ti mesmo...

Grande decepção!

Como? Era essa a decantada sabedoria do famoso profeta de Nazaré?... Coisa tão simples e corriqueira?... Coisa que qualquer criança de Israel sabia de cor, e que os rabinos levavam escrita nos seus filactérios?...

E ele, o jovem entusiasta, formava conceito tão elevado das revelações do Nazareno... Custara-lhe tanto resolver-se a dar este passo; pois as classes ocultas não eram lá muito amigas de Jesus, que vivia no meio de publicanos e pecadores, de crianças, pobres e doentes. Mas o interior não lhe dera tréguas, enquanto não consultara o Grande Mestre.

E agora?... Uma resposta tão sabida e quase banal...

Parece que esse jovem ainda ignorava que a suprema sabedoria se revela, de preferência, na extrema simplicidade.

Levantou-se, e disse num tom em que vibrava um que de estranheza e decepção:

— Tudo isto tenho observado desde pequeno.

Falava a verdade. Tinha sido uma criança modelo, um menino exemplar; nem mesmo as tentações da mocidade tinham conseguido manchar-lhe a alma.

E, acrescentou ansioso:

— Que me falta ainda?

Jesus contemplou com amor esse jovem, diz o evangelista.

No meio de grande silêncio e de uma ansiosa expectativa, disse Jesus:

— Se queres ser perfeito, vai, vende todos os teus bens e dá-os aos pobres — e terás um tesouro nos céus — depois vem e segue-me.

Qual raio em céu sereno, caiu esta intimação na alma do jovem...

De repente, com um movimento brusco, voltou as costas a Jesus, e, sem uma palavra de

despedida,

afastou-se a largos passos.

Retirou-se o jovem, triste e pesaroso, porque era possuidor de muitos bens.

Jesus seguiu-o com os olhos, taciturno, até perdê-lo de vista numa volta do caminho...

Depois, como que voltando a si de regiões longínquas, deu um suspiro profundo e, olhando para os circunstantes, disse vagarosamente:

— Como é difícil entrar no reino de Deus os que possuem riquezas!

Riqueza e Pobreza

Depois da retirada do jovem rico, quedou-se Jesus ainda por algum tempo, como que absorto em dolorosas cogitações.

Os discípulos estavam aterrados e comentavam entre si as palavras do Mestre.

Aproximou-se deles Jesus e repetiu o mesmo pensamento:

— Como é difícil, filhos meus, entrar no reino de Deus os que põem a sua confiança nas riquezas!... Mais fácil é passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus!...

“Os que põem a confiança no dinheiro” — estas palavras precisam bem a mentalidade de Jesus. O que impossibilita a entrada no reino de Deus não é a posse material, externa, de bens temporais; mas é o apego interno às riquezas. É possível que um milionário não ponha a sua confiança no dinheiro, que viva inteiramente livre e desapegado das suas posses; e é possível que um mendigo faça do dinheiro o seu ídolo, o seu Deus, o seu tudo.

O que Jesus exige de todos os homens é a “pobreza pelo espírito”, a liberdade interior, o desapego da alma, a emancipação espiritual dos bens de fortuna.

Quando os discípulos ouviram que mais difícil era entrar um rico no céu do que passar um camelo pelo fundo de uma agulha, ainda mais se aterraram e começaram a dizer uns aos outros.

— Quem pode então salvar-se?

— Para os homens é isto impossível — respondeu Jesus — mas não para Deus; porque a Deus tudo é possível.

Quer dizer: Deus pode fazer com que um escravo do dinheiro se converta num homem “pobre pelo espírito”, livre e desapegado dos bens caducos da terra. Mas, enquanto o homem continuar a “pôr a sua confiança nas riquezas” e fazer delas o seu ídolo, nem Deus o pode salvar; a boa vontade do homem é indispensável.

Quando Simão Pedro ouviu estas palavras de Jesus, sentiu-se tomado de um como sentimento de nobre orgulho, na consciência da sua liberdade interior e pobreza voluntária, e,

com o coração nos lábios, exclamou:

— Eis que nós deixamos tudo e te seguimos. — Qual será, pois, a nossa recompensa?

Não era muito esse tudo que o pescador da Galiléia deixara: uma velha barca, umas redes rotas, alguns remos e pouco mais; mas, afinal de contas, era tudo; e para alguém muito pobre é mais difícil abandonar a sua querida choupana do que para o rico deixar os seus suntuosos palácios; e mais duro nos pode ser renunciarmos ao pouco que sonhávamos ganhar do que o muito que possuíamos; porque muitas vezes a esperança do futuro é mais deliciosa do que o fausto do presente.

Respondeu Jesus:

— Em verdade vos digo, que todo aquele que por causa de mim e do Evangelho deixar casa, ou irmãos, ou irmãs, ou mãe, ou pai, ou filho, ou campo — receberá, já nesta vida, não obstante perseguições, o cêntuplo, é, no mundo futuro, terá a vida eterna.

Os Trabalhadores da Vinha

O reino dos céus é semelhante a um pai de família que, de madrugada, saiu a contratar trabalhadores para a sua vinha. Ajustou com os trabalhadores o salário de um denário por dia, e mandou-os para a sua vinha. Pelas nove horas saiu outra vez, e viu outros na praça ociosos. Disse-lhes: “Ide também vós para a minha vinha, e dar-vos-ei o que for justo.” Foram. Por volta das doze e das três horas tornou a sair, e procedeu da mesma forma. E, quando, pelas cinco horas, saiu novamente, encontrou outros que lá estavam, e disse-lhes: “Por que estais aqui o dia todo sem fazer nada?” Ao que eles lhe responderam: “É que ninguém nos assalariou.” Ordenou-lhes ele: “Ide também vós para a minha vinha”. Ao anoitecer, disse o dono da vinha a seu feitor: “Vai chamar os trabalhadores e paga-lhos o salário, a começar pelos últimos até os primeiros.” Apresentaram-se, pois, os que tinham entrado pelas cinco horas; e recebeu cada qual um denário. Chegaram, porém os que tinham sido os primeiros, e calculavam que iam receber mais; mas também estes não receberam senão um denário cada um. Aceitaram-no, porém murmuraram contra o pai de família, dizendo: “Esses últimos trabalharam apenas uma hora, e os igualaste a nós, que suportamos o peso e o calor do dia. Meu amigo, respondeu ele a um da turma, não te faço injustiça. Pois não ajustaste comigo um denário? Toma, pois, o que é teu e vai-te. Mas eu quero dar também aos últimos tanto quanto a ti. Ou não me será lícito dar aos meus bens o destino que quero? Será que o teu olhar é mau porque eu sou bom? Assim é que últimos serão primeiros, e primeiros serão últimos. Porque muitos são os chamados, mas poucos os escolhidos.”

O trabalho do homem nunca é causa daquilo que Deus lhe dá, mas simples condição; a

causa é unicamente Deus. Nenhum homem tem direito, e Deus não tem obrigação alguma.

E este o fim da parábola-, mostrar a absoluta liberdade de Deus na distribuição dos seus dons gratuitos.

Nenhum homem pode merecer o céu, porque não vigoram entre o homem e Deus relações de ordem jurídica. O que Deus dá é graça imerecida, que o homem não pode causar ou merecer.

A Pretensão dos Filhos de Zebedeu

Abandonara Jesus a povoação de Efrem, situada à beira do planalto, rente ao deserto da Judéia, e descera para o vale do Jordão.

Ia em demanda de Jerusalém, a fim de tomar parte nas solenidades pascaís, que nesse ano incidiam na primeira semana do mês de Nisan (abril).

“Seguia diante dos discípulos”, refere o evangelista. Como da outra vez, quando regressara da Peréia, estavam os doze aterrados com essa temeridade do Mestre. Ir ao encontro de seus mortais inimigos...

Para dissipar toda e qualquer dúvida sobre as suas intenções e sobre os próximos acontecimentos,

convocou Jesus os seus discípulos e falou-lhes com a maior franqueza e desassombro:

— Eis que vamos subindo a Jerusalém, e cumprir-se-ão no Filho do Homem todas as coisas que foram escritas pelos profetas. Será entregue aos principais dos sacerdotes, aos escritos e anciãos, que hão de condená-lo à morte, entregá-lo aos gentios, escamecê-lo, cuspir nele, açoitá-lo e matá-lo,• no terceiro dia, porém, ressurgirá.

Diversas vezes já tinha Jesus falado da sua morte. Desta vez, porém, o quadro saiu mais negro que nunca, em atenção às coisas horrorosas que iam preceder o seu fim trágico.

Entretanto, por mais claras que em si mesmas fossem estas palavras, pareciam obscuras e misteriosas aos discípulos. Não era possível que o Mestre entendesse aquilo em sentido literal; devia ser alguma das suas costumadas alegorias ou comparações.

Apresentou-se Salomé, ladeada dos seus filhos moços, Tiago e João, aproveitando um momento de folga, quando Jesus se achava sozinho, um tanto afastado dos seus discípulos; fez-lhe uma profunda reverência e, falando em seu nome e no dos requerentes, entrou com este exórdio:

— Mestre, quiséramos que atendesses a um pedido que te vamos fazer.

Perguntou-lhe Jesus:

—Qual é o vosso pedido?

Respondeu a consulente:

— Ordena que meus dois filhos, no reino da tua glória, se sentem um à direita, e outro à esquerda.

Não era pouco o que Salomé pedia para seus filhos; nada menos que os postos de primeiro e segundo ministros do reino que ia fundar. Coração de mãe não conhece limites quando se trata do bem de seus filhos — e aqueles dois moços eram inegavelmente, a seus olhos, os dois homens mais competentes e como que talhados para ocupar as pastas de “Ministro do Exterior” e de “Ministro da Fazenda” no glorioso reino em perspectiva...

Com admirável finura de tato e diplomacia feminina, diz a requerente: “ordene, Mestre”.;.. Pois quem manda és tu; tu somente, convencido da competência e capacidade destes dois candidatos lavrarás o documento da sua nomeação; eu, tua serva Salomé, não faço coisa alguma. Ordena, pois, faze valer a tua vontade, divino ditador!...

Não faz referência à pessoa de Simão Pedro, embora tivesse em mente esse perigoso rival de seus filhos; evita delicadamente aludir a um homem que ocupava lugar saliente nos planos do Nazareno.

Que sentimentos terá essa pretensão provocado na alma de Jesus?...

Que conceito formavam eles da natureza do reino de Deus?... Apresentarem-se candidatos aos primeiros postos, agora que Jesus ia a Jerusalém, e, humanamente falando, estava em vésperas do maior fracasso.

Bem sabia Jesus que a petição não era somente da mãe, mas antes de tudo de Tiago e de João; por isso, dirigindo-se a esses lhes disse:

— Não sabeis o que pedis.

E, depois de ligeira pausa acrescentou, acentuando as palavras:

— Podeis beber o cálice que eu vou beber? E ser mergulhados como eu vou ser?

— Podemos! — responderam os dois, pronta e resolutamente.

Era, por assim dizer, a assinatura do seu requerimento. Os “filhos do trovão” não sabiam o que era medo...

A essa resposta, valente e temerária terá Jesus sorrido compassivamente, assim, como um homem experimentado sorri da ingenuidade de um par de crianças inexperientes, que se declaram capazes de façanhas que ultrapassam as suas forças e excedem o alcance de sua compreensão.

Estava Jesus para beber o cálice mais amargoso que já sorveram lábios humanos... Todas as angústias do Getsêmane, todos os horrores do pretório iam penetrar as fibras do seu ser, assim como uma bebida venenosa atea incêndios nas entranhas de quem a ingere...

E os filhos de Zebedeu, sem refletir um instante, se declararam capazes para beber este

cálice...

Os dois pretendentes aos primeiros cargos no “reino da glória” se sentem bastante corajosos para afundar nesse mar de dores e de opróbrios.

— “Não sabeis o que pedis”, dissera Jesus; e bem pudera acrescentar: “Não sabeis o que prometeis.”

Depois lhes faz esta revelação:

— Sim, bebereis o cálice que eu vou beber; fareis o mergulho que eu vou fazer; mas isto de vos conceder os lugares à minha direita e à minha esquerda não é comigo: compete àqueles a quem meu Pai os destinou.

Quando os dez ouviram isto, indignaram-se contra Tiago e João.

Logo se espalhou a notícia da pretensão dos dois irmãos, causando indignação no meio do colégio apostólico (dos discípulos); porquanto cada um se julgava com o direito de ocupar o primeiro lugar no reino messiânico, como já tinham dado a entender repetidas vezes. Não havia, propriamente, motivo para tamanha indignação; pois o Mestre nada prometera aos dois; mas — o coração tem razões de que a razão nada sabe...

Pelo que Jesus os chamou a si e lhes disse: “Sabeis que os príncipes dos gentios dominam os seus súditos, e os grandes exercem poder sobre eles. Entre vós, porém, não há de ser assim, mas quem dentre vós quiser ser o primeiro seja o servidor de todos. Também o Filho do Homem não veio para ser servido, mas, sim, para servir e pôr a sua vida a serviço de muitos.”

O Cego à Entrada de Jericó

Depois do incidente com os filhos de Zebedeu, foi a caravana seguindo viagem.

Quando Jesus se aproximava de Jericó, achava-se um cego sentado à beira da estrada, pedindo esmola.

Não era por acaso que o pobre homem lá estava; porque aquela estrada, uma das mais frequentadas, fervilhava de peregrinos com destino a Jerusalém, onde iam assistir às solenidades pascaís. O mendigo de olhos apagados contava ganhar, nesses dias movimentados uns bons punhados de siclos, com que prolongar a sua existência triste.

Ouvindo o tropel de gente que passava, perguntou o que era aquilo. Disseram-lhe que vinha passando Jesus de Nazaré.

Esse nome não lhe era desconhecido; mais de uma vez tinha ouvido falar nesse taumaturgo, que restituíra a luz dos olhos a diversos companheiros seus de infortúnio.

E logo se pôs a clamar:

— Jesus, filho de Davi, tem piedade de mim!

“Filho de Davi” era o título oficial do Messias prometido na lei antiga; pois, como homem, era Jesus descendente da estirpe davídica. Parece que este cego via mais claro que muitos dos judeus dotados de dois olhos.

“Os que vinham à frente repreenderam-no, para que se calasse. Ele, porém, clamava cada vez mais: — Filho de Davi, tem piedade de mim!”

Pensavam talvez os transeuntes que o cego quisesse pedir uma esmola a Jesus; e, de fato, esmola queria ele, mas uma esmola que valia mais que todos os tesouros do mundo.

Então parou Jesus e mandou que o trouxessem. Tendo ele chegado, perguntou-lhe Jesus: — Que queres que eu te faça?

— Senhor, que eu torne a ver! — respondeu ele.

— Torna ver! — disse Jesus. — A tua fé te curou. E no mesmo instante ele via, e foi seguindo, glorificando a Deus.

Também todo o povo que isto presenciara louvava a Deus.

Zaqueu

Seguido do cego recém-curado, de uma multidão de povo e de peregrinos, entrou Jesus em Jericó, delicioso oásis no meio daquelas plagas desertas, situado nos confins da Judéia e Peréia.

Na qualidade do mais importante centro comercial de Israel, tinha Jericó uma alfândega movimentada que, nesse tempo, se achava arrendada pelos senhores de Roma a um judeu abastado por nome Zaqueu, homem de pequena estatura e de grande atividade. Era chefe de publicanos, publicano-mor, cabendo-lhe portanto, dobradamente o desprezo e o ódio com que seus patrícios ortodoxos mimoseavam essa classe de gente: “Publicano e pecador” — estava dito tudo...

Mal soube Zaqueu que Jesus vinha entrando na cidade, abriu mão da sua papelada e correu à rua para vê-lo.

Mas, como era de pequena estatura, não logrou o seu intento; só viu em derredor de si corpos humanos, que lhe tolhiam a perspectiva. Zaqueu, porém, era homem habituado a achar solução a todas as dificuldades. Resolutamente, o diretor da alfândega de Jericó correu para diante, onde existia uma figueira — e, lesto como um garoto subiu pelo tronco da árvore e encarapitou-se num dos galhos aguardando o momento em que Jesus passasse ao pé do seu observatório improvisado.

Sucedeu então o que Zaqueu não esperava. Quando Jesus chegou ao pé da árvore, parou, olhou para cima, e, vendo o coletor lhe disse:

—Desce depressa, Zaqueu, porque hoje tenho de hospedar-me em tua casa.

Como? Jesus o conhecia? Até lhe sabia o nome?...

Desceu de um salto e convidou Jesus ao seu palacete.

Indignaram-se os judeus com esse procedimento do Nazareno e murmuraram, despeitados:

—Hospedou-se em casa de um pecador...

Também Zaqueu tinha a intuição de que aquela casa não era o lugar mais apropriado para hospedar um profeta como Jesus. E fez o que no momento lhe foi possível para tornar a sua vivenda um pouco menos indigna; à entrada pôs-se diante do Mestre e disse-lhe:

— Senhor, darei aos pobres metade da minha fortuna, e, se defraudei alguém, restituirei o quádruplo.

Palavras que, certamente, encheram de satisfação a não poucos dos presentes; pois o próprio chefe da aduana local reconhecia as suas injustiças, quando, por via de regra, protestava contra semelhante insinuação da parte de terceiros.

Restituir quatro vezes mais era a pena que a lei romana, e, em certos casos, também o código de Israel impunham aos ladrões arguidos de injustiças. Zaqueu é juiz e acusador de si próprio.

Disse então Jesus:

— Hoje entrou a salvação nesta casa, porque também ele é filho de Abraão. Pois o Filho do Homem veio para procurar e salvar o que se perdera.

As Dez Minas

Achava-se Jesus em Jericó, hospedado em casa de Zaqueu. Mostrara-se o chefe de publicanos sinceramente arrependido das suas fraudes e resolvera começar vida nova. Ao que Jesus lhe dissera: — “Hoje entrou a salvação nesta casa, porque também ele é filho de Abraão; pois o Filho do Homem veio para salvar o que se perdera.”

E continuou a falar sobre o advento do reino de Deus.

Alguns dos ouvintes, parece, sentiram-se possuídos de sentimentos aventureiros e belicosos, com a perspectiva de lutarem ao lado do Nazareno pela conquista do reino de Deus, reino que eles entendiam lá a seu modo.

Resolveu Jesus deitar água na fervura, fazendo ver que cada um dos seus discípulos teria de passar por um período de prova e crise, antes de entrar no reino da glória. E, revestindo de trajos alegóricos o seu pensamento, propôs a seguinte parábola:

— Um homem de nobre linhagem partiu para um país longínquo a fim de obter a dignidade

real, e depois regressar. Mandou por isso vir à sua presença os seus dez servos e entregou-lhes dez minas³, dizendo-lhes: —Negociai com isto até que eu volte.

Os seus concidadãos, porém, odiavam-no e mandaram-lhe ao encalço uma embaixada com esta declaração: — Não queremos que este seja nosso rei!

Ele, todavia, foi obter a dignidade real e regressou.

E mandou chamar os servos aos quais entregara o dinheiro para saber que negócio fizera cada um.

Todas as parábolas de Jesus são projetadas sobre um fundo histórico, geográfico ou etnológico.

Era, pois, vivo o interesse e grande a suspensão que reinava naquele auditório de Jericó. Todos ansiavam por saber qual a sorte do candidato e dos servos, e que destino estes tinham dado ao dinheiro —Jericó era a cidade do dinheiro, do comércio e dos bancos.

Prosseguiu Jesus:

— Veio o primeiro servo e disse: — Senhor, a tua mina rendeu mais dez minas.

— Muito bem, servo bom — respondeu-lhe ele — porque foste fiel no pouco, serás senhor de dez cidades.

Veio o segundo e disse: — Senhor, a tua mina rendeu cinco minas.

Vê-se que esses servos têm modos e educação; não dizem: Eu ganhei dez, cinco minas, mas sim: A tua mina ganhou...

Veio o terceiro e disse: — Eis aqui Senhor, a tua mina! Guardei-a envolta no lenço; porque tinha medo de ti, que és homem severo; tiras o que não colocaste e colhes o que não semeaste.

O Senhor lhe disse:

— Com as tuas próprias palavras eu te condeno, servo mau! Sabias que sou homem severo, que tiro o que não coloquei, e colho o que não semeiei; por que, pois, não colocaste o meu dinheiro para render para que ao voltar, o recebesse eu com juros?

Em seguida, ordenou aos circunstantes:—Tirai- lhe a mina e entregai-a a quem tem as dez minas.

Admirados, retrucaram os outros: — Mas, Senhor, ele já tem dez minas.

O Senhor, porém, insistiu na sua ordem, dizendo: —Declaro-vos que a quem tem lhe será dado, e terá em abundância; mas a quem não tem ser-lhe-á tirado até aquilo que tem.

Foi esta a primeira medida governamental do novo rei.

E logo seguiu outra:

³ Mina se refere a uma moeda daquela época.

“Quanto aos meus inimigos, que não me quiseram como rei, trouxei-mos cá e matai-os ante os meus olhos!”

O auditório estava aterrado.

Aquele homem que se ausentou para um país longínquo era Jesus mesmo. Estava prestes a partir. Tinha dado as suas ordens. Mais tarde, voltaria. E aí daqueles que tivessem ficado ociosos e se lhe apresentassem de mãos vazias! Castigá-los-ia com penas terríveis. Aí também daqueles que se revoltassem contra o seu domínio e sua realeza!

Alguns dos ouvintes entraram em si e fizeram silencioso exame de consciência...

Outros se indignaram, protestaram contra a parábola e procuraram vingar-se...

O Banquete em Betânia

Sexta-feira de tarde, chegou Jesus a Betânia, perto de Jerusalém. Restava-lhe ainda uma semana de vida mortal; ele o sabia, na próxima sexta-feira estaria pendente do patíbulo, nas alturas do Gólgota.

Betânia fervilhava de peregrinos, que tinham vindo purificar-se, por meio de diversas abluções e cerimônias, para poderem celebrar dignamente a Páscoa.

Jesus foi convidado a jantar por um tal Simão, apelidado o Leproso. Talvez que fosse um daqueles que Jesus curara ultimamente, da lepra, e, ele, em sinal de gratidão, deu um banquete a seu benfeitor, a exemplo do que fizera Levi, quando fora chamado ao apostolado.

Assim é que os três amigos de Jesus, Lázaro, Marta e Maria, tiveram de ceder essa honra ao vizinho Simão. Mas não lhes sofria o coração conservaram-se inativos. Marta ofereceu-se para servir à mesa em casa de Simão; Maria deliberava consigo mesma como dar ao amigo e Mestre uma prova de sua grande dedicação; Lázaro fora convidado para tomar lugar à mesa, pois não convinha faltasse personagem tão especial, havia pouco ressuscitado da morte, e em torno do qual giravam todas as conversas.

É certo que em Betânia se tinha notícia das palavras lúgubres que Jesus proferira em caminho, a respeito da sua morte iminente.

O banquete era, pois, uma festa de despedida.

Enquanto Jesus estava à mesa, fez Maria a sua despedida; foi buscar à casa um vaso de alabastro cheio de perfume de nardo genuíno; pesava quase uma libra, ou seja **350** gramas. Entrou na sala, colocou-se ao lado do reclinatório de Jesus e começou a destilar-lhe cautelosamente sobre a cabeleira a preciosa essência.

Na Palestina, e no Oriente em geral, o uso de unguentos e essências aromáticas não obedece a uma simples questão de luxo, nem um exagerado culto de estética ou vaidade. A atmosfera

palestinense vem geralmente impregnada de uma poeira sutil dissolvida das rochas calcáreas que formam grande parte das montanhas; a epiderme do viandante torna-se ressecada, recuperando a sua maciez e flexibilidade natural pela aplicação de um óleo ou unguento, o que representa um verdadeiro benefício para o peregrino exausto. Ainda hoje, não é raro ver-se uma dona-de-casa repetir o gesto de Maria de Betânia, para com algum hóspede de grande estima e consideração.

O que havia de excepcional no ato de Maria era a circunstância de ela derramar sobre a cabeça do Mestre a preciosa essência, pura e sem mescla, em vez de diluir umas gotas em outra substância menos preciosa, como se costuma fazer.

Era tão puro esse perfume como a sensibilidade do seu coração. E, se aquele frasco lhe custasse a fortuna toda, por muito bem empregada daria a discípula essa despesa.

Quando Judas Iscariotes viu o que Maria estava fazendo, observou com aspereza:

— Para que esse desperdício? Por que não se vendeu esse bálsamo por trezentos denários para dar aos pobres?

Entretanto, o fato é que Jesus não considerou desperdício aqueles **300** denários empregados em fins religiosos e místicos; nem consta até hoje que uma alma generosa para com Deus e as coisas divinas possa ser mesquinha para com as necessidades humanas.

Quanto à intenção real desse ardoroso advogado da dobreza e paladino da caridade social, diz-nos o evangelista João:

“Isto dizia Judas, não porque lhe interessassem os pobres, mas porque era ladrão, e, como levava a bolsa, surrupiava o que nela entrava.”

Por isso, Iscariotes, já interiormente frio e sem fé, sentia como ofensa pessoal todo o ato de amor que alguém prestasse ao Nazareno.

Como da outra vez, assim também agora defende Jesus a sua generosa discípula, dizendo aos murmuradores, pois alguns outros discípulos faziam coro a Judas:

— Deixai-a em paz! Por que molestais essa mulher? Praticou uma boa obra para comigo. Pobres sempre os tendes convosco, e podeis fazer-lhes bem quando quiserdes; a mim, porém, nem sempre me tendes. Ela, derramando sobre o meu corpo este bálsamo, preparou-me para a sepultura. Em verdade vos digo que, onde quer que for pregado este Evangelho, em todo o mundo, será contado também em sua memória o que ela fez.

Jesus Proclamado Messias

Betânia, a silenciosa Betânia, estava transformada num ruidoso centro de romaria. Milhares de peregrinos, que vinham chegando a Jerusalém, a fim de assistir às solenidades pascaís, dirigiam-se para a aldeia embalada nas fraldas do Monte das Oliveiras, para verem o célebre

taumaturgo de Nazaré, como também para verem Lázaro, esse estranho fenômeno que voltara das regiões da morte. Mas o redivivo de Betânia nada revelou das coisas d'além.. Durante o sábado não era permitido ao israelita empreender uma caminhada que durasse mais de **10 a 15** minutos, e Betânia ficava meia hora distante de Jerusalém.

Mal, porém, expirou o dia do descanso litúrgico, e amanheceu o primeiro dia da semana, viam-se muitos homens a caminho de Betânia.

No primeiro dia da semana (domingo), despediu-se Jesus dos seus amigos de Betânia e pôs-se a caminho de Jerusalém.

Chegado à pequena aldeia de Betfagé, parou por uns momentos e mandou dois dos seus discípulos diante de si com esta ordem:

— Ide à aldeia que tendes à frente; à entrada da mesma encontrareis uma jumenta atada, e com ela um jumentinho também atado, no qual ainda ninguém montou. Soltai-os e trazei-mos cá. Se alguém vos perguntar por que os soltais, respondei-lhes que o Senhor necessita deles, e logo os devolverá.

Os discípulos partiram e encontraram tudo exatamente assim como o Mestre havia dito. Trouxeram a jumenta com o seu jumentinho, e sobre este último lançaram os seus mantos e fizeram Jesus montar.

Era a primeira vez em sua vida, parece, que Jesus se servia de uma cavalgadura; por via de regra, andava a pé. Mas este dia era de grande solenidade.

Os discípulos impressionaram-se com esses preparativos, e, sem dúvida, a mais de um deles se antolhava uma visão de glórias, aurora alviçareira do reino de Deus que tão ardentemente esperavam.

Enquanto Jesus seguia viagem, montado no jumentinho, um delírio religioso nacional se apoderou das multidões; pareciam ter voltado os tempos mais gloriosos de Israel.

Todas as turbas e os discípulos começaram a louvar a Deus em altas vozes, por todos os prodígios que tinham visto, clamando: “Bendito seja o rei que vem em nome do Senhor! Paz na terra e glória nas alturas! Hosana ao filho de Davi! Bendito o que vem em nome do Senhor, o rei de Israel! Hosana nas alturas!”

Uns estendiam os seus mantos pelo caminho, outros cortavam ramos de árvores e com eles juncavam a estrada.

Quanto mais se aproximava da capital, mais se avolumava o préstito, engrossado pelos que vinham da cidade; e cada vez mais crescia o delírio das massas populares. A manifestação improvisada ia tomando proporções de uma verdadeira apoteose, uma marcha triunfal como não se vira igual desde os tempos de Davi e Salomão.

À beira da estrada estavam os fariseus e seus adeptos, dizendo: — Estais vendo que nada adiantamos? Todo o mundo vai atrás dele!... E tinham trabalhado tanto, tanto... Tinha movido céus e terra, tinham espalhado calúnias e mais calúnias para destruir o prestígio do Nazareno... E agora?...

Estupefatos e indignados, contemplavam a grandiosa manifestação popular em homenagem àquele cuja morte estava decretada, cujo paradeiro devia ser denunciado por quem o soubesse, e cujos discípulos eram expulsos da sinagoga...

Em outras ocasiões se subtraía Jesus a semelhantes apoteoses; após a multiplicação dos pães, quando o povo queria levá-lo a Jerusalém, e proclamá-lo rei de Israel, tinha dado ordem aos discípulos para embarcarem imediatamente, enquanto ele mesmo se encarregava de dispersar o povo, retirando-se depois às silenciosas alturas de uma montanha. Os fariseus sabiam disto, e, nesse dia solene, pediram ao Mestre que proibisse tão ruidosa manifestação.

— Mestre, chama à ordem os teus discípulos!...

Com a mesma energia responde Jesus:

— Asseguro-vos que, se estes calarem, clamarão as pedras!

Lágrimas no Meio do Triunfo

Entrementes, havia a deslumbrante procissão chegado a um ponto do caminho, onde, do alto de íngreme ladeira, abrangia o espectador um panorama esplêndido, tendo no primeiro plano a quebrada profunda do vale de Cedron, e, mais além, o mar de casas coroado pelo templo. Vinham os peregrinos do leste, e, como era precisamente de manhã, o sol dava em cheio sobre o frontespício do santuário, rodeado da extensa área chamada “átrio dos gentios”, caprichosamente ladrilhada de mosaicos versicolores; à entrada, ficava o “átrio do povo”, ou das mulheres; mais além, o “átrio dos sacerdotes”, com o “altar dos holocaustos”, depois, uns **50** metros acima do resto o “santuário” e o “santíssimo”.

Redobram de intensidade os vivas e as ovações, quando surgiu aos olhos dos peregrinos a majestade do santuário nacional de Israel.

Milhares de olhos brilhavam de júbilo — só dois olhos se encheram de lágrimas, lágrimas de dor incompreendida, porque de incompreendido amor...

“E, quando Jesus se aproximou da cidade, rompeu em pranto” — diz Lucas. E disse Jesus:

— Ah! se também tu conhecesses, ao menos neste dia, o que te poderia trazer a paz!... Mas, está oculto a teus olhos... Porque virão dias sobre ti em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras, te apertarão e angustiarão de todas as partes; derribarão a ti e a teus filhos que em ti estão, e não deixarão pedra sobre pedra — porque não reconheceste o tempo da tua visitação!...

É esta a segunda vez que Jesus alude profeticamente à catástrofe de Jerusalém e ao extermínio de Israel, por não ter reconhecido o tempo da misericórdia divina, sobretudo aqueles três anos de graças extraordinárias.

E Jesus rompeu em pranto...

Um dia, chorou sobre o cadáver de Lázarro lágrimas de amizade. Agora, derrama lágrimas de solidariedade, lágrima de pastor e de redentor quando vê desprezadas todas as suas solitudes ao seu povo.

Entrada em Jerusalém

Por um dos vastos portais da muralha do templo derramou-se aquela torrente humana para o interior da extensa área do átrio dos gentios, avançando até ao átrio do povo e dos sacerdotes.

Do interior da cidade, e do santuário acudia gente e mais gente, perguntando cheios de curiosidade.

— Quem é este? Quem é esse que está sendo assim ovacionado e aclamado como rei de Israel, como bendito do Senhor? Quem é o alvo dessa deslumbrante manifestação?

Jesus era de todos conhecido, mas, como até aí nunca permitira que lhe fizessem semelhante demonstração de apreço, já nem parecia o mesmo Nazareno, manso e humilde de coração.

Prontamente responderam os que vinham no cortejo:

— Este é Jesus, o profeta! o Nazareno da Galiléia!

Quem isto dizia eram, naturalmente, os galileus,

cheios de orgulho provinciano por ter surgido no meio deles um vulto tão eminente.

O termo natural dessa marcha triunfante era o templo. Ao transporem o limiar do santuário; acalmou, da parte dos adultos, aquela tempestade de vivas e hosanas. As crianças, porém, não viam motivo para não continuarem a repetir no interior do templo as exclamações, e prosseguiram a cantar no mais alto diapasão das suas vozinhas:

— Hosana ao Filho de Davi! Hosana!...

Desde os bancos da escola, sabia cada hebreuzinho o salmo **117**; “Halleluia, Eloim!...” salmo que o mestre ensaiava para a festa dos Tabernáculos e que os pequenos tinham cantado no templo e nas ruas de Jerusalém. A meninada sentia-se em pleno ambiente dessa solenidade; pois não andava toda a gente com ramos verdes nas mãos, como nos dias poéticos dos Tabernáculos? Por isso, continuaram os pequenos, mesmo no interior do templo, a agitar os seus ramalhetes, e, improvisando dois coros como na escola. Continuaram a bradar:

—Aleluia! Louvai ao Senhor, porque ele é bom.

— Porque eterna é sua misericórdia!

—Diga Israel agora que o Senhor é bom, e eterna é a sua misericórdia!

Diga agora a casa de Aarão que eterna é a sua misericórdia!

Os fariseus, indignados, mandaram calar aquelas vozes infantis. Mas debalde!

Por fim, apelaram diretamente para Jesus, e em tom de severa intimação lhe disseram:

— Não ouves o que estes estão dizendo?

Respondeu-lhes tranquilamente Jesus:

— Sim, estou ouvindo.

E logo faz ver que até este incidente era profetizado nos livros sagrados que eles, os solícitos zeladores da lei, manuseavam dia e noite; pois, assim dizia o salmo 8: “Dos lábios dos meninos e das crianças de peito fizeste brotar louvor sublime, a despeito dos teus adversários.”

Sem mais uma palavra, deixou Jesus os seus contraditores.

Ao anoitecer, retirou-se da cidade e dirigiu-se com os discípulos a Betânia, onde, nessa última semana, costumava passar a noite.

Maldição da Figueira Estéril

Segunda-feira de manhã deixou Jesus Betânia e retomou o caminho de Jerusalém.

Estava com fome. Certamente não se hospedara em casa de Lázaro, Marta e Maria; mas passara a noite em algum albergue.

Nisto avistou ao longe, à beira da estrada, uma figueira frondosa. Encaminhou-se para ela e pôs-se a esquadrinhar a exuberante folhagem, a ver se lhe encontrava algum fruto; mas não achou nenhum figo, nem maduro nem verde; pois, observa Marcos, não era tempo de figos. Era em abril, princípios da primavera.

Então disse Jesus:

— Nunca jamais alguém coma fruto de ti! Nunca nasça em ti coisa alguma!

Os discípulos arregalaram os olhos, e, cheios de admiração, viram que a árvore começava a murchar...

E esta a segunda ou a terceira vez que Jesus compara Israel a uma figueira, e figueira infrutífera. Quase todas as doutrinas e parábolas que ele propõe, durante esta última semana da sua vida mortal, têm por fim mostrar a voluntária esterilidade espiritual do judaísmo.

Aquela árvore, certamente, não tinha culpa de não haver produzido fruto, tanto que nem era tempo de figos; mas todo este episódio simboliza a história e o estado do povo de Israel; em uma realidade concreta, apresenta o Mestre o retrato daquela nação tão cheia de formalidades exteriores, e tão destituída dos frutos de verdadeira religiosidade.

E, abandonando a figueira maldita à mercê da sua sorte, prosseguiram caminho, em demanda de Jerusalém.

Segunda Purificação do Templo

[Logo após o ato simbólico da maldição da figueira estéril, ofereceu-se aos olhos de Jesus a dolorosa confirmação desta parábola.

Quando Jesus subiu às alturas de Sião e pôs pé no átrio dos gentios, que circundava o templo, viu-se subitamente em um mercado de gados e de frutas. Novilhos e ovelhas, pombas e cereais aí estavam à venda; e à entrada tinham os cambistas armado as suas mesas cobertas de moedas de toda a espécie. Tudo isto era, até certo ponto, explicável; pois os israelitas necessitavam de comprar animais e gêneros para as suas oferendas e os seus holocaustos, e os peregrinos de outras províncias tinham de trocar o seu dinheiro, para poderem pagar ao templo o tributo anual em “moeda sagrada”. Mas, não havia, porventura, lugar suficiente do lado de fora do muro e nas praças da cidade? Por que cercar o santuário de Deus com os padrões de interesse e ganância?

Confrangeu-se o coração de Jesus em face de semelhante profanação. Ignoramos se também desta vez lançou mão de um azorrague, como na primeira purificação; sabemos apenas que expulsou os vendilhões e lhes disse em tom severo:

—Está escrito que a casa de meu Pai é casa de oração — e vós fizestes dela um covil de ladrões.

Os escribas e sacerdotes rangiam os dentes, indignados e impacientes por encontrarem uma oportunidade para eliminar o Nazareno do número dos vivos. Mas temiam o povo, que admirava Jesus como um grande mensageiro de Deus.

Ao anoitecer, tornou o Mestre a sair da cidade com os seus discípulos.

Eficácia da Fé

Quando, terça-feira, Jesus regressou à cidade, logo se lembraram os discípulos da figueira amaldiçoada. Correu à frente de todos Simão Pedro, e, vindo-a seca, exclamou cheio de pasmo:

— Olha, Mestre, como secou a figueira que amaldiçoas-te!

Também os outros discípulos se acercaram dela e, estupefatos, se entreolhavam, dizendo:

— Como secou tão depressa!...

Ao que Jesus repetiu o que já em outra ocasião lhes dissera sobre a eficácia da fé:

— Tende fé em Deus! Em verdade vos digo que, se tiverdes fé e não vacilardes, não somente fareis o que sucedeu a esta figueira, mas, se disserdes a este monte: — Sai daqui,

lança-te ao mar! Ele o fará. Pelo que vos digo: tudo o que pedirdes ao Pai, na oração e com fé, recebê-lo-eis. Mas, quando estiverdes em oração, perdoais, se tiverdes qualquer coisa contra alguém, para que também vosso Pai celeste vos perdoe os pecados. Porque, se perdoardes aos homens as suas faltas, também vosso Pai celeste vos perdoará os vossos pecados.

Início das Disputas no Templo

Neste dia, já não apresentava o átrio dos gentios o vergonhoso espetáculo do dia anterior; os vendilhões e cambistas tinham se estabelecido em outra parte. Anás devia estar furioso, pois parece que era ele o mais culpado desses abusos e tinha no mercado os seus agentes.

Na terça-feira, porém, estava tudo em ordem. Viam-se grupos de peregrinos espaiar-se pela extensa área ladrilhada, ou nos pórticos; outros ajuntavam-se em torno de alguns dos doutores da lei, que se achavam sentados sobre os seus tapetes quadrados, explicando textos sacros.

Também Jesus andava pelo átrio dos gentios, e logo se viu cercado de numerosos ouvintes.

No meio de uma dessas palestras, aproximou-se dele uma comissão composta de sacerdotes, escribas e anciãos, e, com ares solenes e oficiais, perguntaram a Jesus:

— Dize-nos, com que autoridade fazes estas coisas? Ou quem te deu o direito para procederes assim?

Aludiam, evidentemente, à ocorrência do dia anterior, quando Jesus expulsara os profanadores do lugar santo.

O Mestre não respondeu diretamente, mas fez-lhes uma contra pergunta, dizendo:

— Também eu quero perguntar-vos uma coisa, e, se me responderdes, também vos direi com que direito faço isto. Dizei-me:— O batismo de João de onde era? Do céu, ou dos homens?

Viram-se os interpelados em grandes apuros com essa pergunta inesperada. De acusadores tinham passado para acusados. E puseram-se a pensar entre si: “Se dissermos que era do céu, nos responderá: Por que, pois, não lhe destes crédito? Se dissermos que era dos homens, temos contra nós todo o povo e seremos apedrejados por ele; porque está convencido de que João era um profeta.”

Enfim, depois de muito pensar e refletir acharam mais prudente escolher uma evasiva e responderam a Jesus:

— Não sabemos.

Enveredou o Mestre pelo mesmo caminho, e disse-lhes:

— Tampouco vos direi eu com que direito faço isto.

A embaixada ficou-se, perplexa e confusa, por entre as risadas de todos os circunstantes.

Parábola dos Dois Filhos

Enquanto os adversários de Jesus ainda estavam em torno dele, propôs-lhe o Mestre uma parábola destinada a mostrar que nada valem palavras e promessas, mas, sim atos e realidades. Disse-lhes, pois: — Qual a vossa opinião: Um homem tinha dois filhos. Foi ter com o primeiro e disse-lhe: — Meu filho vai hoje trabalhar na minha vinha. Sim, Senhor! respondeu ele. Mas não foi. Então foi ter com o outro e lhe falou do mesmo modo. Não quero! respondeu este; mas depois se arrependeu e foi. Qual dos dois cumpriu a vontade do pai?

— O último — responderam eles.

Disse-lhes Jesus:

— Em verdade vos digo que publicanos e meretrizes entrarão no reino dos céus antes que vós. João vos apontou o caminho verdadeiro; vós, porém, não lhes destes fé, ao passo que publicanos e meretrizes tiveram fé nas suas palavras. Vós o vistes, mas nem assim vos convertestes para lhe dardes fé.

Aí tinham eles a respostas, dos lábios do Mestre, que ficaram devendo à pergunta sobre a autoridade do Precursor. Estes, os chefes de Israel, eram piores que publicanos e meretrizes.

Com esta veemente censura despediu Jesus a comissão que lhe viera pedir satisfação dos seus atos.

Os Vinhateiros Perversos

Nessa mesma ocasião, colocou Jesus diante dos olhos dos seus inimigos um espelho que lhes mostrava a sua perversidade.

— Certo homem plantou uma vinha, cercou-a de uma sebe, cavou nela um lagar e levantou uma torre. Em seguida, arrendou-a a uns lavradores, e saiu a viajar. A seu tempo, enviou um servo aos lavradores, a fim de receber deles a porção dos frutos da vinha. Eles, porém, o prenderam, feriram e despediram de mãos vazias. Pela segunda vez lhes enviou outro servo. E maltrataram também a este, cobrindo-o de afrontas. Mandou-lhes ainda um terceiro. Mas a este até o mataram e lançaram fora. O mesmo fizeram ainda a muitos outros, que em parte feriram, em parte mataram. Ora, tinha ele um filho muito querido, o qual lhes mandou por último, dizendo consigo mesmo: — Não deixarão de respeitar meu filho, quando o virem. Os lavradores, porém, quando o avistaram, disseram: — Este é o herdeiro, vamos dar cabo dele, e será nossa a herança. Prenderam-no, pois, mataram-no e lançaram-no fora da vinha.

A estas alturas, abriu Jesus uma pausa e cravou os olhos em certa classe dos seus ouvintes que se achavam no templo.

Repetidas vezes compara Deus, no Antigo Testamento, o povo de Israel com uma vinha

plantada por ele mesmo em terreno fértil.

A comparação era-lhes familiar.

Os capitalistas de Jerusalém plantavam grandes vinhedos, arrendavam-nos aos viticultores, e ausentavam-se, passando longos anos em Damasco, Cairo ou Roma. Depois de **3** ou **4** anos, a vinha produzia.

Regressava então o dono da vinha e mandava um criado para receber o quinhão das uvas, que, segundo o contrato, lhe tocava.

Mas, com tão longa ausência, os viticultores se esqueciam ou fingiam ter esquecido que a vinha não era propriedade deles; tratavam os servos do proprietário como intrusos e ladrões. Maltratavam a uns, matavam a outros.

É fora de dúvida que, ao menos aqui, os fariseus atinaram com o sentido da parábola. Quantos profetas e mensageiros de Deus não tinham seus pais assassinados!...

Por último, resolve o dono da vinha mandar o seu próprio filho. Se os vinhateiros consideram intrusos aos servos, não é possível que tenham nessa conta o filho do proprietário; bem o conhecem e o enviado vinha com as credenciais do pai.

Mas aqueles são de uma perversidade satânica. A resolução que tomam é digna deles e do seu passado: Este é o herdeiro; vamos dar cabo dele, e a vinha será nossa.

Dito e feito. Matam o filho único do dono da vinha.

Este último ato da sangrenta tragédia ia cumprir-se em breve — Jesus bem o sabia — e os vinhateiros perversos já estavam diante dele...

Cravando os olhos nos fariseus, perguntou-lhes

— Que fará o dono da vinha a esses homens?

Silêncio profundo... Ninguém gosta de lavrar a sentença da sua própria condenação...

Respondeu-lhes Jesus:

— Virá e dará cabo daqueles lavradores, e arrendará a sua vinha a outros.

Os fariseus compreenderam tudo: o reino de Deus seria tirado a eles, indignos, e dado a outros, aos gentios...

E exclamaram alvoroçados:

— Tal não permita Deus!

Lançando mão de outro símile, prosseguiu Jesus:

— Que quer, pois, dizer o texto da Escritura: A pedra que os arquitetos rejeitaram essa se tornou pedra angular. Quem cair sobre esta pedra será espedaçado; aquele sobre quem ela cair ficará esmagado?

Alguns dos ouvintes olharam para os blocos de pedra que jaziam no átrio do templo, ao longo dos muros; pois até aquele ano se trabalhara na construção do edifício. Conheciam todos o Salmo **17**, onde o Messias é chamado “pedra angular” do templo de Deus.

E, ainda na mesma hora, procuraram os escribas e sacerdotes deitar as mãos a Jesus; porque tinham reparado que a parábola se referia a eles. Mas temiam o povo.

A Veste Nupcial

Repetidas vezes comparava Jesus o reino de Deus, a uma festa nupcial. A encarnação do Verbo são as núpcias espirituais do divino esposo com a natureza humana.

Na Peréia fizera ver como os israelitas deixaram de comparecer ao lauto banquete do Evangelho, escusando-se e preferindo-lhe as suas ocupações mundanas e gozos sensuais—casa de campo, bois, mulheres, etc.

Pela segunda vez recorre o divino Mestre ao mesmo símile acrescentando-lhe, porém, elementos essencialmente novos. Achava-se, desta vez, no templo de Jerusalém, em discussão com os chefes do povo, que se obstinavam em não reconhecer o Messias e aceitar o seu convite.

— O reino de Deus — disse ele — é semelhante a um rei que celebrava as núpcias de seu filho. Mandou os seus servos para chamar às núpcias os convidados. Eles, porém, não quiseram vir. Então mandou os servos com esta ordem: — Dizei aos convidados: — Eis que tenho pronto o meu banquete; mandei carnear os meus bois e animais cevados; está tudo pronto; vinde às núpcias. Eles, todavia, não ligaram importância, e foram-se embora, cada um para o seu negócio; os restantes prenderam os servos, maltrataram-no e os mataram. Indignou-se então o rei, mandou os seus exércitos, deu cabo daqueles assassinos e pôs fogo à sua cidade. Em seguida, disse aos servos: Está pronto o banquete nupcial, mas os convidados não foram dignos dele. Ide, pois, pelas encruzilhadas e convidai às núpcias a quantos encontrardes. Saíram os servos estrada a fora e reuniram todos os que encontraram, bons e maus. E encheu-se de convivas a sala do banquete.

Até aqui o primeiro ato do drama, ou da tragédia.

É uma profecia lúgubre sobre a história de Israel, nos próximos decênios. No ano **70** os generais romanos Tito e Vespasiano, arrasaram a cidade dos rebeldes, Jerusalém, incendiaram o templo e trucidaram milhares de judeus.

E, em lugar dos israelitas renitentes, convidaria Deus os gentios. E eles aceitariam em grande número o convite e encheriam a sala nupcial.

Mas nem todos os que se acham nesta sala têm a veste nupcial.

“Nisto entrou o rei para ver os que estavam à mesa. E deparou-se-lhe um homem que não

trajava veste nupcial. Amigo — disse-lhe — como entraste aqui não tendo veste nupcial? Aquele, porém, ficou calado. Ordenou então o rei aos servos: — Atai-o de mãos e pés e lançai-o às trevas de fora; ali haverá choro e ranger de dentes. Porque muitos são os chamados, mas poucos escolhidos.”

A Moeda do Imposto

Positivamente, aquela última terça-feira da vida pública de Jesus ia se tornando para os fariseus um dia de derrotas, cada qual mais vergonhosa.

Já não se atreviam a discutir com o Nazareno em campo raso, na certeza de que, no fim, lhes caberia farta messe de risos e escárneos.

Resolveram, pois, mudar de tática e tratar o rabi de Nazaré com requintes de amabilidade.

Nesse mesmo dia formaram os fariseus uma comissão especial composta de discípulos deles e de alguns herodianos, a fim de consultar a Jesus sobre um problema de candente atualidade e de caráter sumamente crítico: a questão do imposto.

Eram bem heterogêneos os elementos que compunham a comissão: os fariseus representavam o partido nacional-religioso; ao passo que os herodianos perfilhavam as idéias do tetrarca da Galiléia e Peréia, pugnado por um soberano da dinastia de Herodes. Mas, ainda que inimigos entre si, harmonizavam em um ponto: no ódio ao Nazareno; uns e outros estavam convencidos de que era tempo para destruir definitivamente o prestígio daquele homem. Dignos comparsas de Pilatos e Herodes que, na sexta-feira próxima, fariam as pazes cimentadas pelo sangue de Jesus...

Aproximaram-se, pois, do Mestre os emissários dos dois partidos, e, depois de uma série de medidas e reverências, apresentaram-se a ele como homens que vinham em causa própria, como espíritos retos que, em um mundo de mentira e bajulação, vinham procurar a pessoa do profeta de Nazaré como último refúgio e derradeira âncora de salvação.

— Mestre — dizem eles — nós sabemos que tu és amigo da verdade, que não fazes acepção de pessoas; que ensinas o caminho de Deus segundo a verdade.

Magnífico, esse prelúdio.

Depois dessas palavras untuosas vem repentinamente a pergunta clara e concisa:

— Dize-nos: é lícito pagar imposto a César ou não? Temos de pagar ou não?

“É lícito”—diziam eles, como se tivessem consciência tão delicada e receassem cometer pecado.

—Dize-nos: é lícito pagar imposto a César ou não?

Se Jesus dissesse: “É lícito”, deveis pagar”, seria por eles estigmatizado como inimigo do

povo e traidor de Israel; pois a questão do imposto que os judeus pagavam ao dominador estrangeiro era uma das mais dolorosas chagas de que sangrava o organismo social de Israel.

Se Jesus dissesse que não era lícito, nem havia obrigação de pagarem imposto a César— aí estavam os herodianos relacionados com o governador romano, que não perderiam a oportunidade para denunciar o Nazareno como subversivo. Os romanos, tão tolerantes em outros pontos, eram de uma intransigência férrea em matéria de imposto; e, tratando-se de um galileu, crescia de pronto a sua desconfiança, porque ainda estava na memória de todos a “greve tributária” que o famoso Judas Galileu organizara, não havia muito, contra a opressão dos poderosos de Roma.

Os emissários dos dois partidos antegozavam a confusão do Nazareno em face do terrível dilema.

Jesus, porém, sereno e calmo disse:

— Mostrai-me a moeda do imposto.

Os olhos de Jesus pousaram na moeda de prata, mas os seus dedos não a tocaram.

O chamado “denário do tributo” era uma moeda que ostentava no anverso a efígie do imperador reinante, ou de algum membro da família imperial; e no reverso uma figura simbólica. Os príncipes nativos da Palestina tinham o direito de cunhar moedas de cobre, com figuras de plantas e animais, ao passo que a cunhagem de moedas de ouro e de prata era direito privativo dos dominadores romanos. O imposto oficial só era pagável nesta moeda argêntea, chamada por isso “moeda do tributo”, como lembra expressamente Mateus, o ex-publicano, habituado a lidar, na coletoria, com esses valores oficiais.

No tempo em que se deu este episódio, governava o império romano Tibério César. A moeda, que a comissão dos consulentes apresentou a Jesus e que os olhos dele contemplaram por uns momentos levava num lado a imagem do dito soberano com a inscrição: TIBERIUS CAESAR AUGUSTUS, DIVIAUGUSTI FILIUS (Tibério César Augusto, filho do divino Augusto). Do outro lado via-se a figura completa do soberano, sentado, e o título: PONTIFEX MAXIMUS (Pontífice Máximo).

— De quem é esta imagem e a inscrição? — perguntou Jesus.

— De César — responderam eles, sem nada suspeitar.

Tornou-lhes Jesus, no mesmo tom indiferente e calmo:

— Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus.

Os emissários quedaram-se perplexos, como crianças a quem um adulto arrancasse das mãos uma arma que vinham vibrar contra ele. Também, que haviam de replicar? Se eles mesmos tinham sacado da cinta aquela moeda, confessando com isto que, de fato, usavam

dinheiro romano e assim se confessavam súditos de Tibério César — nada mais havia que decidir! A decisão que os consulentes pediam a Jesus já eles mesmos a tinham dado praticamente.

Faltava só renderem também ao soberano dos céus o que de direito lhe competia. E o que lhes diz o Mestre, sem ser solicitado: a resposta era, pois, mais cabal do que a pergunta.

Que aconteceu depois desta cena?

Diz o Evangelista:

“Eles, quando ouviram isto, não sabiam que replicar, e admirados da resposta de Jesus, calaram-se e foram embora.”

Os Escarnecedores da Ressurreição

Parece que nesses últimos dias da sua vida mortal, faz Jesus questão de desbaratar com o gládio do espírito, um após outro, todos os esquadrões dos seus adversários. E, para vergonha deles, todas essas derrotas se deram no próprio reduto do judaísmo, no templo de Jerusalém.

Acabavam de bater em retirada os fariseus e herodianos — o partido nacional-religioso e o partido nacional-romano.

Era chegada a vez dos saduceus — partido filosófico-racionalista.

Os saduceus, sequazes de um tal Sadoc, de que a história quase nada diz, recrutavam-se pela maior parte nas classes abastadas de Israel, homens ricos, que moravam em elegantes palacetes e eram amigos de uma boa mesa e de uma vida regalada. Tolerantes para com as crenças dos outros, não tinham propriamente convicção pessoal sobre coisas que ultrapassavam o horizonte dos sentidos. A metafísica do espírito não era o seu lado forte; tanto mais a física da matéria. Admitiam, geralmente, os cinco livros de Moisés (Pentateuco); nivelavam, porém, o texto sacro com as obras clássicas dos escritores gregos e romanos, Homero e Virgílio; e, na sua erudita opinião, os volumes dos filósofos de Atenas encerravam não menor cabedal de verdades salutares do que os livros da Sabedoria ou dos Salmos. Segundo o testemunho dos Atos dos Apóstolos, dizem os saduceus “que não há ressurreição, nem anjo nem espírito”.

Anás e Caifás eram saduceus, como eram saduceus os que gozavam de algum prestígio público sob o regime dos Césares; pois, com o seu dinheiro e a maleabilidade do seu carácter acomodaticio, facilmente granjeavam as boas graças de Roma.

Quando os saduceus presenciaram a derrota dos fariseus, em luta com Jesus, alegraram-se e resolveram mostrar a esses fanáticos das tradições religiosas que eles, o escol intelectual, social e financeiro de Israel, dispunham de argumentos mais sólidos para reduzir a silêncio o ousado

Nazareno, que se atrevia a agredir os chefes espirituais do povo na própria acrópole da sabedoria religiosa.

Puseram-se, pois, a excogitar um plano de ofensiva contra Jesus. Coisa muito profunda não se podia, naturalmente, esperar desses materialistas superficiais; pois o amigo de banquetes e divertimentos fáceis dificilmente se dará ao trabalho de descer às profundezas da filosofia ou subir às culminâncias da mística; prefere espaiar pelas largas avenidas das pilhérias baratas e das zombarias picantes.

Desse embotamento da inteligência e dessa obtusidade do espírito, deram os saduceus prova cabal no “caso” que apresentaram à perspicácia do Nazareno.

E prosseguem:

—Moisés deixou-nos este preceito: Se morrer o irmão casado de alguém, e este não deixar filhos, case seu irmão com a mulher. Ora, havia entre nós sete irmãos. O primeiro casou, e morreu sem filhos.

Casou também o segundo com a viúva, e morreu sem filhos. Casou depois com ele o terceiro. E assim sucessivamente todos os sete e morreram sem deixar filhos. Por fim, depois de todos eles, morreu também a mulher. A quem pertencerá essa mulher, na ressurreição — se é que há ressurreição pois que todos a tiveram por esposa?

Dito isto, sorriam à socapa, cheios de malícia, deliciando-se secretamente com a idéia de verem o famoso profeta de Nazaré embaraçado. Pois que solução daria ele ao “caso” dos sete irmãos? A quem adjudicaria aquela mulher, no mundo futuro, cuja existência tão eloquentemente defendia? Ao primeiro? Ao último? Mas seria uma injustiça contra todos os outros! Dá-la-ia a todos ao mesmo tempo? Mas que seria da monogamia?

Jesus ouviu tranquilamente contar o “caso”, mas com grande desapontamento deles, não entra no laço engenhosamente urdido por esses zombadores do mundo espiritual. Em vez de uma refutação, mostra Jesus aos seus adversários que toda a sua argumentação falha pela raiz, porque se baseia numa premissa falsa.

Respondeu-lhes Jesus:

— Estais em erro! Não conheceis nem a Escritura nem o poder de Deus!

Prosseguiu o Mestre:

— Pois na ressurreição dos mortos não se trata nem se dá em casamento; porque eles já não podem morrer; mas serão como os anjos no céu.

Pois, onde não há morte não é necessário que haja procriação de novos seres humanos, razão do matrimônio.

Haviam os saduceus invocado a autoridade de Moisés para derrotar Jesus — e Jesus recorre

a um livro do mesmo Moisés para provar contra os seus adversários a sobrevivência da alma.

Disse-lhes:

— Mas que os mortos hajam de ressuscitar, indicou-o igualmente Moisés naquilo da sarça ardente, quando chamou ao Senhor:—Deus de Abraão, Deus de Isaac e Deus de Jacó. Ora Deus não é Deus dos mortos, mas sim dos vivos; porque para ele todos são vivos.

Ressurreição quer dizer sobrevivência! Abraão, Isaac e Jacó eram falecidos e não se podia admitir que Deus fosse apenas Deus de cadáveres inertes; logo, aqueles patriarcas defuntos deviam viver ainda, nas regiões do mundo invisível.

Destarte pulverizou Jesus os “argumentos” daqueles pretensos sábios.

O evangelista remata o episódio com estas palavras

“Disseram então alguns dos escribas:— Bem respondido, Mestre! E, a partir daí, já não ousavam fazer-lhe perguntas.”

O povo que o escutava se maravilhava da sua doutrina.

O Grande Mandamento

Ainda naquele mesmo dia, após a derrota dos fariseus, herodianos e saduceus, apresentou-se a Jesus um escriba e doutor da lei. Parecia encantado com o vigor e a clareza da doutrina do Nazareno, e lhe fez esta pergunta sincera:

— Qual é o grande mandamento da lei, o primeiro de todos?

Com a mesma simplicidade e concisão respondeu o Mestre:

— O primeiro de todos os mandamentos é este: Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor. Amarás o teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de toda a tua mente e com todas as tuas forças. Este é o grande mandamento e o primeiro de todos. E o segundo é semelhante a este; “Amarás o teu próximo como a ti mesmo.” Não há mandamentos maiores que estes. E nestes dois mandamentos se baseiam toda a lei e os profetas.

Agradou-se o escriba da resposta sólida e diáfana tão diferente das nebulosas cavilações dos fariseus, e disse a Jesus:

— Perfeitamente, Mestre! É bem verdade o que acabas de dizer: que há um só Deus, e não há outro fora dele; amá-lo de todo o coração, de toda a alma, de toda a mente e com todas as forças, e amar o próximo como a si mesmo — isto vale mais que todos os holocaustos e todas as vítimas.

Em face dessa resposta, que ele dera tão sensata, disse-lhe Jesus:

— Não estás longe do reino de Deus.

Parábola das Virgens Tolas e Sábias

Disse Jesus:

— O reino dos céus é semelhante a dez virgens que, empunhando as suas lâmpadas, saíram, ao encontro do esposo. Cinco delas eram tolas, e cinco sábias. As cinco tolas tomaram as suas lâmpadas, mas não levaram azeite consigo; ao passo que as sábias levaram azeite nas suas vasilhas juntamente com as lâmpadas. Ora, como o esposo tardasse a vir, ficaram todas com sono e adormeceram. À meia-noite, soou o grito: “Eis que vem o esposo; sai ao seu encontro!” “Então se levantaram todas aquelas virgens e aprontaram as suas lâmpadas. As tolas pediram às sábias: — Dai-nos do vosso óleo, porque as nossas lâmpadas se apagam. Não é possível — responderam as sábias — não chegaria para nós e para vós; ide antes aos vendedores, e comprai para vós.

Enquanto iam comprar, chegou o esposo. As que estavam preparadas entraram com ele para as núpcias, e fechou-se a porta. Mais tarde chegaram as outras virgens e disseram: — Senhor, Senhor, abre- nos!

Ele, porém, replicou: — Em verdade vos digo que não vos conheço.

Ficai, pois, alerta, porque não sabeis nem o dia nem a hora!

Cristo, Filho e Senhor de Davi

Despontara a quarta-feira daquela última semana. Continuavam a fluir cada vez mais numerosos, os peregrinos das províncias para assistirem às solenidades pascaís.

Aproveitou Jesus a ocasião e o pouco tempo que ainda lhe restava para espalhar entre os intelectuais de Israel as centelhas do seu Evangelho.

Repetidas vezes haviam-no interrogado os seus adversários, sem que Jesus lhes ficasse devendo uma só resposta.

Neste dia resolveu tomar a ofensiva e colocar os seus interlocutores diante de uma pergunta, a que os fariseus imbuídos de falsas idéias messiânicas, não souberam responder, apesar de andarem, dia por dia, esmiuçando textos bíblicos.

Aludindo às palavras do Salmo **119**, fez-lhes Jesus esta pergunta:

— Que vos parece do Cristo? De quem é filho?

— De Davi — responderam eles, sem um momento de hesitação.

Disse Jesus:

— Como, pois, Davi em espírito lhe chama seu senhor, dizendo — Diz o Senhor a meu senhor: — Senta-te à minha direita até que eu reduza os teus inimigos a escabelo dos teus pés. Se, pois, Davi lhe chama Senhor, como é que é seu filho?

A resposta não era difícil; pois Jesus, como homem era filho de Davi; e o Cristo divino era senhor de Davi. Os mestres de Israel, porém, tinham adulterado o conceito genuíno da messianidade e obliterado o seu caráter divino; só esperavam um soberano temporal que os viesse libertar da dependência política e esmagasse os seus inimigos.

Os fariseus não souberam responder. Sem uma palavra, retiraram-se do campo da controvérsia — vencidos, porém não convencidos.

Gemidos de Dor e Brados de Indignação

Os chefes espirituais de Israel tinham se declarado definitivamente contra Jesus. De condutores do povo tornaram-se sedutores.

Viu-se Jesus em face desta alternativa: ou deixar perecer o povo ou desmascarar os seus chefes religiosos. Optou pela segunda-, preferiu desmascarar os culpados impertinentes e prevenir o povo bem intencionado. Bem sabia que com este brado assinava a sua sentença de morte; mas a verdade lhe valia mais que a vida.

O que o Mestre dissera a princípio, no Sermão da Montanha, repete-o agora, acrescentando elementos novos.

— Sobre a cátedra de Moisés estão sentados escribas e fariseus. Fazei e guardai tudo que vos disserem; porém, não lhes imiteis as obras; porque eles falam, mas não as executam. Armam fardos insuportáveis e põem-nos aos ombros da gente; ao passo que eles mesmos nem com um dedo neles querem tocar.

A imagem dos “fardos insuportáveis” é tipicamente oriental. Aí está um condutor de caravanas; prepara com as próprias mãos os fardos das suas mercadorias; é um nunca acabar; vai mais isto e mais aquilo; o fardo assume proporções cada vez maiores. Depois dá ordem aos seus escravos para o levantarem sobre as costas do camelo pacientemente deitado em terra. E aí do escravo que não consiga levantar o fardo! Estala-lhe nas costas nuas o látigo cruel.

Assim procedem os chefes espirituais de Israel com os seus subordinados; fazem da religião um cavalete de tortura, e da moral uma roda de suplício; o povo qual escravo destinado aos trabalhos mais pesados; o que os rabinos excogitarem de mais absurdo é veiculado ao meio das massas populares como lei de Deus — e aí de quem não o reconheça como ordem divina!

Ah! é verdade, também eles fazem alguma coisa; é Jesus que o afirma:

—Tudo o que fazem é para serem vistos da gente; por isso é que usam filactérios muito largos e borlas volumosas; gostam de ocupar lugar de honra nos banquetes e nas sinagogas; fazem questão de ser cumprimentados nas praças e chamados mestres.

Os filactérios eram umas membranas ou pergaminhos, nos quais se achavam escritas sentenças do livro da lei de Moisés e que se usavam suspensos na frente ou enrolados nos braços. A caixinha usada na frente tinha quatro compartimentos, em cada um dos quais se colocava uma tira com uma passagem da Sagrada Escritura. Os tópicos em questão eram os seguintes: *Êxodo 13, 2-10*, onde os hebreus são exortados e instruídos sobre o motivo e o modo de celebrarem a páscoa, em recordação da saída do Egito; *Exodo 13, 11-17*, que trata da consagração dos primogênitos; *Deuteronomio, 6,4-9*, que inculca o grande mandamento do amor de Deus; *Deuteronomio 11, 13-27*, onde Deus promete ricas bênçãos aos que observarem o grande mandamento, e ameaça com castigos aos que o desprezarem.

Todo o judeu piedoso trazia esses filactérios durante as horas da oração matutina, exceto nos sábados e dias festivos.

Mandara Deus, que os seus preceitos andassem sempre ante os olhos e nas mãos dos filhos de Israel, e os judeus, para não se esquecerem um só instante dessa ordem, executavam-na ao pé da letra, cumprindo assim o corpo, mas nem sempre o espírito da lei. Quando algum israelita fazia questão de passar por muito religioso e amigo da lei, aumentava as dimensões de sua caixinha de filactérios.

As borlas, feitas de tecido, cor de jacinto, guarneciam as quatro pontas do manto que os judeus usavam sobre a túnica. Também Jesus, acompanhando o uso geral, usava essas borlas, uma das quais foi tocada pela mulher hemorroíssa.

Mas os judeus faziam com essas borlas o mesmo que faziam com os filactérios: avolumavam-nas desmesuradamente para assim simbolizarem a intensidade do seu espírito religioso.

— Não queirais ser chamados mestres — advertiu-os Jesus — porque um só é o vosso mestre, e todos vós sois irmãos. Nem queirais chamar pai a algum dentre vós sobre a terra; porque um só é vosso pai, o que está no céu. Nem tampouco vos intituleis guias, porque um só é o vosso guia: o Cristo. Quem for o maior dentre vós seja vosso servo; pois quem se exaltar será humilhado, e quem se humilhar será exaltado.

É esta a primeira e única vez que Jesus se intitula explicitamente o “Cristo”, ou o “Messias”.

*

* *

Depois destas advertências preliminares, começa Jesus a desafogar a sua dor em sete brados cheios de veemência:

— Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! Que fechais o reino dos céus aos homens! Vós mesmos não entraís, nem deixais entrar os que querem entrar. Ai de vós, escribas e fariseus

hipócritas! Que devorais os haveres das viúvas, sob pretextos de recitardes longas orações; tanto mais rigoroso será o juízo que tereis.

— Ai de vós, escribas e fariseus! Que correis terras e mares para ganhar um prosélito, e, depois de ganho, o tornais filho do inferno pior que vós! Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! Que pagais o dízimo da hortelã, do funcho e do cominho, e menosprezais o que há de mais importante na lei: a justiça, a misericórdia, a fidelidade. Isto se deve fazer, mas não omitir aquilo. Guias cegos que sois! Coais um mosquito e engolis um camelo. Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Que limpais o que está por fora do copo e do prato, e por dentro estais cheios de rapina e de voracidade. Fariseus cegos! Purificai primeiro o que está dentro do copo e do prato, para que também o que está fora fique limpo. Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Que sois semelhantes a sepulcros caiados, que por fora se apresentam formosos, mas por dentro estão cheios de ossadas e de toda a sorte de podridão. Assim é que também vós, no exterior, apareceis justos aos olhos da gente, quando no interior estais cheios de hipocrisia e maldade.

Repentinamente transfere as suas imagens do presente para o futuro, predizendo os crimes que os fariseus cometeriam contra os arautos do Evangelho:

— Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! Que levantai monumentos aos profetas e adornais os sepulcros dos justos e dizeis: Se nós tivéssemos vivido nos dias de nossos pais, não nos teríamos tornado réus do sangue dos profetas. Com isso dais testemunho a vós mesmos de que sois filhos dos que mataram os profetas. Acabai de encher a medida de vossos pais! Raça de serpentes e víboras! Como escapareis à condenação do inferno? Por isso, eis que vos envio profetas, sábios e escribas! A uns deles haveis de matar e pregar na cruz, a outros haveis de açoitar nas vossas sinagogas e perseguir de cidade em cidade.

Em seguida, levanta-se Jesus, sai do templo, pára no átrio, defronte ao santuário, e lança sobre Jerusalém o último brado de amor e de angústia, exclamando:

—Jerusalém! Jerusalém! Que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados! Quantas vezes tenho querido reunir os teus filhos, assim como a galinha recolhe de baixo das asas os seus pintinhos. Tú, porém, não quiseste!... Por isso, eis que será deixada deserta a vossa casa!... E digo-vos que daqui por diante já não me vereis até que digais: — Bendito seja aquele que vem em nome do Senhor!...

Profecia Sobre a Destruição de Jerusalém

Era pela tarde daquela mesma quarta-feira.

No Ocidente, o sol demandava as serranias do litoral e as águas cerúleas do Mediterrâneo, nadando em mares de ouro e de sangue...

E os seus últimos raios se derramavam, suaves e caridosos, sobre os alvejantes mármore do templo, e nimbavam fantasticamente o pórtico ocidental do átrio dos gentios, ruborizando-lhe as soberbas colunas de neve, e desenhando sombras compridas na vasta área ladrilhada de mosaicos de diversas cores. Nunca o santuário de Israel parecia tão divinamente belo como nessa hora em que o sol se despendia da terra e as penumbras crepusculares começavam a tecer os seus mistérios. “Não havia no templo um só ponto que não encantasse os olhos e a alma” — diz o historiador contemporâneo Flávio Josefo. Ao amanhecer, ferido pelos raios solares, lançava esplendores tão intensos que obrigava o espectador a desviar os olhos, como se fosse o próprio fulgor do sol. Aos que vinham de fora, afigurava-se-lhes o complexo dos edifícios do templo como longínqua montanha de neve, porque tudo que não era Ouro, era mármore alvíssimo.

Para além do monte Moriá, que formava a base do templo, apareciam, esfuminhadas por entre as cinzas do ocaso, as oliveiras do Getsêmane. Mais ao sueste, sobre o vale de Cedron, apontavam as montanhas de Moab, envoltas nos vapores exalados pelas águas pesadas do Mar Morto.

Os discípulos, em pé, ao lado do templo, contemplavam o grandioso santuário nacional trabalhado em gigantescos blocos de mármore, cada um dos quais media 12 metros de comprimento, 6 de largura e 4 de altura — blocos maiores que muita choupana de pescador da Galiléia; e, chamando a atenção do Mestre para tamanhas maravilhas, mais belas ainda por entre os auri-rubros clarões do poente, disseram, entre extasiados e reverentes:

— Olha, Mestre, que pedras enormes e que construções!

Respondeu-lhes Jesus:

— Estais a contemplar essas construções? Pois eu vos digo que não ficará pedra sobre pedra será tudo arrasado!...

Estupefatos, entreolharam-se os discípulos. O templo seria destruído?... E para sempre?... Não havia dor mais acerba para o coração de um israelita do que esta... Para os discípulos era o fim do mundo...

Silenciosos e acobrinhados seguiram ao lado de Jesus...

Desceram para o vale de Gedron, e daí subiram, pelo lado oposto, ao Monte das Oliveiras.

Ali chegados, sentou-se Jesus sobre uma pedra, com o rosto voltado para o templo, como se lhe custasse separar-se dele, e apagar da imaginação os últimos vestígios do passado...

Cada vez mais avançavam as sombras da noite, envolvendo numa teia de crepe o monte Moriá

e desmaiando gradualmente a soberba magnificência do santuário de Israel...

Por algum tempo permaneceram calados Jesus e seus discípulos. Indefinível nostalgia inspirava aquela hora vespertina... Todos os corações se sentiam oprimidos como que numa expectativa pressagosa e lúgubre...

Até que alguns dos discípulos, aproximando-se do Mestre e quebrando o silêncio, lhe perguntaram confidencialmente:

— Dizei-nos quando acontecerá isto?

Começou então Jesus a dizer-lhes o que os esperava antes do extermínio da cidade de Jerusalém.

— Ficai alerta! Que ninguém vos iluda! Muitos virão em meu nome e dirão: Eu sou o Cristo! E a muitos levarão a apostasia. Quando ouvirdes de guerras e boatos de guerras, não vos perturbeis. Sobrevirão todas estas coisas; mas ainda não é o fim. Levantar-se-á povo contra povo, e reino contra reino; haverá terremotos e fome, ora aqui, ora acolá. Mas estas coisas serão apenas os prenúncios da tribulação.

Entretanto, não eram essas perturbações de ordem social que mais deviam temer os discípulos; provações mais dolorosas os aguardavam.

— Cuidado convosco mesmos! — adverte-os Jesus. — Por minha causa vos hão de entregar os tribunais, açoitar-vos nas sinagogas e levar-vos à presença de reis e governadores, em testemunho a eles. Mas primeiro será pregado o Evangelho a todos os povos.

A estas palavras estremeceram os discípulos.

Não temiam os elementos da natureza; sentiam-se seguros no meio de gente da sua classe; mas, tinham medo dos homens.

Quando o Mestre viu o pavor estampado nos semblantes dos seus discípulos, procurou consolá-los, dizendo:

— Quando vos levarem aos tribunais, não vos preocupeis com o que houverdes de dizer; mas dizei o que naquela hora vos for inspirado; porque não sois vós que falais, mas, sim o espírito de meu Pai. Há-de o irmão entregar à morte o irmão, e o pai ao filho; hão de os filhos revoltar-se contra os pais e tirar-lhes a vida. Por causa do meu nome sereis odiados de todos. Mas quem preservar até o fim será salvo.

Tudo isto sucederia aos poucos. Primeiro seriam os discípulos dispersos, separados dos seus, e Jerusalém seria destruída. As palavras do Mestre não deixavam dúvida alguma.

— Quando virdes reinar os horrores da desolação onde reinar não deviam — atenda a isto o leitor! — então fuja para os montes quem estiver na Judéia; e quem se achar no terraço não desça ao interior da casa nem entre para buscar alguma coisa; e quem estiver no campo não

volte para buscar o seu manto.

— Ai das mulheres que, nesses dias, andarem grávidas, ou com filhinho ao peito!

— Orai para que isto não aconteça em tempo de inverno.

Começou o cerco de Jerusalém em abril do ano **70**. As semanas precedentes assinalavam as “chuvas tardias”, que tornavam muitos caminhos intransitáveis.

Nestas alturas interrompe Jesus a narração. Não descreve a destruição de Jerusalém. Por que não? Talvez porque, pouco antes, no mesmo lugar, a descrevera aos discípulos, e eles ainda guardavam bem viva na imaginação essa cena terrífica.

Profecia Sobre o Fim do Mundo

Logo após a alusão ao extermínio de Jerusalém, passa Jesus a falar do fim do mundo. Servia aquele episódio de ilustração a este. Há uma ligação lógica entre as duas catástrofes: se Israel e o mundo em geral tivessem reconhecido o primeiro advento do Messias, não cairia sobre Jerusalém o flagelo nem o segundo advento de Cristo revertida as formas lúgubres que Jesus descreve. Para o espírito profético de Jesus, que abrangia de relance o presente, o passado e o futuro, não era tão grande como para nós à distância entre o primeiro e o segundo acontecimento.

As vezes, devido ao entrelaçamento das duas descrições, torna-se difícil ao leitor distinguir os elementos que se referem ao extermínio de Jerusalém, daqueles que tem por objeto cataclismo final.

Mais uma vez aparecerão falsos profetas, procurando enganar os homens:

— Quando então alguém vos disser: Eis aqui está o Cristo! Ei-lo acolá — não o acrediteis; porque aparecerão falsos Cristos e falsos profetas, que farão grandes sinais e prodígios, a ponto de enganarem até os escolhidos, se possível fosse. Eis que vos ponho de sobreaviso!

Depois da tribulação daqueles dias escurecerá o sol, e a lua já não dará a sua claridade, e as estrelas cairão do céu, e serão abaladas as energias do firmamento.

A vinda do Filho do Homem será tão manifesta e evidente a todo o mundo como a luz do relâmpago:

— Assim como o relâmpago, que rompe no oriente fuzila até ao ocidente, assim há de ser também na vinda do Filho do Homem.

Para ilustrar a doutrina, recorre Jesus a duas comparações, tiradas, uma do reino animal, outra do mundo vegetal: .

— Onde há carniça, aí se ajuntam as águias — quando a corrupção do gênero

humano tiver atingido o auge, então virão as forças negativas consumir esse cadáver.

— Aprendei isto por uma semelhança tirada da figueira: quando os seus ramos se vão enchendo de seivas e brotando folhas, sabeis que está próximo o verão. Do mesmo modo, quando presenciardes tudo isso, sabeis que as coisas estão à porta.

O Juízo Final

Quando Jesus começou a falar do juízo final, estava sentado no Monte das Oliveiras, no meio dos seus discípulos. Pedras calcáreas, espalhadas aqui e acolá, brancas como ossadas de defuntos, serviam-lhes de assento.

No ocidente acabavam de expirar as derradeiras cintilações do dia...

Era noite...

Mas não era escuro. A Páscoa judaica incidia na primeira lua cheia da primavera. Mal expirou no poente o ouro fulvo do rei do dia, quando, no horizonte oposto, emerge a face pálida da rainha da noite, espargindo a sua prata líquida sobre a folhagem cinzenta das oliveiras do Getsêmane, orlando discretamente os rochedos, projetando faixas negras por detrás dos troncos e deslizando suavemente pelas faces e pelas roupas daqueles treze homens sentados na encosta do monte, silenciosos, absortos em profundo cismar...

No meio desse ambiente noturno e enlustrado, começou o Nazareno a descrever a cena mais grandiosa e terrífica que aguarda à humanidade — a sorte eterna dos bons e dos maus.

Nunca talvez, em todo o decurso da sua vida mortal, proferiu Jesus palavras tão em contraste com as circunstâncias e o ambiente, como nessa noite de primavera.

Mas esse contraste era mais aparente que real. As palavras do Mestre respiravam trevas noturnas e exalavam claridade lunar. Misterioso como os mistérios daquela noite, era o colóquio do Nazareno com os seus doze confidentes, à sombra de oliveiras seculares.

Quando os profetas da lei antiga descreviam o juízo final, apelavam para todos os recursos da fantasia, jogavam ao cenário todas as grandiosidades de estilo.

Não é dessa natureza a linguagem de Jesus. Também ele, é verdade, desenrola um quadro de sublimidade épica; mas a sua dicção é suave e singela como o clarão argênteo da lua a infiltrar-se na tenebrosa vastidão do mundo, a penetrar nas fauces hiantes dos abismos...

—Quando vier o Filho do Homem na sua majestade — disse ele — em companhia de todos os anjos, sentar-se-á no trono da sua glória. E reunir-se-ão diante dele todos os povos: e ele os separará uns dos outros, assim como o pastor separa dos cabritos as ovelhas. Colocará à sua direita as ovelhas, e à esquerda os cabritos. Então dirá o rei aos que se acharem à sua direita: “Vinde, benditos de meu Pai! Tomai posse do reino que vos está preparado desde o princípio

do mundo. Porque eu estava com fome, e me destes de comer; estava com sede, e me destes de beber; andava forasteiro, e me agasalhastes; estava nu, e me vestistes; estava doente, e me visitastes; estava preso, e me viestes ver.”

Então perguntarão os justos: “Quando foi, Senhor, que te vimos com fome, e te demos de comer? Quando com sede; e te demos de beber? Quando te vimos forasteiro, e te demos agasalho? Quando nu, e te vestimos? Quando te vimos doente ou preso, e te fomos visitar?”

Responder-lhes-á o rei: “Em verdade vos digo que o que fizeste a algum dos meus irmãos mais pequeninos, a mim é que o fizestes.”

Em seguida, dirá aos que estiverem à sua esquerda: “Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno preparado ao diabo e seus anjos! Porque eu estava com fome e não me destes de comer; estava com sede, e não me destes de beber; andava forasteiro e nu, e não me agasalhastes; estava doente e preso, e não me visitastes.”

Perguntarão também estes: “Quando foi, Senhor, que te vimos com fome, ou com sede, ou forasteiro, ou nu, ou doente ou preso, e deixamos de acudir-te?”

Ao que ele lhes responderá: “Em verdade vos digo que o que deixaste de fazer a algum destes mais pequeninos, a mim é que deixastes de o fazer.”

E virão estes para o suplício eterno; os justos, porém, para a vida eterna.

Silêncio... Silêncio profundo acolheu estas palavras de Jesus... Tão grande era a quietude daquela noite de primavera, por entre as oliveiras e as pedras do Getsêmane, que se julgava perceber o discreto caminhar da luz fosfórea sobre a relva macia que atapetava o solo, e em torno das rochas calcáreas que alvejavam por entre a vegetação...

Recordaram-se os discípulos da grande diferença que ia entre a descrição que os fariseus faziam do juízo universal e a do Mestre; aqueles só falavam no triunfo final de Israel e na derrota definitiva de todos os seus inimigos — ao passo que Jesus convidava à eterna recompensa todos os homens de boa vontade, judeus ou pagãos, e revelava o castigo inerente à atitude dos impenitentes.

Só seriam salvos os filhos do amor—e só seriam condenados os filhos do desamor!

A salvação e a condenação não vinham de nenhum Deus de fora — mas do Deus ou do anti-Deus de dentro.

As árvores do Getsêmane ouviram, nessa hora noturna, a mais grandiosa lição de auto-realização ou autodestruição que já se lecionou sobre a face da terra: a salvação do mundo pelo amor ou a perdição pelo desamor...

Preparativos para a Celebração do Cordeiro Pascal

Quinta-feira.

Estava Jesus em Betânia, com os seus amigos, Lázaro, Marta e Maria.

Devia ser pela manhã, quando alguns dos discípulos se dirigiram ao Mestre com esta pergunta:

— Onde queres que preparemos o cordeiro pascal?

Não vinha sem motivo esta pergunta, pois, segundo a lei, devia se comer o cordeiro pascal dentro dos muros de Jerusalém. Mas essa cidade era para o Nazareno um campo de batalha semeado de inimigos traiçoeiros; de noite costumava ele retirar-se invariavelmente para Betânia. Nesta noite, porém, teria de ficar em Jerusalém, porque aquela cerimônia se celebrava depois do pôr-do-sol. Convinha, assim, que o próprio Mestre designasse o lugar para a solenidade.

Respondeu-lhes Jesus:

— Logo ao entrardes na cidade encontrareis um homem que leva um cântaro d'água. Segui-o até à casa onde ele entrar e dizei ao dono: "O Mestre manda perguntar-te: Onde é a sala em que possa comer o cordeiro pascal com os seus discípulos?" E ele vos mostrará uma sala espaçosa guarnecida de almofadas.

Aí fazei os preparativos.

A indicação era misteriosa, em harmonia com a disposição apreensiva dos discípulos. Não era coisa comum encontrar-se na rua um homem a carregar um cântaro d'água; era tarefa das mulheres; os homens, quando levavam água, carregavam-na dentro de odres de pele de cabra.

Pedro e João deixaram Betânia, e foram em demanda da cidade.

Ao transporem o portão da muralha, antes de enveredarem por uma das ruas estreitas de Jerusalém, viram um homem com um jarro d'água. Foram-no seguindo até à casa onde entrou, e ali transmitiram ao dono o recado do Mestre, e logo ele os levou para o sobrado de um edifício, que, provavelmente, facultava acesso por uma escadaria externa, independente do compartimento térreo. Cedeu-lhes a sala para a celebração do cordeiro pascal. Devia esse homem ser um dos discípulos de Jesus. Mandava a lei que, nesses dias, fossem cedidas aos peregrinos todas as localidades disponíveis para poderem cumprir a cerimônia comemorativa do êxodo do Egito, chamada *phase ou páscoa*.

A sala indicada estava devidamente preparada; do teto pendia um lustre, por cima de uma

mesa com os competentes reclinatórios almofadados. Pois, já nesse tempo haviam os judeus adotado o costume romano de se reclinarem à mesa sobre uma espécie de divãs compridos cobertos de tapetes; apoiava-se o conviva sobre o braço esquerdo, com a cabeça voltada para a mesa. Para a cena do lava-pés é de importância ter presente esta atitude. Assim também se explica que Jesus, durante a ceia, pudesse falar em particular com um dos discípulos sem que os outros o percebessem.

Foram, pois, Pedro e João comprar um cordeirinho, se é que ainda não o possuíam, e mandaram-no matar no templo, consoante os dispositivos da lei. Adquiriram, além disto, “ervas amargas”, quer dizer, uma espécie de alface; prepararam o molho, feito de figos, tâmaras e uvas trituradas; aprontaram o pão ázimo, que vinha em forma de fatias delgadas ou bolos flexíveis.

Nestas refeições rituais não se serviam os israelitas de talheres, mas comiam com os dedos.

O cordeiro pascal, previamente esfolado era assado inteiro num espeto, sobre brasas.

Enquanto os dois discípulos preparavam tudo isto, despediu-se Jesus do carinhoso trio de seus dedicados amigos, Lázaro, Marta e Maria.

O Lava-Pés

Ao reclinar-se à mesa da sala, para celebrar a ceia pascal disse Jesus a seus discípulos:

—Ansiosamente tenho desejado comer convosco este cordeiro pascal antes que padeça.

Digo-vos que não mais o comerei até que tenha o seu cumprimento no reino de Deus.

Ao dar-lhes o último copo de vinho com água, conforme o ritual, disse Jesus:

— Tomai e reparti-o entre vós. Digo-vos que, a partir desta hora, não mais beberei do fruto da vida, até que venha o reino de Deus.

No meio desta cerimônia ocorreu um fato que contrasta lamentavelmente com a solenidade da hora, e cai como uma nota dissonante no meio de toda essa sinfonia litúrgica.

Suscitou-se entre os discípulos uma questão pueril, uma discussão sobre a precedência! Contendiam entre si sobre quem deles merecia o primeiro lugar no reino do Messias...

Jesus ouvia tudo isto. Não disse palavra. Levantou-se do seu reclinatório, depôs o manto, foi buscar uma toalha, cingiu-a ao redor do corpo, pegou com a mão direita um jarro d’água e com a esquerda uma bacia — estavam à mão esses objetos, pois serviam nas abluções rituais — e, aproximando-se dos discípulos litigantes, começando a deitar-lhes água sobre os pés e lavar-lhos dentro da bacia.

Protestou Simão Pedro contra essa suposta humilhação de seu Mestre, retirou os pés, ergueu-se no seu reclinatório e, com enérgico gesto de repulsa, exclamou:

— Senhor, tu me lavas os pés?!

Respondeu-lhe Jesus tranquilamente:

— O que eu faço, não o compreendes agora, compreende-lo-ás porém, mais tarde.

Pedro, todavia, continuou na sua recusa, protestando:

— Tu não me lavarás os pés eternamente.

Tornou-lhe Jesus em tom firme:

— Se não te lavar, não terás parte comigo.

Foi quanto bastou para que Pedro mudasse de atitude. Não ter parte com o Mestre era para o seu coração o maior dos castigos que podia imaginar; queria ter parte com Jesus, e muita, muitíssima. Por isso, estendeu as mãos a Jesus e disse-lhe:

— Neste caso, Senhor, lava-me não somente os pés, mas também as mãos e a cabeça.

Respondeu-lhe Jesus:

— Quem tomou banho não necessita senão de lavar os pés, e todo ele está limpo.

E acrescentou Jesus, em tom misterioso e repassado de mágoa:

— Vós estais limpos — mas nem todos...

Ouviram os discípulos estas palavras e entreolharam-se, mas não sabiam de quem falava o Mestre.

Enquanto ele prosseguia no seu trabalho, os discípulos, sem dúvida observaram atentamente a ver se um deles se revelava como não sendo limpo. Nada perceberam. Também Judas Iscariotes, que não era limpo, permitiu que Jesus se debruçasse sobre seus pés, lavando-os enquanto a alma continuava manchada.

Tornou Jesus a colocar no seu lugar a bacia e o jarro, desatou a toalha, e, voltando para junto dos discípulos, disse-lhes:

— Compreendeis o que vos fiz? Vós me chamais Mestre e Senhor e dizeis bem, porque eu o sou. Se, pois, eu vos lavei os pés, eu, vosso Senhor e Mestre, deveis também vós lavar-vos os pés uns aos outros. Em verdade, em verdade vos digo: não está o servo acima de seu senhor, nem o embaixador acima de quem o enviou. Felizes de vós se isto compreenderdes e o puserdes por obra!

Nem de todos vós afirmo isto; sei a quem escolhi. Entretanto, força é que se cumpra a Escritura: Quem come comigo o pão levanta contra mim o calcanhar. Já agora, antes de suceder, vo-lo digo, para que, quando suceder, creiais que sou eu. Em verdade vos digo:— Quem recebe a mim recebe aquele que me enviou.

A traição de Judas estava prevista no plano da Redenção; mas a presciência de Deus em nada diminui a culpabilidade do homem.

Jesus faz ver a seus discípulos que ele não é impelido para a morte por uma sinistra fatalidade, mas que aceita por uma determinação livre da sua vontade.

Retirada do Traidor

Acabava Jesus de aludir à traição. A pessoa do traidor, porém, continuava oculta.

Disse então Jesus:

— Em verdade, em verdade vos digo que um de vós me há de entregar...

Estupefatos, entreolham-se os discípulos, levantam-se dos seus reclinatórios, rodeiam o Mestre e perguntam, um por um:

— Sou eu, Mestre?...

Em face da perspectiva da traição prestes a partir do meio deles, nenhum desses homens tem confiança em si mesmo; cada um desconfia de si próprio, descrê da sua lealdade, duvida da sua constância e julga-se capaz da maior das perfídias; pedem uma resposta a Jesus; não se sentem seguros contra a própria fraqueza, enquanto o Mestre não lhes diga quem é o traidor.

Em vez de responder às perguntas ansiosas que se cruzam em torno dele, passa Jesus a caracterizar a perversidade do traidor, dizendo:

— Um dos doze que comigo mete a mão no prato, esse é. O Filho do Homem vai ser atraído, sim, como dele está escrito; mas ai do homem por quem for atraído o Filho do Homem! Melhor fora a esse homem não ter nascido...

Segue-se então um episódio, que só se compreende quando se tem em vista o modo como Jesus e os seus estavam reclinados à mesa. Não era possível que todos percebessem o que o Mestre dizia; só o entendiam os seus vizinhos mais próximos; é de supor que Pedro, João e Judas ocupassem os lugares mais próximos do Mestre. De João sabemos pelo Evangelho que está “reclinado ao peito de Jesus”, ocupando, provavelmente, o reclinatório que ficava defronte do Mestre, de maneira que, voltando-se para trás sobre o cotovelo esquerdo, ficava com a cabeça rente ao peito de Jesus. Do outro lado da mesa, defronte a Jesus, estava Judas. Diante de João achava-se Pedro.

Este, voltando-se para trás, pediu a João que perguntasse a Jesus quem era o traidor:

— Pergunta quem é esse de que fala.

Voltou João o rosto para trás, e, a pouca distância do peito de Jesus, indagou à meia-voz:

— Quem é, Senhor?

Respondeu Jesus baixinho, de modo que só o discípulo amado o podia ouvir:

— Aquele a quem eu der o bocado embebido, é esse.

E logo tomou um pedaço de pão, embebeu-o na pasta do *charosete* deu-o a Iscariotes.

Tomou Iscariotes o bocado das mãos de Jesus e perguntou ao mesmo tempo:

— Sou eu, Senhor?

— É como dizes — respondeu Jesus.

E, assim que Judas tomou o bocado, acrescenta o evangelista, entrou nele Satanás.

— O que pretendes fazer, faze-o quanto antes — disse Jesus.

Os outros discípulos, ouvindo estas palavras do Mestre, cuidaram que o tivesse encarregado de comprar alguma coisa, ou de dar uma esmola aos pobres.

“Era noite!” — termina o evangelista.

Iscariotes internou-se nas trevas da noite — sua alma tateava na escuridão da culpa, e não tardaria a abismar-se na noite da pena...

A Última Ceia

Depois do último cálice de vinho com água, prescrito pelo ritual da ceia pascal, era costume dos israelitas, após a celebração do cordeiro pascal, conservarem-se ainda reunidos em derredor da mesa. Referem os evangelistas.- “Quando eles estavam à mesa, tomou Jesus o pão, partiu-o, benzeu-o e deu-o a seus discípulos, dizendo: Tomai e comei, isto é o meu corpo, que é entregue por vós. Da mesma forma, tomou o cálice, benzeu-o e deu-o a seus discípulos, dizendo: Tomai e bebei dele todos, porque isto é o sangue do Novo Testamento, que derramado por vós e pelos muitos, em remoção de erros. Fazei isto em memória de mim.” Esta passagem, a par da outra “Tu és Pedro”, tem servido através dos séculos para consolidar o prestígio da classe sacerdotal. Segundo essa teologia, teria Jesus conferido a determinados homens o poder de transmutar pão e vinho no corpo e sangue de Jesus.

Esta exegese teológica é extraordinariamente apta para aureolar de um halo de poderes divinos a classe sacerdotal, autora dessa doutrina, e tem sido amplamente explorada para esse fim. Na verdade, porém, este texto nada tem que ver com organização eclesiástica; o seu sentido real é puramente espiritual e místico.

Jesus traça um paralelo entre o que acontece com o alimento material (pão e vinho) quando ingerido e assimilado pelo homem — o alimento espiritual que ele estava oferecendo à humanidade, nesses dias. Assim como o alimento material, para ser vitalizado por nós, tem de ser primeiramente destruído (morto), e só depois disto ressurge em nossas veias como força vital — assim deve também a vida física de Jesus ser destruída a fim de poder ser assimilada pela alma, na forma invisível do Cristo.

Em ambos os casos — tanto no símbolo material como no simbolizado espiritual — há uma espécie de morte e uma ressurreição.

A chamada Eucaristia é, pois, uma parábola biológico-mística, que deve ser entendida neste sentido, isto é, espiritual e simbolicamente, segundo a advertência do Mestre: “O espírito é que dá vida, a carne de nada vale.”

Em toda esta parábola simbólica, frisa Jesus que ele deve substituir os erros antigos de derramar o sangue físico de um cordeiro para anular pecados; este, porém, é o sangue simbólico do Novo Testamento para remoção dos erros do Antigo Testamento; o amor espiritual substitui a morte material.

Nenhum dos **12** discípulos entendeu que comungava o corpo e o sangue real do Mestre — tanto assim que, logo depois, cometeram os maiores pecados; o suposto neo-comungante Judas consumou o plano da traição; Pedro negou o Mestre três vezes, jurando que não era discípulo dele; os restantes, fugiram covardemente.

Na última ceia, os discípulos receberam os símbolos materiais de Jesus, mas no Pentecostes comungaram o simbolizado espiritual, o próprio Cristo, e repletos de heroísmo divino, o proclamaram ao mundo inteiro.

Bem disse o Mestre: “As palavras que vos digo são espírito e vida, a carne de nada vale.”

Depois da última ceia prosseguiu Jesus:

— Um novo mandamento vos dou: “Que vos ameis uns aos outros, assim como vos tenho amado por isso que há de o mundo conhecer que sois meus discípulos, em vos amardes uns aos outros.”

Perspectivas Sinistras

Depois da ceia, disse Jesus aos discípulos:

— Quando vos enviei sem bolsa, sem alforje, nem calçado, faltou-vos alguma coisa?

— Nada! — responderam eles.

Prosseguiu o Mestre:

— Agora, porém, quem tem uma bolsa, tome- a consigo; da mesma forma, quem possui um alforje; e quem não tem, venda o seu manto e compre uma espada. Porque vos digo que há de cumprir-se a palavra da Escritura: Foi contado entre os malfeitores. Porquanto as coisas que me dizem respeito estão em vias de cumprimento.

O que Jesus lhes dizia em sentido figurado, para os pôr de sobreaviso, tomaram-no os discípulos ao pé da letra, sobretudo aquilo da espada. Dois deles possuíam espada, Simão Pedro e outro. Até aí, parece, tinham levado ocultas essas armas; agora, subitamente, as sacam à luz, com certo orgulho, para mostrarem ao Mestre que não eram tão imprevidentes como ele supunha, e exclamaram satisfeitos:

— Eis aqui duas espadas!

Apesar da seriedade lúgubre do momento, passou pelo semblante de Jesus um ligeiro sorriso, sorriso de pena e de dó daquelas grandes crianças, que eram seus discípulos. E não vinha bem a propósito o título que lhes dera: “meus filhinhos”? Eram de uma ingenuidade enternecedora. Em face daquelas perspectivas sinistras e daquele mundo de inimigos de que o Mestre lhes falara, estavam os discípulos resolvidos a defendê-lo, a ele e a si mesmos, à força de armas, e duas espadas eram sempre um começo auspicioso; se o Mestre julgasse necessário, comprariam mais algumas; pois tinham algum dinheiro em caixa.

A observação, ingênua, com que os discípulos apresentaram aquelas duas lâminas, que reluziam minazes à luz do cenáculo, respondeu Jesus, talvez com um suspiro doloroso:

—Basta!...

Perspectivas Luminosas

Continuavam os discípulos imersos em profunda tristeza. O Mestre ia deixá-los a sós no mundo. E o que os aguardava não era nada consolador...

Jesus, porém, apontou-lhes o termo final de todas as tribulações terrestres, dizendo:

— Não se perturbe o vosso coração! Tendes fé em Deus, tendes fé também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, vo-lo dissera, porque vou preparar-vos um lugar. E, depois de ir e vos preparar um lugar, tornarei a vós e vos levarei comigo, para que vós estejais onde eu estou. Já sabeis aonde vou e também conheceis o caminho.

Disse-lhe Tomé:

— Senhor, não sabemos aonde vais; e como poderíamos saber o caminho?

Respondeu-lhe Jesus:.

— Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai senão por mim. Se me conhecêsseis a mim, também conheceríeis a meu Pai. E desde agora o conheceis e o vistes.

Disse-lhe Filipe:

— Senhor, mostra-nos o Pai, e basta-nos.

Respondeu-lhes Jesus:

— Há tanto tempo que estou convosco, e não me conheceis? Filipe, quem vê a mim, vê também a meu Pai. Como dizes, pois:—Mostra-nos o Pai? Não crês que eu estou no Pai, e o Pai está em mim? As palavras que vos digo não as digo de mim mesmo; mas o que em mim está este é que faz as obras. Crede que eu estou no Pai, e que o Pai está em mim. E se não, credes em virtude das minhas obras. Em verdade, em verdade vos digo que quem tem fé em mim fará também as obras que eu faço, e fará maiores do que estas; porque eu vou para junto de meu Pai.

E tudo quanto pedirdes ao Pai em meu nome, eu o farei, para que seja glorificado o Pai no Filho. Se me pedirdes alguma coisa em meu nome eu o farei.

Promessa do Espírito Consolador

“Se me amais — disse o Mestre — guardareis os meus mandamentos. Rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que permaneça convosco eternamente; o Espírito da Verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece; vós, porém, o conheceis, pois ficará convosco e habitará em vós.

Não vos deixarei órfãos: tornarei a vós. Ainda um pouco de tempo, e o mundo já não me verá. Vós porém, me vedes, porque eu vivo, e também vós vivereis. Naquele dia, sim, compreenderéis que eu estou em meu Pai, que vós estais em mim e eu em vós. Quem tem os meus mandamentos e os guarda, esse é que me ama; mas quem me ama será amado por meu Pai, e também eu o amarei e me manifestarei a ele.”

Perguntou-lhe então Judas, não o Iscariotes:

— Como é isto Senhor? Como é que pretendes manifestar-te a nós e não ao mundo?

Respondeu-lhe Jesus:

— Quem me ama guardará a minha palavra; meu Pai o amará e viremos a ele e faremos nele habitação. Quem não me ama, não guarda as minhas palavras. A palavra que acabais de ouvir não é minha, mas a do Pai que me enviou. Isto vos digo enquanto estou convosco; mas o Consolador, o espírito santo, que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas, e vos lembrará tudo quanto vos tenho dito.

A Paz do Cristo

No meio das grandes tribulações que os esperavam, haviam os discípulos de gozar de profunda paz de consciência; as tempestades das dores e perseguições não conseguiriam agitar-lhes senão a superfície da vida, enquanto as profundezas da consciência descansariam em profunda serenidade.

— Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz; não a dou como o mundo a dá. Não se perturbe nem se atemorize o vosso coração. Ouvistes que vos disse: Vou, e torno a vós. Se me amásseis, folgaríeis de que vou ter com o Pai, porque o Pai é maior que eu. Disse-vos-lo agora, antes de suceder, para que, depois de sucedido, tenhais fé. Já não falarei muito convosco; porque vem o dominador deste mundo. Sobre mim não tem poder algum; mas há de o mundo conhecer que amo o Pai e que faço assim como o Pai me ordenou. Levantai-vos. Vamos!

Se os discípulos de Cristo são ramos do mesmo tronco, como o Mestre diz, são também irmãos entre si; e, como a sua seiva deriva de uma fonte única devem também eles ser entre si

um só coração e uma só alma. A caridade do próximo tem como base essencial o amor de Deus. E, pelo amor do Pai que Jesus ama os homens, feitos à imagem e semelhança de Deus; pelo mesmo motivo devem os homens amar-se uns aos outros.

— Assim como meu Pai me amou, assim vos tenho eu amado. Permanecei no meu amor. Se guardardes os meus mandamentos, permaneceréis no meu amor, assim como eu também permaneço no amor do Pai, guardando-lhe os mandamentos. Disse-vos isto para que minha alegria esteja em vós e se torne perfeita a vossa alegria. Este é o meu mandamento: Amai-vos uns aos outros assim como eu vos tenho amado. Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a própria vida por seus amigos. Vós sois meus amigos, se fizerdes o que vos mando. Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz seu senhor; amigos é que vos chamei, porque vos dei a conhecer tudo quanto ouvi de meu Pai. Não fostes vós que me escolhestes, mas eu é que vos escolhi a vós e vos encarreguei de irdes e produzirdes fruto, para que seja duradouro o vosso fruto. Então o Pai vos concederá tudo o que pedirdes em meu nome. O que vos preceituo é isto: Amai- vos uns aos outros.

O Ódio do Mundo

Assim como o mundo profano ia perseguir o Redentor, assim votaria também o ódio de morte aos remidos, e, sobretudo, aos arautos da Redenção. Entretanto, diz o Mestre, é grande a honra e motivo de íntima consolação ser odiado por causa dele.

— Se o mundo vos odeia, sabei que, primeiro que a vós, me odiou a mim. Se vós fôsseis do mundo, amaria o mundo o que era seu; mas, como não sois do mundo — antes eu vos escolhi do mundo — por isso é que o mundo vos odeia. Lembrai-vos da palavra que vos disse: Não está o servo acima de seu Senhor. Se, pois, me perseguiram a mim, também vos perseguirão a vós; e, se guardaram a minha palavra, guardarão também a vossa. Ora, tudo isto vos farão por causa do meu nome, porque não conhecem aquele que me enviou. Se eu não viera e lhes falara, não teriam culpa; agora, porém, não têm desculpa do seu pecado. Quem me odeia a mim, odeia também a meu Pai. Não realizasse eu, no meio deles, obras que nenhum outro fez, estariam sem culpa; agora, porém, viram-nas e contudo me odeiam, a mim e ao Pai. Entretanto, convinha se cumprisse a palavra que está escrita em sua lei: Odiariam-me sem motivo. Quando vier o Consolador, que eu vos enviarei do Pai—o Espírito da Verdade que do Pai procede — dará testemunho de mim; e também vós dareis testemunho, porque desde o princípio estais comigo.

Perseguições

— Isto eu vos disse para que não vos escandalizeis. Expulsar-vos-ão das sinagogas, e chegará a hora em que todo o homem que vos matar julgará prestar serviço a Deus. Isto vos

farão porque não conhecem nem ao Pai nem a mim. Disse-vos estas coisas para que, quando chegar a hora, vos lembreis das minhas palavras. Não vo-las disse desde o princípio, porque ainda estava convosco.

Agora, porém, vou ter com aquele que me enviou; e ninguém de vós me pergunta: Aonde vais? — de tão pesaroso que trazeis ó coração pelo que vos disse.

Entretanto, digo-vos a verdade: é-vos conveniente que eu vá, porque, se não for, não virá a vós o Consolador; mas, se for, vo-lo enviarei. E, quando vier, fará saber ao mundo o que é pecado, justiça e juízo — pecado, porque, vou ter com o Pai, e já não me vereis; juízo, porque o príncipe deste mundo já está julgado.

Ainda muitas coisas tenho a dizer-vos; mas não as podeis suportar agora. Quando, porém, vier aquele, o Espírito da Verdade, iniciar-vos-á em toda a verdade. Pois não falará por conta própria; mas dirá o que ouve, e o anunciará. Tudo o que o Pai tem é meu; por isso eu vos disse: Tomará do que é meu e vo-lo anunciará.

Conversão da Tristeza em Gozo

Não será eterna a separação entre Jesus e os seus discípulos, motivo de satisfação inefável.

“Ainda um pouco de tempo, e já não me vereis; e mais um pouco de tempo, e tornareis a ver-me, porque vou para meu Pai.”

Perguntaram entre si alguns dos discípulos: “Que quer dizer com estas palavras: Ainda um pouco de tempo e já não me vereis: e mais um pouco de tempo e tornareis a ver-me? E isto: Vou para meu Pai? Diziam, pois: Que quer dizer com estas palavras: Ainda um pouco de tempo? Não sabemos o que ele quer dizer.”

Reparou Jesus que queriam interrogá-lo, e disse-lhes:

— Estais a perguntar uns aos outros porque é que vos disse: Ainda um pouco de tempo, e já não me vereis; e mais um pouco de tempo, e tornareis a verme? Em verdade, em verdade vos digo que havereis de chorar e gemer, ao passo que o mundo estará alegre; andareis tristes, sim, mas a vossa tristeza se converterá em alegria. Quando a mulher está para dar à luz entristece-se, porque chegou a sua hora; mas, depois de dar à luz um filho, já não se lembra das angústias, pela satisfação que sente de ter nascido ao mundo um homem. Assim também vós andais aflitos agora; mas tornarei a ver-vos e alegrar-se-á o vosso coração, e já ninguém vos tirará a vossa alegria. Naquele dia já não me perguntareis coisa alguma.

“Em verdade, em verdade vos digo: Se pedirdes alguma coisa ao Pai em meu nome, vo-lo dará.”

Conclusão das Exortações aos Discípulos

A oração deve constituir um vínculo contínuo e permanente entre Jesus e seus discípulos, durante o tempo da sua separação visível.

— Naquele dia já não me perguntareis coisa alguma. Em verdade, em verdade vos digo: Se pedirdes alguma coisa ao Pai em meu nome, vo-lo dará. Até agora nada pedistes em meu nome. Pedi e recebereis — e será completa a vossa alegria. Disse-vos isto em parábolas; tempo virá em que já não vos falarei em parábolas, mas vos falarei abertamente de meu Pai. Naquele dia, sim, pedireis em meu nome, vo-lo dará. Até agora nada pedistes em meu nome. Pedi, o Pai vos ama, porque vós me amastes e crestes que saí de Deus.

Sim, saí do Pai e vim ao mundo; deixo agora o mundo e torno para o Pai.

Observaram então os discípulos: — Eis que agora falas claro e já não te serves de parábolas. Agora sabemos que sabes tudo e não necessitas das perguntas de ninguém. Por isso cremos que saíste de Deus.

Respondeu-lhes Jesus: — Agora credes? Eis que vem a hora — e já chegou — em que vos espalhareis, cada qual para sua parte, deixando-me só. Mas eu não estou só, porque comigo está o Pai. Disse-vos isto para que tenhais a paz em mim. No mundo passareis tribulações; mas tendes confiança, que eu venci o mundo.

Oração Crística de Jesus

Terminadas as últimas instruções aos discípulos, levantou-se Jesus, ergueu os olhos aos céus, e dirigiu ao Pai celeste a sua oração crística, o seu hino de sumo sacerdote da humanidade, o seu canto de cisne, a oração mais solene e comovente que dos lábios do Nazareno colheu o evangelista do amor.

Em pé, no cenáculo de Jerusalém, oferece Jesus ao Pai eterno a sua vida e missão redentora, pedindo-lhe que o glorifique, para que os fulgores dessa glória recaiam sobre o próprio autor de onde dimanam:

— Pai, é chegada a hora!... Glorifica teu Filho, para que teu Filho te glorifique!... Deste-lhe poder sobre todos os homens, a fim de que dê a vida eterna a todos os que lhe confiaste. A vida eterna, porém, é esta: Conhecerem-te a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus, o Cristo, que enviaste. Glorifiquei-te sobre a terra, levando a termo a obra que me confiaste. Glorifica-me, pois, agora contigo, Pai, com aquela glória que eu tinha em ti antes que houvesse mundo!...

Tenho manifestado o teu nome aos homens que do mundo me deste. Eram teus, tu mos

confiaste, e guardaram a tua palavra. Agora sabem eles que vem de ti tudo quanto me deste, porque lhes dei as palavras que tu me deras e aceitaram-nas e em verdade conheceram que saí de ti, e creram que tu me enviaste. Por eles é que rogo. Não rogo pelo mundo, mas pelos que me deste, porque são teus. Tudo o que é meu é teu e tudo o que é teu é meu. Neles é que sou glorificado. Já não fico no mundo — eles, porém, ficam no mundo — porque vou ter contigo. Pai santo, guarda em teu nome os que me deste, para que sejam um, assim como o somos nós. Enquanto estava com eles guardei em teu nome os que me deste; tenho-os amparado, e nenhum deles se perdeu, a não ser o filho da perdição, para que se cumprisse a Escritura. Agora, porém, vou para ti. Digo isto, enquanto estou no mundo, para que eles tenham em si mesmos a plenitude do meu gozo. Transmíti-lhes a tua palavra; mas o mundo lhes teve ódio, porque eles não são do mundo, assim como nem eu sou do mundo. Não rogo que os tires do mundo, mas que os guardes do mal. Eles não são do mundo, assim como também eu não sou do mundo. Santifica-os para a verdade. A tua palavra é a verdade. Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo. Por eles é que me santifico, para que sejam santificados na verdade.

Mas não rogo somente por eles, senão também pelos que por sua palavra chegarem a crer em mim, para que sejam todos um, assim como tu, Pai, estás em mim, e eu em ti — que assim também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste. Dei-lhes a glória que me deste, para que sejam um, assim como também nós somos um: eu neles e tu em mim, para que sejam perfeitamente um, e para que o mundo conheça que tu me enviaste e os amaste, assim como me amaste a mim. Pai, quero que os que me deste estejam onde eu estou, para contemplarem a glória que me deste, pois que me amaste antes da criação do mundo.

Pai justo, o mundo não te compreendeu; eu porém, te compreendi, e também eles compreenderam que me enviaste. Manifestei-lhes o teu nome, continuarei a manifestá-lo para que o amor com que me tens amado esteja neles, e também eu esteja neles.

*

*

*

Depois desta oração vespertina, já podia a noite desabar sobre a pessoa do Nazareno.

E ela desabou, temerosa e lúgubre.

E Jesus foi ao encontro dessa noite de mistérios e de dores, com o passo firme do herói que cumpre a sua missão, e não desvia um passo do caminho que a vontade divina lhe traçou.

DORES E GLÓRIA – PARTE

TERCEIRA

Getsêmane

BIS jg| as lâmpadas da ceia pascal, consumindo lentamente as últimas gotas de óleo. A sala porém, estava deserta.

Retira-se Jesus com os seus discípulos em demanda do Monte das Oliveiras, onde, tencionava passar a última noite da sua vida mortal. Não permitia a lei que o israelita ultrapassasse o perímetro urbano, nessa noite sagrada; por isso não pernitoou Jesus com os seus devotados amigos de Betânia.

Iscariotes não ignorava esse dispositivo legal, e sobre ele baseara o seu plano sinistro.

Desceu, pois, o pequeno grupo de noctívagos a ladeira oriental do Monte Moriá, em cujo cimo se erguia o templo; cruzaram o vale Cedron e o arroio e encaminharam-se para a rampa oposta ensombrada de numerosas oliveiras...

Iam quase em completo silêncio.

Passaram ao pé dos mausoléus de Absalão e de Zacarias, que alvejavam ao clarão da lua cheia, que acabava de emergir das brumas do horizonte.

Era primavera, princípios de abril. As noites eram ainda bastante frias.

Havia naquela rampa uma granja, por nome Getsêmane, que quer dizer “horto de prensa de olivas”.

A entrada desse bosque, disse Jesus aos seus discípulos:

— Sentai-vos aqui, enquanto eu vou orar.

Levou consigo para o interior apenas a Pedro, Tiago e João, os três confidentes íntimos que lhe tinham presenciado a glória no Tabor e iam nesta noite assistir à sua profunda humilhação.

Entraram.

Chegados ao meio do horto, sentaram-se os três sobre os blocos de pedras calcáreas esparsas à sombra das oliveiras seculares. Parecia um pugilo de sonâmbulos... Os três não sabiam bem o que pensar daquela noite singular e daqueles ares de mistério do Mestre...

Reinava grande silêncio.

Ergueu Jesus as mãos ao céu, enquanto os seus lábios tremiam e os olhos se arregalavam, numa expressão de terror. A sua face lívida parecia a de um defunto. Os três discípulos contemplavam, estupefatos, essa mudança do Mestre.

Disse-lhes então Jesus num tom dolente e suave:

— Minha alma está numa tristeza mortal. Ficai aqui e vigiai comigo...

Distanciou-se deles uns cem passos, prostrou-se de face por terra, e, tremendo em todo o

corpo, soltava gemidos de angústia.

Não se conhecia mais aquele homem intrépido e corajoso dos outros dias. O impávido herói, que marchava ao encontro da morte com passo firme e resoluto, jaz agora por terra como que aniquilado em face dos horrores de que, como sabia, estavam cheios aquela noite e o dia imediato. Era verdadeiro homem e não podia deixar de horrorizar-se ante o aspecto sinistro da morte — e morte crudelíssima em pleno vigor de seus 33 anos...

Tão imensa era a angústia do seu coração, que dos lábios lhe rompeu este brado de socorro:
— Meu Pai! Se é possível, passa de mim este cálice sem que eu o beba!...

Perdem-se no vácuo os clamores do padecente. Nenhum coração lhe acolhe o grito de agonia... Branquejam ao luar as pedras de Getsêmane... Ciciam, ao perpassar das brisas noturnas, as folhas cinzentas das oliveiras... Chiam à surdina, pela grama do solo,¹ as cigarras monótonas... Dormem ao pé das árvores os três discípulos que tinham sido convidados para passarem com o homem das dores...

O próprio Pai celeste parece ter abandonado o seu Filho Unigénito; não lhe responde aos brados de angústia...

E Jesus, depois de esperar inutilmente um eco à sua voz acrescenta, resignado:

— Não se faça a minha vontade, mas, sim, a tua,

Depois deste primeiro ato do horroroso drama noturno, ergue-se e, como se tivesse medo de ficar sozinho naquela escuridão pressaga, foi ter com os seus discípulos, em busca de companhia e de lenitivo.

Mas encontrou-os adormecidos. Era a reação natural do organismo; após umas horas de intensa emoção a natureza reclamava os seus direitos, os nervos exigiam repouso. Adormeceram.

Disse Jesus a Pedro e seus companheiros:

— Como?... Estais a dormir? Não podestes então vigiar comigo uma hora?... vigiai e orai para não cairdes em tentação!...

E tão doloroso sermos abandonados dos nossos amigos na hora em que mais precisamos deles! Jesus sentiu o amargo dessa apatia e dessa incompreensão; mas, ainda assim, desculpou os discípulos, dizendo:

— O espírito, sim, está pronto, mas a carne é fraca. Retirou-se pela segunda vez e tornou a prostrar-se de bruços, repetindo com maior insistência a mesma súplica.

E o mesmo silêncio acolheu os brados da sua angústia. Não era possível que passasse dele o cálice do sofrimento e da morte. Era esta a vontade firme da natureza divina do Cristo, nem jamais vacilou neste propósito; o que relutava era tão-somente a sua natureza humana, o

sentimento natural de horror e aversão que todo o homem normal experimenta em face de tão pavorosa perspectiva. Jesus era homem — homem humano e genuíno.

Pela segunda vez foi procurar companhia e consolação com os seus amigos, e pela segunda vez voltou decepcionado: encontrou-os novamente submersos no sono.

Então, desceu ao tenebroso abismo da agonia interior. Tamanha foi a angústia de sua alma, que o sangue confluíu para o interior do organismo, como que receoso de ser derramado naquela noite; o coração, num impulso veemente, repeliu a onda rubra para a periferia do corpo com tanta violência, que o sangue rebentou por todos os poros da epiderme, e começou a tingir as vestes do Nazareno e a correr sobre as folhas secas das oliveiras.

Parecia chegada a última hora do solitário padecente de Getsêmane.

Ecoou pelo silêncio do espaço noturno um grito doloroso:

— Meu Pai!... Não é possível que passe de mim este cálice sem que eu o beba?...

E, enquanto os seus olhos arregalados interrogam a escuridão da noite, e o seu peito arfa, prestes a estalar sob a veemência da agonia—eis que aparece por entre as sombras das oliveiras um mensageiro celeste, um anjo que conforta o divino mártir da solidão. Não lhe tira o cálice do sofrimento, mas dá- lhe de beber outro cálice, um misterioso antídoto da agonia. E Jesus bebe o cálice da fortaleza e da esperança: queria realizar plenamente a sua natureza humana, sofrendo voluntariamente sob os auspícios do seu Cristo divino.

E o coração de Jesus se acalma, e seus lábios sangrentos murmuram;

— Faça-se a tua vontade, meu Pai...

Passou a crise. Desde esse momento, o Nazareno não mais vacila, não mais se queixa, não mais recua diante de sofrimento algum; aceita tudo, como se nada mais sentisse.

Levantou-se da terra, foi ter com os seus discípulos e lhes disse em tom resolutivo e enérgico:

— Levantai-vos! Vamos! Eis que aí vem o meu traidor!

Prisão de Jesus

Enquanto Jesus, às sombras do Getsêmane, lutava com os horrores da agonia, aproximava-se dele o traidor, à frente de uma quadrilha de soldados romanos, fariseus e servos do sumo sacerdote.

Judas, na qualidade de amigo e confidente do Nazareno, conhecia-lhe os costumes, e sabia que ele ia passar aquela noite no Horto das Oliveiras.

Resolveu, pois, executar nessa noite o seu atentado. Foi oferecer-se espontaneamente aos inimigos de Jesus e disse-lhes:

— Que quereis dar-me para eu vo-lo entregar?

Os sacerdotes prometem dar-lhe trinta moedas de prata: Judas aceita e fecha-se o negócio.

Em vista deste oferecimento espontâneo do Iscariotes, resolveu o Sinédrio antecipar a prisão do odiado Nazareno, que fora marcada só para depois da páscoa judaica. A ocasião era propícia, e convinha não perder semelhante oportunidade. Reuniram, pois, a sua gente, requisitando, além disto, um destacamento militar ao governador romano. Contavam, evidentemente, com uma forte oposição por parte dos discípulos do Nazareno.

Era noite de luar. Mas à sombra das oliveiras do Getsêmane não era fácil distinguir um vulto do outro; as roupagens amplas e roçagantes usadas pelos palestinos daquele tempo, e o pano que em pregas flutuantes caía da cabeça sobre as espáduas, e, em parte, sobre o rosto, não permitiam um reconhecimento rápido; e Jesus achava-se no meio dos seus discípulos.

Por isso, tinha Judas combinado com os esbirros do Sinédrio esta senha:

— Aquele a quem eu beijar esse é: prendei-o conduzi-o com cuidado.

Achava-se ainda a quadrilha inimiga do lado de fora do muro, quando Judas, para não parecer caudilho dos esbirros, se adiantou a largos passos, aproximou-se de Jesus, cingiu-o nos braços e deu-lhe na face um beijo, dizendo:

— Salve, Mestre!

Jesus contempla por uns momentos o semblante de Iscariotes; pela última vez se cruzam os olhos do Nazareno com os olhos do traidor; pela vez derradeira ecoa o timbre da sua voz aos ouvidos do traidor

— Amigo, a que vieste?

Nenhuma resposta!

Então, para mostrar a Judas que conhecia os seus planos e não fora colhido de surpresa, acrescentou Jesus:

— Com um beijo entregas o Filho do Homem?!...

A um sinal do traidor, avançou a quadrilha. Mas, antes de lançarem mão de Jesus, deviam convencer-se também eles de que o Nazareno se entregava livre e espontaneamente. Jesus faz questão de mostrar a todos os seus inimigos que vai morrer livremente.

Perguntou, pois, aos inimigos:

— A quem procurais?

— A Jesus de Nazaré — responderam eles.

— “Sou eu” — tornou Jesus.

E eis que, no mesmo instante, todos recuaram e caíram de costas por terra.

Repetiu Jesus a mesma pergunta, e teve a mesma resposta. Então permitiu aos seus

adversários que se levantassem.

Parece que alguns dos recém-chegados estavam confusos e desnorteados com esse fenômeno estranho, e fizeram menção de prender alguns dos discípulos.

Interveio, porém, Jesus com energia, dizendo:

—Já vos disse que sou eu; se, pois, me procurais a mim, deixai em paz a esses!

Os discípulos, porém, galileus fogosos e sempre dispostos a lutar, vendo que o caso se tornava sério, exclamaram:

— Mestre, batemo-los à espada?

Conforme menção anterior, possuíam eles duas espadas, sendo uma delas de Simão Pedro. Este, sem aguardar ordem do chefe, arrancou a espada e, vibrando-a contra o inimigo mais próximo, cortou-lhe uma orelha. Chamava-se Malco, e era servo do sumo sacerdote. Era, naturalmente, intenção do exaltado pescador galileu cortar-lhe mais, porém, no momento em que Pedro vibrava o golpe, desviou Malco a cabeça para a esquerda, de maneira que escapou são e salvo, à exceção da orelha direita que caiu por terra decepada.

Jesus, sempre calmo e senhor da situação, atende mais ao ferido do que a si mesmo. Para evitar males maiores, deu ordem categórica a Pedro para embainhar a espada; pois, se ele quisesse defesa eficaz, disse, bem podia pedi-la ao Pai celeste, que lhe enviaria mais de doze legiões de anjos.

Com esta indicação, manifesta Jesus mais uma vez a absoluta liberdade com que se entrega à morte; morre porque assim o seu Cristo o quer, mas não cai vítima de nenhuma prepotência humana; os esbirros que o prendem são simples instrumentos nas mãos de um poder superior.

Depois disto, cuidou do servo ferido, e ei-lo curado no mesmo instante!

E entretentes, haviam-se aproximado também os fariseus e sacerdotes, que até aí se tinham mantido a certa distância.

Também eles deviam ouvir dos lábios de Jesus que ia ao encontro da morte porque ele o queria, e não porque eles o quisessem. Disse-lhes:

— Como se fora a um ladrão, assim saistes a prender-me com espadas e varapaus; e, no entanto, dia a dia, estava eu sentado no meio de vós no templo, a ensinar, e não me prendestes. Mas tudo isto sucedeu para que se cumprissem as Escrituras e os profetas. Esta é a vossa hora e o poder das trevas!

Dito isto, estendeu as mãos e deixou-se algemar tranquilamente.

Vendo o Mestre preso, em poder dos seus inimigos, e proibida qualquer tentativa de defesa, os discípulos fugiram todos.

Todos — menos um: o discípulo traidor.

A Negação de Pedro

Em Getsêmane, tinham todos os discípulos abandonado a Jesus e fugido.

A Simão Pedro, porém, não lhe sofria o coração deixar o Mestre sozinho nas mãos dos inimigos. Por isso, foi seguindo-o de longe, de modo que não causasse reparo aos fariseus, mas não perdesse de vista a pessoa do Nazareno. Em sua alma tumultuavam os pensamentos mais descontraídos... Estava completamente desorientado... Onde ficara o poder do Mestre?... Por que se deixou prender?... E não tentaria romper os grilhões?...

Pedro esperava a cada momento algum prodígio do poder do Nazareno.

Chegou à casa de Anás e Caifás. O texto evangélico faz crer que as residências desses dois homens poderosos se achavam uma perto da outra, separadas apenas por um pátio interno, para o qual dava ingresso um portão da rua.

Em princípios de abril torna-se, por vezes, sensível o frio palestinese. E era pouco depois da meia noite. Por isso, tinham os soldados aceso um braseiro no pátio, e estavam em derredor, uns sentados, outros em pé, aquecendo-se.

Pelo caminho, encontra-se Simão Pedro com um dos seus colegas, um discípulo de Jesus, cujo nome ignoramos. Teria sido João? O evangelista diz apenas que era “conhecido do pontífice”. Parece ter sido um homem de prestígio social em Jerusalém e que se dava com a família do sumo sacerdote. Este discípulo entrou no pátio interno. Mas, quando veri* ficou que o companheiro ficara do lado de fora, tornou a sair, falou com a porteira e introduziu a Pedro. A empregada da casa, naturalmente, analisou com os olhos cheios de curiosidade a fisionomia do velho pescador da Galiléis. Nada disse, porém, em atenção àquele discípulo conhecido do pontífice.

Simão Pedro, ansioso por ver que fim levaria o processo contra Jesus, achou que não podia fazer coisa melhor, para justificar a sua presença e disfarçar o seu interesse, do que fingir indiferença e associar-se aos soldados que se agrupavam em torno da fogueira acesa no pátio.

O outro discípulo, parece, tornou a retirar-se do pátio, escapando assim à vergonha de assistir à cena que logo após se seguiu.

A porteira da casa de Anás não tirava os olhos de cima de Pedro desde que ele pusera pé no pátio. Mal se ausentara aquele outro discípulo, deixando o pescador no meio dos soldados, animou-se ela a acercar-se do galileu, mediu-o com um olhar inquisitorial, encarou-o de frente e disse:

— Acaso és também tu um dos discípulos daquele homem?

Simão Pedro, perplexo e confuso, sem refletir um instante, respondeu afoitamente:

— Não sou!

Ela, porém, insistiu dizendo:

— Sim, senhor! Tu também estavas com Jesus de Nazaré!

Não fossem os soldados em derredor, que importariam a Pedro as palavras de uma mulher, de uma simples criada? Mas, como todos aqueles olhares convergissem sobre ele, persistiu Pedro na sua negação, dizendo:

— Não conheço esse homem; nem sei o que estás dizendo! . . .

Coisa tão pueril só profere quem não sabe o que diz, de tão perturbado: não sei o que estás dizendo...

A situação tornava-se cada vez mais crítica.

Pedro achou bem avisado retirar-se de ao pé da fogueira e dirigiu-se para o portão da rua, onde ficou por algum tempo na escuridão, sozinho consigo e com a sua consciência torturada.

De repente, ouviu cantar um galo. Devia, pois, ser entre **1 e 2** horas da noite.

Pedro estremeceu, lembrando-se de umas palavras misteriosas do Mestre.

Depois de algum tempo voltou para junto da fogueira, na esperança de que agora o deixassem em paz. Enganou-se! Por entre os clarões bruxoleantes do fogo, outra criada reconheceu a fisionomia de Pedro e, impertinente como a primeira, encarou-o e disse aos soldados circunstantes:

— Também este estava com Jesus de Nazaré.

E logo a soldadesca apoiou, dizendo:

— É verdade, também tu és um deles!

Respondeu Pedro e jurou que não era discípulo

de Jesus e que não sabia de quem se tratava; e, a fim de aparentar calma e indiferença, sentou-se ao braseiro e, estendendo as mãos, pôs-se a aquecer-se tranquilamente, como “aquele homem” lhe fosse a coisa mais indiferente do mundo.

De repente, observou um dos soldados:

— Sim, senhor, tu também és um deles! Pois és galileu; a tua própria maneira de falar te dá a conhecer!

É que os galileus tinham o seu sotaque regional, o seu modo peculiar de se exprimir.

Pedro sentia o solo fugir-lhe debaixo dos pés, quando interveio outro soldado, levando ao auge a sua perturbação. É parente daquele Malco a quem Pedro cortara a orelha no Getsêmane. Reconhecendo, ao clarão do braseiro, a fisionomia do galileu, exclamou:

— Pois não te vi eu em companhia dele no horto?...

O interpelado via-se já arrastado ao tribunal e condenado à morte. Fez uma tentativa

extrema para fugir à morte, como ele entendia, e começou a jurar que não conhecia absolutamente aquele homem de Nazaré, e chamou sobre si a maldição do céu, se é que era do número dos discípulos dele.

Fez-se um momento de silêncio. Nisto se ouviu pela segunda vez, o canto noturno do galo.

Enquanto lá fora, no pátio, se desenrolava esta cena, estava Jesus diante do Tribunal de Anás, sogro de Caifás e ex-pontífice, que interrogava o acusado a respeito da sua doutrina e dos seus discípulos.

Que de louvável poderia Jesus dizer dos seus discípulos? Se todos o haviam abandonado covardemente?... Preferiu silenciar este ponto, limitando-se a frisar o caráter público e notório da sua doutrina; não era nenhum agitador, nenhum fundador de sociedade secreta:

— Tenho ensinado em público — respondeu — tenho falado no templo e na sinagoga onde se congregam todos os judeus, e nada disse às ocultas. Por que me interrogas? Interroga aos que me ouviram...

Era sensata e reverente a resposta. Nenhum acusado tem obrigação de forjar armas contra si mesmo; as testemunhas é que devem depor contra ele.

A estas palavras, um dos servos de Anás deu uma bofetada a Jesus, dizendo:

— E assim que respondes ao pontífice?

Volveu-lhe Jesus, com firmeza e calma:

— Se falei mal, prova o mal; se falei bem, por que me feres?...

Terminado o interrogatório, foi Jesus conduzido pelo pátio interno que separava a residência de Anás da de Caifás. Ao passar rente à fogueira dos soldados cravou um olhar silencioso em Pedro; não disse nada — mas Pedro ouviu tudo, na sua consciência atormentada... Como?... não me conheces?... não disseste: tu és o Cristo, o filho de Deus vivo?... não disseste, há pouco, que estavas disposto a ir comigo ao cárcere e à morte?...

Pedro compreendeu tudo... Saiu do pátio, inter - nou-se na escuridão e chorou amargamente...

Jesus Diante do Sinédrio

Seria pelas 3 horas da noite quando Jesus foi conduzido da casa de Anás pelo pátio interno rumo a um cárcere, onde devia aguardar a sessão do tribunal em casa do sumo sacerdote Caifás.

Bem de madrugada, reuniu-se o Conselho, ou Sinédrio, e Jesus foi introduzido na sala. Ao longo das paredes corriam filas de cadeiras para os membros do tribunal; de um lado, num ponto mais elevado, via-se o presidente Caifás sentado na sua cátedra. Jesus ficou em pé no meio da sala.

Para salvar as aparências legais, procedeu o presidente à inquirição das testemunhas arroladas no processo improvisado contra o *rabi* de Nazaré. Apresentaram-se diversos homens e começaram a fazer carga a Jesus de alguns crimes de ordem religiosa, porque para o Sinédrio, toda a questão se resumia nisto: O Nazareno afirma ser o Messias anunciado na lei antiga, o Filho de Deus.

Mas não havia concordância entre os vários depoimentos; uns contradiziam aos outros: estes negavam o que aqueles afirmavam, e, segundo a lei, não tinha valor o depoimento que não tivesse a seu favor ao menos duas testemunhas concordes.

A situação do Sinédrio começava a tornar-se penosa; havia instaurado um processo; o réu aí estava, mas faltavam as testemunhas, e ninguém sabia ao certo qual era propriamente o delito do profeta de Nazaré.

Por alguns momentos parecia dissipar-se essa pesada atmosfera de dúvida e indecisão, quando se apresentaram, em atitude firme e resoluta, duas testemunhas pedindo a palavra.

Obtida a permissão de Caifás, disse o primeiro apelando para conhecimento de ciência própria, e envolver no seu depoimento a responsabilidade do colega:

— Nós mesmos ouvimos esse homem dizer: Destruirei este templo, obra de mãos humanas, e em três dias edificarei outro, que não será obra de mãos humanas.

Mas, nem as palavras, nem o sentido delas eram exatos. Quando por ocasião da purificação do templo, Jesus proferira palavras análogas, não se referia ao templo de Jerusalém, como lembra expressamente o historiador, mas, sim, ao templo vivo do seu corpo, que seria demolido por mãos alheias, e reedificado pelo poder do Cristo.

Nem dissera “destruirei”, mas “destruí” este templo.

Mal terminara a primeira testemunha de proferir esse depoimento, estigmatizando Jesus como inimigo do santuário nacional de Israel, quando interveio a segunda, protestando contra o colega, corrigindo e modificando o teor das palavras.

Desvaneceu-se mais essa última esperança; depoimentos tão vagos e discordantes não tinham valor algum.

Houve momentos de silêncio. O presidente estava inquieto e nervoso. Os sinedristas entreolhavam-se, indecisos. Entretanto Caifás não era homem para se deixar intimidar por tão pouco, e provou nesse dia que era provector discípulo do velho e astuto Anás.

Desceu da cátedra, colocou-se ao centro da sala, diante de Jesus e disse:

— Não ouves o que esses depõem contra ti?

Jesus, porém, permaneceu calado. Tinha dito tudo o que tinha a dizer.

Então assumiu Caifás uma atitude teatral; em todo o esplendor do seu ornato pontifício,

com voz majestosa e lenta, erguendo ao céu a mão direita, exclamou:

— Eu te conjuro pelo Deus vivo que nos diga se tu és o Cristo, o Filho de Deus bendito!

Respondeu Jesus:

— E como dizes: eu o sou!

E, como que para tirar qualquer dúvida sobre a significação exata da expressão “Filho de Deus”, acrescenta Jesus:

— E eu vos digo que mais tarde vereis o Filho do Homem sentado à direita de Deus todo-poderoso e vir sobre as nuvens do céu.

Era uma alusão à profecia de Daniel que deste modo descrevia a vinda do Cristo no fim do mundo para julgar os vivos e os mortos.

Alguns dos membros do Sinédrio, como que incapazes de compreender semelhante afirmação, interpelaram Jesus, insistindo:

— Logo, tu és o Filho de Deus?

E tomou Jesus no mesmo tom firme e imperturbável:

— Eu o sou!

Caifás agarrou com ambas as mãos a costura da sua túnica à altura do peito — e soou pelo silêncio da sala o som agudo de um tecido violentamente rasgado! Rasgar a túnica era sinal de dor suprema, de um coração despedaçado de dor.

— Que necessidade temos ainda de testemunhas — bradou com voz patética. — Vós mesmos acabais de ouvir a blasfêmia!... Que vos parece?...

E todos, à uma só voz clamaram:

— E réu de morte! E réu de morte!

Tanto a teologia da sinagoga de Israel como a das igrejas cristãs parecem identificar “Deus” com “Divindade”. O Cristo nunca se identificou com a Divindade, que ele chama “Pai”, mas disse que era Deus, ou Filho de Deus, que designa uma emanção individual da Divindade Universal.

“Eu e o Pai somos um — mas o Pai é maior do que eu.”

O castigo da blasfêmia era a morte. Jesus é considerado blasfemo por se ter identificado com Deus.

Mais tarde, diante de Pilatos, o Sinédrio torna a jogar com este argumento, dizendo:

— Nós temos uma lei, e segundo a lei deve morrer, porque se fez Filho de Deus!

O Fim do Traidor

Após a condenação tumultuosa por parte do Sinédrio, foi Jesus entregue à mercê dos

caprichos da plebe culta e inculta.

“Os homens que traziam preso Jesus faziam escárneo dele e maltratavam-no. Cuspiam-lhe na face, vendavam-lhe os olhos, davam-lhe no rosto e diziam:

— Adivinha quem foi que te deu! E muitas outras afrontas lhe faziam.”

Sabiam aqueles homens que o Nazareno tinha fama de taumaturgo e de profeta, e começaram a ludibriar esses seus dons, como se se tratasse de um vulgar prestidigitador.

Entrementes, corraera por todos os quadrantes da cidade a sensacional notícia de que Jesus estava preso e acabava de ser condenado pelo Sinédrio.

Chegou também aos ouvidos, de Judas Iscariotes

— e o traidor estremeceu!

Como se explica isso? Não contava Judas com esse desfecho? Estaria ele convencido de que o Mestre se libertaria dos grilhões e escaparia à morte por meio de um daqueles prodígios que todos lhe conheciam? E ele, o astucioso traidor, faria bom negócio ficando com as **30** moedas de prata?... O certo é que Judas sentiu repentinamente despertar à voz da consciência e a gravidade do passo que dera...

Mas, em vez de ir a miséria ter com a misericórdia, dirigiu-se a outra miséria, procurou os cúmplices do seu pecado, e diante deles fez confissão do seu delito, exclamando:

— Pequei, entregando sangue inocente!...

Por entre risadas de escárneo, responderam-lhe os sacerdotes e fariseus:

— Que temos nós com isto? Lá contigo mesmo!

É esta a lei fatídica do mal e a lógica do pecado: o pecador despreza o colega pecador; aceita a traição; mas despreza o traidor; não há solidariedade entre os maus.

Quando Judas viu que já não tinha amigo no mundo — arrancou do bolso o dinheiro e arrojou-o para o interior do templo, e, dirigindo-se à rampa do vale de Hirom daí se precipitou ao abismo.

Os chefes do templo, vendo as moedas de prata esparramadas pelo pavimento, disseram, entre si, como se fossem homens de consciência delicada:

— Não é lícito deitá-las ao cofre do templo, porque é preço de sangue.

É a lógica da hipocrisia! Condenar à morte um inocente não é pecado para esses sepulcros caiados, mas recolher ao cofre sagrado aquele dinheiro, isto, sim, seria sacrilégio.

Que destino deram, pois, aquele dinheiro?

Compraram com ele um campo para servir de cemitério aos forasteiros e peregrinos que morressem em Jerusalém.

Diante de Pilatos

A sentença condenatória do Sinédrio não tinha força legal antes de ser ratificada pelo representante do governo romano, que nesse tempo era Pôncio Pilatos.

Convém conhecermos mais de perto, sua vida, sua pessoa, e que papel tão importante desempenha no drama da morte de Jesus.

Era Pilatos, provavelmente, oriundo de uma família de libertos, ou escravos alforriados por algum patrício romano. O certo é que o cargo de procurador de província não costumava ser exercido por pessoas da alta aristocracia no império dos Césares.

A darmos crédito à tradição e ao Evangelho de Nicodemos, chamava-se sua mulher Cláudia Prócula. Seria ela descendente da célebre família Cláudia? Ou teria adotado apenas o sobrenome de seus senhores e patrões? O Evangelho de Mateus menciona apenas de passagem, e num incidente misterioso, a esposa de Pilatos, sem contudo lhe dizer o nome.

Pôncio Pilatos exerceu o cargo de procurador (ou governador) da Judéia no período de **26 a 37** da nossa era, tendo por superior imediato o pró-pretor (ou presidente) da Síria.

Desde o princípio do seu governo mostrou-se áspero e intolerante para com os judeus. Quando os seus antecessores, por motivos de diplomacia e deferência para com os sentimentos do povo teocrático, mandavam as tropas entrar em Jerusalém sem os distintivos do poder romano, desprezou Pilatos essas precauções — e um dia amanheceu a capital da Judéia com um destacamento de soldados que ostentavam as insígnias dos Césares e as águas argenteas de Roma! Indignados, enviariam os judeus uma delegação para Cesaréia, onde residia habitualmente o procurador romano, protestando contra semelhante injúria e exigindo a retirada das insígnias. Cinco dias deixou-os Pilatos clamar inutilmente; no sexto dia mandou dispersar os descontentes à força. Os judeus, porém, não se renderam, declarando que preferiam morrer a tolerar aquela violação da lei de Moisés, que não admitia ídolos na cidade santa.

Pouco depois romperam novos tumultos em Jerusalém. É que Pilatos lançara mão do dinheiro sagrado do templo, chamado *corban*, empregando-o na construção de um aqueduto destinado a trazer água à capital das regiões do sul. Os judeus viam neste emprego do dinheiro sagrado para fins seculares uma profanação sacrílega, e, por ocasião de uma visita do governador a Jerusalém, cercaram o pretório com grande tumulto e vozerio. Pilatos mandou ao meio deles soldados disfarçados, que mataram diversos e dispersaram os restantes. O aqueduto foi terminado, mas a animosidade contra o representante de Roma crescia mais e mais.

Um vestígio dessa crueldade de Pilatos ficou imortalizado nas páginas do Evangelho;

refere o historiador que, certo dia, foram ter com Jesus alguns homens, contando-lhe que o governador trucidara diversos galileus por ocasião do sacrifício, misturando o sangue deles com o sangue das vítimas.

Em outra ocasião, suspendeu o procurador no Castelo Antônia, rente ao templo, escudos votivos do Imperador de Roma. Reuniram-se então os próceres de Jerusalém, juntamente com os filhos de Herodes, e enviaram a Tibério César uma queixa contra o governador da Judéia. Tibério deu ordem para que fossem retirados os escudos do castelo e transferidos para o templo de Augusto, em Cesaréia.

É fora de dúvida que a memória dessas e de outras ocorrências análogas repercute nas ameaças que os judeus fazem a Pilatos, no processo contra Jesus: “Se soltares esse homem, não és amigo de César!” — levaremos a Roma uma nova denúncia sobre as tuas arbitrariedades.

Filosoficamente era Pilatos um agnóstico ou um céptico. Os seus estudos, certamente, não eram muitos, nem profundos; de uma coisa porém, se convencera ele: que o homem não pode chegar a um conhecimento certo da verdade; que a verdade é uma coisa relativa, que cada um concebe e enxerga conforme as suas disposições subjetivas; uma verdade objetiva e de valor imutável, parecia impossível ao céptico de Roma; daí a observação, que, com um gesto de pouco caso e desdenhosa sobrançeria, faz a Jesus: — “Que coisa é a verdade?”...

Em dias de grande concurso popular, transferia o procurador a sua residência, da capital marítima de Cesaréia, para Jerusalém, a fim de assegurar a ordem pública. Ocupava geralmente o “Palácio de Mármore”, suntuoso edifício construído pelo grande mecenas Herodes I, com esplêndidas colunatas de mármore branco, estátuas gregas, arabescos de ouro, fontes e jardins e todo o conforto que a fortuna e arte podem proporcionar. Outras vezes, ficava o governador residindo no Castelo Antônia, baluarte encravado no ângulo noroeste da muralha do templo e dedicado a Marco Antônio⁴. Nessa fortaleza e atalaia se encontrava permanentemente uma guarnição romana, sempre alerta para restabelecer a ordem pública, quando perturbada nas mas da cidade ou nos átrios do templo.

A narração evangélica faz supor que, nos seguintes acontecimentos, Pilatos residisse no Castelo Antônia, que também se chamava Pretório.

Compreendia este baluarte, além das plataformas e dos compartimentos superiores, um vasto terreiro ao ar livre, circundado de pórticos e pavimentado de ladrilhos de cor vermelha. Comunicava com as galerias do Pretório por meio de escadas de mármore.

Segundo o Evangelho, tinha essa área o nome grego de *Lithóstrotos*, que quer dizer

⁴ Castelo, em latim, é de gênero feminino: arx. Daí Arx Antônia, que em nossa língua passou a dar: Castelo Antônia

empedrado; ao passo que em hebraico se chamava Gábbota, que significa altura, por se achar elevada sobre o nível do solo.

No centro da área estava uma tribuna móvel, denominada *bema*.

Tal era o cenário em que se desenrolou o mais memorável drama da história da humanidade.

Quanto a Pilatos, dizem documentos antigos, que no ano **37**, acusado de graves arbitrariedades cometidas na Samaria, foi banido pelo Imperador Romano para o sul da França, onde acabou suicida.

Jesus Diante de Herodes

Mal abrira Pilatos os portais do Petrório, apresentaram-se os sumos sacerdotes com Jesus.

O governador da Judéia não podia ter deixado de ouvir falar nesse homem singular que, havia três anos, cruzava as terras da Palestina, causando sensação geral. Ainda naquela mesma noite, alguns dos soldados romanos, que tinham estado em Getsêmane, lhe haviam dado notícia da prisão do Nazareno.

Era em véspera da Páscoa judaica. Os judeus tinham-se purificado para as solenidades litúrgicas e não podiam entrar na residência de um “gor” (pagão) sem se “contaminarem” ou tornarem-se legalmente impuros. Por isso, pediram os sinedristas a Pilatos que viesse atendê-los fora do recinto do Pretório romano.

Bastante enfadado e de mau humor, o romano, considerado impuro por aquela gente, dirigiu-se à entrada do Pretório e perguntou-lhes desabridamente:

— Que acusação tendes contra esse homem?

Exasperados, responderam os sacerdotes:

— Se ele não fosse um malfeitor, não to entregaríamos!

O pagão pareceu suspeitar de que se tratava apenas de questões de ordem religiosa. Por isso, disse-lhes em tom de pouco caso:

— Pois tomai-o vós e julgai-o segundo a vossa lei.

Só então saíram os acusadores com o verdadeiro motivo que os trazia à presença da autoridade romana:

— A nós não nos é permitido matar alguém — responderam, mau grado seu, confessando a sua dependência do governo estrangeiro. E logo acodem com três acusações:

— Encontramos este homem a amotinar o povo, a proibir de dar tributo a César, e a afirmar que ele é o Cristo, o rei.

Revelam estas palavras toda a astúcia daquela gente. Na sessão do Sinédrio ninguém se

lembrara de assacar ao Nazareno semelhantes crimes políticos; tinham-no declarado réu de morte a título de blasfemo. Diante da autoridade civil, porém, em face do representante de César, vêm com acusações de caráter político-social.

O governador refletiu por uns momentos. Depois, levando consigo a Jesus, retirou-se para o interior da sala do Pretório, a fim de conferenciar a sós com o acusado.

Com a perspicácia característica do romano, apanha Pilatos, de relance, a alma da questão: as pretensas aspirações realistas de Jesus. Pois, se, de fato, andasse com idéias de realeza, era lógico que procurasse sublevar o povo e abrisse uma campanha contra os exatores do tributo romano. O procurador de César deixou, pois, de parte, os dois primeiros capítulos da acusação e limitou-se a investigar o ponto principal: a realeza de Jesus.

— És tu rei dos judeus? — perguntou-lhe, fitando-o atentamente. Perguntou Jesus:

— É de ti mesmo que perguntas isto, ou foram outros que to disseram de mim?

Pilatos sentiu-se um tanto ofendido com essa contra-pergunta: o acusado parecia querer esquivar-se à resposta e ladear a questão.

— Porventura, sou eu algum judeu? — respondeu bruscamente; judeu, que se ocupasse com questiúnculas da lei mosaica. E acrescentou com toda a clareza e concisão: — Tua gente e os sacerdotes te entregaram às minhas mãos; que fizeste?

Retorna Jesus à idéia da sua realeza e responde com calma e firmeza:

— O meu reino não é deste mundo. Se deste mundo fosse o meu reino, os meus partidários, sem dúvida, peleariam para que eu não fosse entregue aos judeus. Entretanto, o meu reino não é daqui.

O céptico de Roma ouviu falar de um “reino que não é deste mundo”, e talvez lhe tenha acudido à mente o que referiram as fábulas da mitologia sobre reis e príncipes fantásticos. Sabia também que o Nazareno não permitira, na noite anterior, que os seus discípulos o defendessem à força de espada. Fosse como fosse, de uma coisa se convenceu Pilatos: que o tal reino ao qual se referia o acusado não punha em risco a soberania dos Césares; eram sonhos inofensivos e divagações metafísicas. Entretanto, para não deixar pairar a menor sombra sobre o caráter da pretensa realeza do Nazareno insistiu, perguntando:

-- Logo, tu és rei?

Respondeu-lhe Jesus:

— É como dizes; eu sou rei. Foi por isso que nasci e vim ao mundo, para dar testemunho à verdade.

Todo aquele que é filho da verdade ouve a minha voz.

Estas palavras ainda mais confirmavam em Pilatos a convicção de que a realeza do réu era

coisa inócua; dizia-se ele rei da verdade, quando ninguém sabia que coisa era a verdade, e se tal coisa existia. Desde então considerou a Jesus como um filósofo que vivia nas regiões de um mundo ideal e nenhum perigo acarretava ao Império Romano. Ao ouvir duas vezes a palavrinha “verdade”, Pilatos esboçou um sorriso céptico e, encolhendo os ombros com desdém, observou:

— Que coisa é a verdade?...

E logo, sem aguardar a resposta à pergunta, tornou a sair do Pretório e disse aos sacerdotes e à multidão:

— Não encontro culpa neste homem

Foi óleo no fogo! Como? O procurador não achava culpado aquele homem? E estava com vontade de soltá-lo? Nunca!

Desabou então sobre a cabeça do Nazareno uma saraivada de acusações e impropérios.

Enquanto lá fora, na rua, tumultuavam caoticamente os acusadores, impossibilitando ao juiz qualquer palavra serena, dirigiu-se este a Jesus e perguntou-lhe, com ligeira inflexão irônica na voz:

— Não ouves de quanta coisa te fazem carga?...

Jesus, porém, permaneceu calado.

Pilatos não cabia em si de admiração. Aquela atitude do réu era-lhe inexplicável. Por via de regra, os acusados falavam muito, gesticulavam, protestavam inocência, revoltavam-se contra as acusações, rebatendo-as uma por uma, e mal davam ocasião ao juiz para fazer uma observação sensata. Este não. Ouvia com a maior calma do mundo todos os horrores e crimes que lhe imputavam. Não dava um sinal de contrariedade, não proferia uma palavra de protesto, não tentava sequer uma explicação, como se não fosse ele o alvo de todas essas acusações, mas algum homem a **100** léguas de distância.

Pilatos, de admirado que estivera a princípio, começava a sentir um secreto terror em face desse homem misterioso. Estava convencido da sua inocência, e resolvido a pô-lo em liberdade.

Entrementes, lá do fundo estrugiam sem cessar as mesmas acusações: “Ele amotina o povo, desde a Galiléia até à Judéia!...”

Pilatos ouviu com mais atenção: desde a Galiléia?... Então esse homem era galileu?

Informou-se a respeito, e apurou que, de fato, assim era: Jesus era da jurisdição de Herodes.

E uma idéia feliz passou pela mente do governador: remeteria o réu a Herodes, tetrarca da Galiléia que, precisamente nesses dias, se achava em Jerusalém, para assistir às solenidades pascais. Havia tempo que os dois soberanos viviam em discórdia. A ocasião era propícia para

fazerem as pazes. Herodes se sentiria honrado com a atenção de Pilatos, e este se veria livre do processo, que tão ingrato lhe era.

Havia anos que o tetrarca da Galiléia vivia em adultério com Herodias, sua cunhada, mulher de Filipe. O Precursor de Jesus caíra vítima das intrigas dessa mulher cruel e desse homem covarde.

Jesus comparece ante Herodes.

Herodes pertencia àquela categoria de homens que mais crêem nas palpáveis realidades da matéria do que na imponderável ideologia do espírito; homens que timbram de espíritos emancipados e se riem da crença num mundo sobrenatural — mas nem por isso deixam de se interessar por toda a espécie de ocultismo.

Para Herodes não passava o Nazareno de um prestidigitador, um mago. Os prodígios que dele ouvira contar denotavam a existência de virtudes estranhas, e devia ser interessante assistir à exibição de uns fenômenos mágicos ou ocultista. O tetrarca já prelibava a hora que lhe iam proporcionar as habilidades do famoso taumaturgo de Nazaré.

Convocou, pois, a gente da corte, a guarda real e, ladeado de Herodias e de Salomé, a graciosa bailarina, sentou-se no trono, na espaçosa sala de audiências, esperando pela chegada do Nazareno.

E o Nazareno aparece cercado dos seus inimigos. Teve ordem de colocar-se no meio da sala, perto do rei, o qual, depois de algumas frases elogiosas, o convidou a exhibir diante dele algum daqueles portentos sensacionais com que, havia três anos, deslumbrava todo o país. Possivelmente, mandou o tetrarca trazer um vaso com água, pedindo a Jesus que o convertesse em vinho.

Jesus ouviu tudo — mas não respondeu uma só palavra... Imóvel como uma estátua, sereno e calmo, de olhos baixos e mãos algemadas, deixou desabar sobre si toda aquela verborrêia do régio palrador.

Apesar de todos os recursos da sua dialética e da sua astúcia, não conseguiu aquela “raposa” arrancar uma sílaba dos lábios do Nazareno; não chegou a ver-lhe a cor dos olhos, não chegou a ouvir-lhe o timbre da voz...

O Sermão da Montanha fora sublime — mais sublime, porém, era o sermão deste silêncio. Era a única resposta digna que a pureza podia dar à luxúria! Não é o mutismo da teimosia e do despeito, mas é o silêncio da verdade.

Herodes, habituado a ver cumpridos todos os seus caprichos, estava indignado; não pode gozar aquela hora que se lhe afigurava tão interessante e divertida; pela primeira vez um súdito seu se negava a servir de joguete às veleidades da sua majestade real.

Que fazer?

Fez o que se devia esperar: ridicularizou Jesus. Pilatos era um pagão ignorante, mas não propriamente um homem frívolo; votava profundo respeito a Jesus. Para Herodes, porém, o Nazareno não passa de um pobre idiota, mais digno do hospício que do patíbulo; nem mesmo sabe responder às perguntas que lhe são feitas; porta-se como um que não atina com o sentido das palavras.

Resolveu, pois, o tetrarca dar expressão ao despeito que lhe fervia na alma: mandou buscar um farrapo branco e lançá-lo aos ombros do Nazareno. Naquele tempo, o pretendente a algum cargo público costumava vestir uma espécie de túnica branca e com ela se apresentava em público; era então “candidatus” (branqueado). Ora, sabendo Herodes que Jesus se intitulara rei, entendeu de fazer espírito e parodiar a candidatura dele; cobrindo-o com aquele manto branco e mandando-o pelas ruas da capital, por entre as gargalhadas da plebe, culta e inculta, e as valas do vulgacho sempre ávido de sensação.

Em face da concorrência de milhares de peregrinos de fora, que vinham assistir às solenidades pascaís, deve ter sido este o primeiro carnaval que se celebrou no mundo, tanto mais que incidiu na primeira sexta-feira santa e teve por organizadores um rei homicida, uma rainha adúltera e uma jovem dançarina da corte, cúmplice da morte de João. Assim se inaugurou dignamente essa série de cortejos carnavalescos que através dos séculos viriam tripudiar sobre a moral do Evangelho do Cristo.

Voltou, pois, Jesus ao Pretório romano.

“E, neste mesmo dia, adverte o evangelista significativamente, tornaram-se amigos Pilatos e Herodes, quando até aí tinham sido inimigos um do outro”.

Jesus ou Barrabás?

Aproximava-se do Pretório romano o estranho “corso carnavalesco” patrocinado por Herodes. Figurava como “palhaço” Jesus, o taumaturgo de Nazaré.

O tetrarca sabia retribuir gentilmente a atenção do governador e pagar obséquio com obséquio.

Pilatos percebeu de longe a algazarra da plebe a arrastar pelas ruas da capital aquele homem singular. Via frustrado o seu plano. A velha “raposa” da Galiléia revelara-se mais astuta do que o procurador de Tibério César. Por bem ou por mal, teve o romano de continuar o ominoso processo contra o Nazareno, do qual se julgava livre.

Inteirado do que se passava, e sabedor de que os sacerdotes e magistrados judeus não poriam pé na residência de um *goim*, para não se contaminarem, foi Pilatos atendê-los à entrada

da extensa área do *Lithóstratos*.

E começou a falar-lhes em tom persuasivo e calmo, dizendo:—Apresentastes-me este homem como sendo amotinador do povo. Ora, submeti-o a um interrogatório em vossa presença e não encontrei fundamento em nenhuma das acusações que lhes fazeis. Nem tão pouco Herodes; por sinal que no-lo devolveu. Vede que nada se apurou contra ele que merecesse a morte. Mandá-lo-ei, pois, castigar e pôr em liberdade.

Tal a linguagem serena e calma do romano.

Entretanto, estas palavras encheram de furor os adversários do Nazareno. Estavam eles a protestar em altos clamores, quando se aproxima, por uma das ruas laterais, um pelotão de homens, que pareciam ter muita pressa. Dirigiram-se a Pilatos e pediram- lhe que lhes soltasse um dos presos retidos nas cadeias públicas, conforme o costume vigente. Pois, desde a libertação da escravidão do Egito, e em grata recordação das misericórdias de Deus, costumavam os judeus, em vésperas da Páscoa, pedir a liberdade para um dos criminosos encarcerados. A dominação romana respeitava essa praxe, e competia ao governador proceder às formalidades legais para restituir a liberdade ao escolhido do povo.

Mal se apercebeu Pilatos da intenção dos recém chegados, quando lhe passou pela mente Uma idéia salvadora, como ele entendia. Antes que eles designassem a pessoa do libertando, antecipou-lhes o governador a palavra e espontâneamente propôs um candidato da sua escolha pessoal —Jesus de Nazaré.

Jazia naquele tempo, nos cárceres de Jerusalém um famigerado malfeitor, cuja vida era tão feia como o seu nome — Barrabás. Cometera crime de homicídio por ocasião de uma sedição, refere Marcos; era ladrão, acrescenta João; chefe de bandidos, completa Mateus.

Convencido do ódio e da má fé dos sacerdotes e magistrados, resolveu Pilatos apelar para o bom senso do povo, em cujo seio o Nazareno contava com numerosos amigos e adeptos, máxime entre os galileus.

Perguntou-lhes, pois:

— Qual dos dois quereis que vos solte? Barrabás ou Jesus, que se chama o Cristo?

Momento histórico! O representante oficial de Tibério César apela da sentença do Sinédrio para um júri do povo de Israel. Pró ou contra o Cristo? Institui um plebiscito público para saber quem deve ser liberto: Jesus ou Barrabás; o autor da vida ou o autor de muitas mortes; o santo ou o celerado; o benfeitor do povo ou o salteador da Judéia...

Mas, antes que se resolvesse este primeiro caso, ocorre outro incidente, sumamente misterioso. Aparece diante de Pilatos um mensageiro enviado pela esposa do governador, com este recado urgente: — Nada tenhas que ver com esse justo, porque muito padeci, hoje em

sonhos, por causa dele...

Em sonhos?... Alguma visão?... Um pressentimento de ocorrências vindouras?...

Cláudia Prócula tinha ouvido, sem dúvida da prisão do célebre *rábida* Galiléia; sabia que seu marido pusera à disposição do Sinédrio um destacamento de soldados; nem ignorava que nessa manhã fatídica fora ele chamado muito cedo para processar aquele homem singular, de cuja fama andava cheio o país. É possível que algumas das discípulas do Mestre tenham dado notícias mais minuciosas à esposa do governador romano. E não teria ela ouvido do prodígio que o taumaturgo realizara na pessoa de um dos servos do centurião de Cafarnaum, oficial de Pilatos?

O certo é que, com aquela intuição característica da alma feminina, Cláudia Prócula sentia ou adivinhava que não se tratava de um criminoso vulgar, e que seu esposo estava a pique de se envolver num delito monstruoso.

Receia pela sorte do marido e inquieta-se pela pessoa do acusado. Não lhe era possível, nessa ocasião, falar pessoalmente a Pilatos; o seu comparecimento ao Pretório só teria agravado a situação; nem podia chamar o marido para casa. Mandou-lhe, pois, um recado urgente — um insistente brado de alarme, uma defesa discreta que a mulher pagã faz de um homem, que os sacerdotes de Israel condenavam como blasfemo.

Não sabemos qual a resposta que Pilatos deu à advertência da esposa solícita. O tempo urgia. O tumulto e o vozerio da praça não lhe permitiam uma reflexão serena e calma.

— Fora com este! Solta-nos Barrabás!... — tais eram os gritos que cruzavam de todos os lados.

Falhara o apelo para o povo!

O incidente com o recado de Cláudia Prócula dera tempo aos inimigos de Jesus para agitarem as massas populares, concitando-os a pedirem a liberdade para Barrabás e a morte para Jesus. Se mais numerosos tivessem sido, nessa hora matutina, os galileus, e menos avultado o número dos judeus, talvez prevalecera o bom senso e a gratidão daqueles sobre o ódio e a paixão destes últimos.

É próprio das multidões populares deixarem-se suggestionar pelas palavras corajosas e pela atitude decidida de um pugilo de homens audazes.

Além disto, milhares de judeus dependiam das boas graças dos chefes da sinagoga, e receavam incompatibilizar-se com os mesmos.

Entretanto, a razão mais profunda que converteu as hosanas do domingo no crucifige da sexta-feira foi, sem dúvida, a atitude inexplicável de Jesus. Como de um golpe parecia ele despojado dos seus poderes taumaturgos. Apático e sem uma tentativa de resistência,

deixava-se arrastar de tribunal em tribunal; tolera que o injuriem, esbofeteiem e caluniem de todos os modos. A cada momento esperavam os bem intencionados uma intervenção divina, algum milagre que de repente fulminasse os adversários do Nazareno.

E nada disto aconteceu.

E acabaram por convencer-se de que o Sinédrio tinha razão: Jesus não era o Messias prometido; os seus milagres não passavam de portentos mágicos. Deus mesmo o tinha abandonado às mãos dos seus inimigos...

O povo é assim; não se guia tanto pelas razões e raciocínios como pela força da impressão momentânea e pela violência brutal dos fatos — e todos os fatos pareciam depor contra Jesus.

Pilatos convencido da inocência de Jesus, tenta mais uma vez libertá-lo, apelando para a vontade do povo, em vez de obedecer ao imperativo da consciência e aos ditames da justiça:

— Que farei, pois, de Jesus, que se chama o Cristo?

— Crucificai-o! Crucificai-o!

Pilatos, porém, não se rende. Torna a proclamar a inocência do Nazareno, perguntando ao povo:

— Mas que mal fez ele? Como posso crucificar um inocente?

Eles, em vez de responderem à pergunta, repetem a grita furiosa.

— Crucifica-o! Crucifica-o!

Flagelação

Pela quinta ou sexta vez declara o governador romano que não encontra culpa em Jesus de Nazaré e, renegando todos os ditames da lógica e da justiça, conclui:

— Por isso, mandá-lo-ei açoitar e pôr em liberdade.

Por isso? Por não encontrares nele culpa alguma, por isso o mandas açoitar? Que lógica é essa, Pilatos? Se ele é inocente, só poderás pô-lo em liberdade, mas não condenar a tão horrroso tormento. Protestam contra isto o bom senso, a tua consciência e as próprias leis do império romano!

*

*

*

Três evangelistas, referem a flagelação de Jesus: e todos eles com palavras brevíssimas; parecem querer fugir dessa cena de horror e ignomínia de seu senhor e mestre. Todos se contentam com mencionar o simples fato histórico, sem nada acrescentar da sua impressão subjetiva: Então foi Jesus flagelado...

Em face da lei, só podia ser flagelado um escravo, e por crimes de desumana

monstruosidade. Um homem desses, açoitado em praça pública, estava desmoralizado e moralmente morto para o resto da vida.

Um cidadão romano não podia ser submetido a esse tormento degradante.

Todos os historiadores, poetas e oradores contemporâneos são concordes em considerar a flagelação como um dos mais terríveis processos da justiça romana. Horácio chama-lhe “*terribileflagellum*”; Cícero, num dos seus discursos, descreve esse tormento inflingido a alguns cidadãos romanos pela crueldade ferina de Verres.

Também os judeus conheciam essa punição; mas a lei mosaica restringia a **40** os açoites; quem passasse daí incorria em pena gravíssima. Por isso, para maior segurança, costumavam os judeus dar apenas **39** golpes.

A lei romana não estatua limite algum. Afirma Ulpiano que não era permitido condenar alguém à “morte por flagelação”. Entretanto, eram assaz frequentes os casos em que a vítima sucumbia à horrorosa tortura, ao passo que outras morriam lentamente em consequência desse martírio e da perda de sangue.

Flagelava-se com vergas flexíveis, ou correias de couro, com cordas entretecidas de fragmentos de ossos, ou correntes de ferro guarnecidas de ganchinhos, rodízios e bolas de chumbo. Refere a testemunha ocular, Flávio Josefo, que esses instrumentos rasgavam as carnes da vítima a ponto de porem à mostra os ossos. Quem escapava vivo, escreve Filo, ficava reduzido a um aleijão para o resto da existência.

Não é de supor que fosse mais benigna a pena infligida a Jesus, na praça do Pretório romano.

Logo após a ordem de Pilatos: “**7**, *lictor, collige manus virgis caedito!*” apoderou-se o lictor do condenado, atou-lhe as mãos a uma coluna baixa, de modo a ficar com as costas recurvadas e os soldados romanos, afeitos a todas as crueldades da guerra, empunham açoites, vibrando-os sobre as carnes do Nazareno.

Terminada a flagelação, estava o corpo de Jesus reduzido àquilo que Isaías divisou em profética visão: “Da planta até o vértice não havia um ponto intato — era o varão das dores.”

Em seguida, a soldadesca romana desprende a vítima, a qual, provavelmente, tombou por terra sobre o pavimento ladrilhado; arrastou-se penosamente até ao pé da escada para apanhar uma peça do seu vestuário com que cobrisse a nudez....

Os carrascos foram lavar as mãos ensanguentadas, descansando por alguns momentos da faina brutal, à espera das ordens de Pilatos.

Coroação de Espinhos

— “Eu sou rei” — dissera Jesus.

Não o ignoravam os soldados de Pilatos, embora não atingissem o sentido exato destas palavras. Também como teria um rude guerreiro compreendido o alcance transcendente da realeza do Cristo? “Eu sou rei; mas o meu reino não é deste mundo... Eu vim ao mundo para dar testemunho da verdade.”

Só uma coisa lhes ficou na mente: que aquele homem andava com pruridos de realeza; era, pois, um rebelde, um agitador contra o governo de Roma.

Pilatos tardava no interior do Pretório. Era intuito dele satisfazer o povo com a flagelação do Nazareno, e pô-lo depois em liberdade.

Os sacerdotes e magistrados e toda a multidão popular estavam à porta do Castelo Antônio, esperando o reaparecimento do governador, para levarem adiante o processo.

Entenderam os soldados de encenar um drama digno dos seus autores. Improvisaram uma cena de aclamação real, como tinham presenciado na corte de Roma. Um trono, uma coroa, um cetro, um manto “purpúreo” — nada devia faltar; depois, as homenagens e saudações, etc. A pessoa do rei aí estava no meio deles; o próprio Nazareno se proclamara rei; eles, os soldados de Tibério César, só iam confirmar-lhe as palavras e aureolá-las das competentes solenidades.

Fizeram sentar-se Jesus sobre uma pedra, — era o trono real! Encontraram num rincão do castelo um farrapo escarlate, que em tempos antigos servira de manto a algum soldado da guarnição romana, e lançaram-no aos ombros do sentenciado — que esplêndida púrpura real! Por entre a lenha amontoada num ângulo da fortaleza encontraram uns gravetos ou barações espinhosos, teceram deles uma espécie de coroa e a colocaram sobre a cabeça de Jesus — jamais um César do império tivera diadema tão original! No mesmo lugar descobriram também um pedaço de taquara, que puseram na mão algemada do réu, como cetro, e estava pronta a figura do rei!

Em seguida, com fingida seriedade e ares grotescamente solenes, procederam à cerimônia da prestação de homenagens. Dobravam o joelho diante do rei entronizado e faziam-lhe profundas medidas, dizendo:

— *Ave, rex judaeorum!* — ou, talvez usando a língua grega muito em voga naquele tempo:

— *Chaire, ó basileus ton iudoion!* (*sa\ve, oh! Rei dos judeus.*)

Uma gargalhada acompanhava essa farça tão magistralmente representada.

Em espírito carnavalesco, como se vê, os soldados de Pilatos nada ficavam devendo ao rei Herodes...

Uma idéia chama outra idéia.

Reparou um dos soldados que a coroa de espinhos não estava bem firme à cabeça do “rei

dos judeus”, e, com a motivação de consolidar o reino messiânico, arrancou-lhe o cetro de taquara e com ele deu violentamente sobre a coroa, enterrando-a mais na cabeça.

Novas gargalhadas de cinismo!... Bela figura de rei que se deixa ferir com o próprio cetro!... Herodes tinha carradas de razão, tratava-se de um pobre louco...

Lembraram-se alguns soldados da praxe do beija-mão — e logo se aproximaram de Jesus e, em vez do ósculo reverente, lhe deram bofetadas na face e lhe cuspiram no rosto, por entre observações cínicas de crueldade.

Da parte de Jesus, nenhuma palavra, nenhum gesto de contrariedade, nenhum sinal de indignação.

Essa serena superioridade da vítima exasperou ainda mais aqueles homens embrutecidos. Durante a flagelação revelara a mesma calma. Os outros sentenciados, horas antes do início da tortura costumavam gritar e convulsionar-se, para mover à compaixão os carrascos; este, porém, conservara-se perfeitamente tranquilo; nenhum pedido, nenhuma súplica a seus verdugos.

Ecce Homo!

Após a flagelação e coroação de espinhos, foi Jesus conduzido por Pilatos à plataforma do Pretório e apresentado ao povo. Contava o governador com os sentimentos de piedade e comiseração do público, em face de tão horroroso espetáculo: um homem seminu mal coberto com os farrapos de uma clâmide romana, as carnes abertas em chagas vivas, coberto de sangue da cabeça aos pés, com uma coroa de espinhos sobre a fronte, a face inchada, velada de sangue e de pó! Que era aquilo? Um homem? Não, uma ruína humana!

Apareceu, pois, Pilatos no alto do *Lithóstromos* e disse ao povo aglomerado na praça fronteira:

— Eis que vo-lo trago fora para que conheçais que não encontro nele crime algum.

E, apontando para Jesus, disse:

— *Ecce homo!* — Eis o homem!

O próprio governador, habituado a todas as crueldades, sentia-se comovido à vista daquela chaga viva. Esperava que os judeus se dessem por saísfeitos com essa horrenda punição. Que mal lhes podia fazer um homem reduzido a esse estado? Que prestígio social podia ter ainda na Judéia o Nazareno, depois de passar pela degradante tortura da flagelação? Se não sucumbisse fisicamente às consequências do horrível martírio, em todo o caso estava moralmente aniquilado.

Falhou, porém, o cálculo de Pilatos, como tinham falhado todos os outros planos de

libertação. Os sacerdotes e magistrados açularam o povo, e todos eles, em vez de compaixão, se encheram de indignação e clamaram:

— Fora com ele! Crucifica-o!

Contrariado, responde Pilatos em tom ríspido:

— Tomai-o, pois, vós, e crucificai-o!

Responderam os judeus:

— Nós temos uma lei, e segundo a lei ele deve morrer, porque se fez filho de Deus!

Com estas palavras voltam à primeira acusação, em torno da qual girara o processo diante do Sinédrio, o caráter messiânico de Jesus. Diante do tribunal de Pilatos, nada conseguiram com semelhante acusação; delito como esse não figurava no Código Penal do império romano. Por isso inventaram crimes de caráter político e social: ele amotina o povo, proíbe de pagar tributo a César e arvora-se em rei de Israel.

Convencidos, porém, de que nada adiantavam com essas acusações e que Pilatos percebera a inanidade desses agravos, retomaram o primeiro capítulo, mais próprio, aliás, para acender a indignação do povo, do que para impressionar o espírito do governador romano.

E, de fato, o *romano* não se impressionou com semelhante acusação de caráter religioso e metafísico; impressionou-se, porém, o *pagão*. As palavras misteriosas “ele se fez filho de Deus” evocaram na mente confusa de Pilatos um mundo caótico de idéias e reminiscências mitológicas sobre deuses e semi-deuses, que, como diziam histórias antigas, tinham descido do Olimpo, e peregrinado pela terra; e todos os desprezadores dessas divindades disfarçadas haviam acabado na desgraça e no infortúnio.

O desdenhoso céptico de Roma, incrédulo da verdade, era bastante crédulo para crer nessas fábulas e credices populares...

Aterrado e mal seguro de si mesmo, Pilatos conduziu o acusado para o interior da sala de audiências, despediu os guardas e ficou sozinho com Jesus. Encarou-o atentamente e perguntou com voz hesitante e quase tímida:

— De onde és tu?...

Já sabia que Jesus era da Galiléia. Mas não lhe bastava esta informação; queria saber mais; as palavras dos sacerdotes “ele se fez filho de Deus” tinham tornado pensativo o pagão de Roma. Dissera-lhe Jesus, pouco antes, que o seu reino não era deste mundo; que ele viera ao mundo para dar testemunho à verdade... Qual, pois, a sua verdadeira origem?...

Jesus, porém, não deu resposta ao interpelante. Também, para que falar da sua origem eterna do seio do Pai? Que compreenderia o pobre gentio das excelsitudes do Verbo, que no princípio estava com Deus e que era Deus? Não o tinha Pilatos declarado inocente? E não era

suficiente saber que não cometera crime algum digno de morte?...

O romano ofendeu-se com o mutismo do Nazareno, e disse-lhe, irritado:

— A mim não me respondes? Não sabes que eu tenho o poder de crucificar-te e o poder de libertar-te?

Firme e conciso, quase geométrico, como o passo cadenciado das legiões dos Césares, soa o texto latino do direito romano: *potestatem habeo crucifigere te, et potestatem habeo dimittere te!* Pilatos sente-se na plenitude dessa *potestas*, desse poder sobre a vida e a morte; a sorte do acusado está nas suas mãos.

Jesus, porém, faz-lhe ver discretamente que não é ele a fonte suprema desse poder, nem mesmo o César de Roma, mas Deus, o Senhor do Universo.

— Não terias poder algum sobre mim — lhe diz — se não te fora dado do alto...

E cheio de benignidade, acrescenta:

— Por isso, maior culpa tem aquele que me entregou às tuas mãos... Tu és pecador — mais pecadora é a sinagoga.

Assim fala o réu ao juiz.

Esta resposta serena ainda mais impressionou a Pilatos. Diz o evangelista que a partir daí, forcejava por libertar Jesus.

Enquanto Pilatos deliberava sobre o modo como libertar aquele homem singular, prepararam os sacerdotes e magistrados o golpe decisivo, e, mal reapareceu, começaram a clamar:

— Se soltares esse homem, não és amigo de César! Porque todo aquele que se faz rei vai de encontro a César!

Golpe de mestre!

O Sinédrio abre mão de todas as acusações políticas e religiosas contra Jesus, e volta-se diretamente contra a pessoa do juiz; ameaça levar para Roma uma denúncia contra ele que lhe faça perder as boas graças de Tibério César e o cargo de procurador da Judéia — e Pilatos sabia por experiência quanto valia uma denúncia dos seus inimigos coligados. “*Amicus Caesaris*” era um título muito apetecido; e ai do homem que se tornasse indigno dele! Que perdesse a confiança daquele homem poderoso sentado no trono imperial da *urbs*.

Ao ouvir essa terrível ameaça, sentiu Pilatos quebrada toda a sua resistência, aniquiladas todas as suas forças; qual golpe de clava caíram aquelas palavras sobre o seu espírito frágil e indeciso...

Era chegado o momento da decisão suprema!... O representante de Tibério César capitula ante a pertinácia da sinagoga e as veleidades de Israel!...

Nesta altura, modifica o evangelista João o seu estilo e começa a revestir a narração de um tom solene e grave, como quem preludia um momento épico da história do mundo.

“Quando Pilatos ouviu estas palavras — escreve — conduziu Jesus para fora e sentou-se no tribunal, no lugar chamado *Lithóstrotos*, em hebraico *Gábbuta*. Era o dia de preparativos da Páscoa, por volta das doze horas, quando Pilatos disse aos judeus: — Eis o vosso rei!”

Aí está a solene proclamação da realeza de Cristo efetuada pelo representante oficial do império romano. O momento é dramático!... O mundo suspende a respiração para ouvir a grande verdade!...

Era, pois, necessário precisar o lugar e o tempo exato desse magno acontecimento; era mister indicar a hora em que ele se consumou; convinha immortalizar em duas línguas — na da filosofia e na da religião — o nome daquela nesga do globo onde se proclamou a soberania do Cristo — que, logo depois, seria condenado à morte!...

É com pungente sarcasmo que Pilatos lança ao meio das massas estas palavras:

— Eis o vosso rei!

O romano, de caráter frágil, sabe ser de uma intransigência brutal, quando se trata de fazer sentir àquele povo a superioridade de Roma. Mais tarde, instrumento inconsciente nas mãos da Providência, repete Pilatos a proclamação da realeza do Cristo, e desta vez em três línguas, colocando no alto da cruz o competente letreiro; a sinagoga protesta com veemência, mas a inscrição aí ficou, visível a todo mundo.

Lá do fundo da praça estruge a grita feroz:

— Fora com ele! Crucifica-o!

Replica Pilatos, com a mesma ironia mordaz:

— Pois hei de crucificar o vosso rei?

E eles:

— Não temos outro rei senão a César!

Vai nestas palavras a apostasia oficial de Israel; rejeitam pública e solenemente o Messias, declararam-se súditos do imperador de Roma. Alguns decênios depois, deviam eles sentir o que significa essa troca de Jesus por César!...

Pilatos manda vir um escravo com uma bacia e um jarro de água e lava as mãos diante do povo, dizendo:

— Eu sou inocente do sangue deste justo! Vós lá vos avinde!

Deste justo — é a última declaração da inocência de Jesus. Logo depois segue a sentença de condenação.

O povo, cômico da sua vitória, ébrio de ódio, rompe nesta maldição terrível:

— O seu sangue venha sobre nós e sobre nossos filhos!

E sobre eles e seus filhos veio o sangue do crucificado e quem o derramou sobre a cabeça de Israel foi César de Roma, cuja autoridade invocaram.

E até ao presente dia pesa sobre os filhos de Israel o sangue daquele justo...

Pilatos chama um dos lictores, arranca do feixe cerrado uma das varas simbólicas, quebra-a contra o joelho e atira-a aos pés de Jesus, como que a dizer: Eis aí a imagem da tua vida!... Quebrada como esta vara!...

Proferida a sentença de morte, entregou o condenado aos soldados para ser crucificado.

Caminho do Calvário

Ibs ad cruce[m]!

Com esta fórmula condenatória rematou Pilatos o processo contra Jesus de Nazaré. E logo deu ordem ao lictor:

— *I, lictor, expedi cruce[m]!* — Vai, lictor, prepara a cruz!

A crucifixão era assaz frequente naqueles tempos, de modo que não faltavam no Pretório romano cruces de antemão preparadas para a execução desta pena.

A darmos crédito aos historiadores antigos, era este gênero de suplício originário da Pérsia, de onde passou para a Grécia, e, mais tarde, para Roma. Os judeus não o adotaram, nem aparece mencionado no Antigo Testamento. Entre os israelitas, a maneira mais comum de aplicar a pena de morte era o apedrejamento.

No império romano só eram crucificados escravos ou pessoas de ínfima camada social, e apenas por crimes monstruosos. Só mais tarde, no período de decadência do império, foram crucificados também alguns cidadãos romanos.

Estavam em uso quatro formas de cruz: a cruz simples, que não passava de um tronco vertical — em que se pregavam as mãos e os pés do condenado; a cruz *commissa*, em forma de T; a cruz *immissa*, na forma conhecida entre nós; e a cruz aspada, chamada vulgarmente cruz de Santo André.

Também o processo da crucificação obedecia a modalidades diversas. Alguns criminosos eram fixados com cordas até à trave transversal da cruz previamente arvorada, e pregados na mesma; outros, lançados de costas sobre a trave estendida no solo, e posteriormente alçados à altura do tronco; outros ainda eram cravados na cruz completamente armada e estendida ao solo, e depois levantada juntamente com o corpo da vítima.

O sentenciado tinha de carregar pessoalmente a sua cruz; e levava-a, ou soltas as duas peças, ou já devidamente armadas.

A cruz do Cristo media uns **3** metros de altura, de maneira que, depois de plantada no solo, deixava os pés do crucificado um bom pedaço acima do nível do chão.

Chefiado pelo centurião romano Longino, partiu, pois, o sinistro cortejo da praça do Pretório em demanda de uma colina próxima às portas da cidade. Chamava-se Gólgota em aramaico, ou *Gulgaeth* em hebraico; os romanos apelidavam-na Calvaria ou Calvarium, que significa caveira, ou crânio. Não é de supor que se tratasse de um cemitério, nem tão pouco de um lugar de execução habitual dos criminosos, cujas ossadas aí ficassem insepultas; pois não se coadunava com a lei mosaica, nem compreenderia como um homem da posição social de José de Arimatéia tivesse aí um jardim ou uma casa de campo. A colina levava este nome provavelmente em vista da forma característica da sua parte superior escalvada, que à primeira vista lembra um crânio humano.

A distância que medeia entre o Pretório e o Gólgota orça por **600 a 700** metros. É a célebre *via crucis*, via sacra, ou rua da Amargura.

O caminho, partindo da fortaleza romana, desce por um ligeiro declive para o vale de Tyropaion, torna a subir por uma rampa não muito suave, passando pela Porta Judiciária, até chegar, já fora dos muros da cidade, ao Calvário.

Era costume romano executar os criminosos perto das portas da cidade, para escarmento dos transeuntes.

Juntamente com Jesus foram levados ao suplício dois malfeitores.

O trajeto, embora pouco extenso, deve ter levado bastante tempo; pois, em vista das solenidades pascais, as ruas estreitas de Jerusalém regorgitavam de gente, que, sobretudo nesta hora sensacional, se atropelavam caoticamente, dificultando a passagem aos sentenciados, que arrastavam os pesados instrumentos do seu suplício. Convém lembrar que não se tratava de ruas bem calçadas, como as das capitais modernas. Se a tradição cristã fala de três quedas sucessivas que Jesus teria levado nesse caminho, é isto bem possível; mesmo um homem forte e de corpo intato, corria perigo de tropeços naquelas ruas acidentadas, ora em declive, ora em subida, e por entre os empurrões de milhares de transeuntes.

Ao deixar a cidade, topou o cortejo com um grupo de pessoas que numa encruzilhada aguardavam a passagem do horroroso desfile escoltado por soldados romanos. Entre essas pessoas encontrava-se um homem robusto, natural de Cirene, na África, e que vinha de uma propriedade que possuía em Jerusalém. Era de origem judaica e chamava-se Simão. Tinha dois filhos, Alexandre e Rufo. Vendo o centurião romano que o Nazareno já não tinha forças para prosseguir e ameaçava cair novamente, dirigiu-se ao homem de Cirene e o obrigou a carregar a cruz no encalço de Jesus.

Mais adiante, encontraram um grupo de mulheres de Jerusalém, que levantavam em altas vozes as dores do profeta de Nazaré. Voltou-se Jesus para elas e recomendou-lhes que mais chorassem a causa desses sofrimentos do que o sofrimento em si mesmo; se tão terrível sofrimento era da árvore verde (do justo), que seria da árvore seca (do pecador)?

Impelidos pelos soldados; foram os sentenciados seguindo até atingirem o topo do monte. Diante de cada um deles ia um pregoeiro sustentando numa haste um letreiro que indicava o crime do condenado. Quatro soldados escoltavam o sentenciado.

O pregoeiro que seguia diante de Jesus ostentava uma tabuleta com estes dizeres exarados em latim, grego e hebraico:

JESUS NAZARENO.

REI DOS JUDEUS.

A Crucificação

Chegados ao alto do Calvário, os quatro soldados, que conduziam a Jesus, lançaram por terra a cruz, arrancaram as vestes ao sentenciado, empunharam o martelo e os cravos e procederam sem demora à crucifixão.

Era por volta do meio-dia

Algumas mulheres piedosas ainda tiveram tempo de oferecer a Jesus uma taça de narcótico amargoso, a fim de lhe diminuir a sensação da dor. Jesus provou da bebida para obsequiar as caridosas ofertantes; mas não a sorveu, porque queria morrer de espírito vígil e plenamente cômico de si.

Antigamente, o sumo das folhas de hissopo entrava na preparação de narcóticos, que as piedosas mulheres propinam a Jesus. Esparsas no topo do monte jaziam diversas hastes de hissopo desfolhadas, uma das quais é mencionada pelo evangelista. (Até nestes pormenores e incidentes de caráter secundário revelam os evangelistas uma admirável verdade e autenticidade).

E logo os soldados estenderam Jesus de costas sobre o madeiro pregando-lhe uma das mãos, depois a outra e por último os pés. Para dar maior resistência, os romanos também passavam os cravos pelos pulsos, e pelas palmas. No caso que o tronco vertical da cruz já estivesse previamente arvorado, como foi descrito, puxavam para o alto, por meio de cordas, a barra horizontal, cravando-lhe depois no tronco os pés.

Três ou quatro cravos sustentavam o peso daquele corpo em pleno vigor da virilidade.

Ao mesmo tempo, outros soldados crucificaram os dois malfeitores. Foi mais fácil essa tarefa, porque os condenados se debatiam e convulsionavam, no paroxismo da dor e do

desespero, amaldiçoando a si e a todo o mundo, e clamando contra a injustiça de que eram vítimas.

Depois de arvorada a cruz de Jesus, a multidão do povo, sempre ávida de sensação, pôs-se a contemplar o horroroso espetáculo.

A certa distância estava a mãe de Jesus, um dos seus discípulos, Madalena e outras mulheres fiéis ao Nazareno.

Segundo o costume da época, achava-se pregado sobre a cabeça de cada condenado um letreiro que indicava o motivo por que fora crucificado. Na pessoa de Jesus não era fácil compendiar em poucas palavras esse motivo, porque as acusações tinham sido tantas e tão vagas, e o próprio juiz declarava repetidas vezes que não encontrava nele crime algum. Resolveu, pois, Pilatos tomar por motivo as palavras proferidas pelos judeus: Ele diz que é o Cristo, o Rei, e mandou colocar no topo da cruz a inscrição: “Jesus Nazareno, Rei dos Judeus.” Vinha o letreiro redigido nas três línguas principais do tempo: em latim, língua da maior potência política e militar do século; em grego, língua da filosofia e da arte; em hebraico, língua da religião judaica.

Mal os fariseus deram pelo caráter ambíguo desse letreiro — pois eram mestres em descobrir erros de forma—mandaram logo uma embaixada ao Pretório romano a fim de solicitar ao governador que modificasse a inscrição desta forma: — Eu sou o rei dos judeus.

Não queriam passar pela vergonha de terem crucificado o seu rei.

Pilatos, porém, estava farto das exigências e importunações daquela manhã e respondeu-lhes com energia e brevidade genuinamente romanas: “*Quod scripsi scripsi!*— o que escrevi escrito está!”

E despachou a embaixada sem mais palavras.

O letreiro, pois, aí ficou, proclamando ao mundo inteiro a messianidade e realeza do Cristo.

O homem põe — e Deus dispõe!...

Ao pé de cada uma das três cruzes, fora do círculo de sangue, estavam sentados quatro soldados encarregados de vigiar os sentenciados: pois a crucifixão era um ato oficial do poder romano e tinha de ser controlado pelos representantes da autoridade. Assim o pedia a lei dos Césares.

Enquanto a embaixada judaica descia do monte para requerer a Pilatos a modificação do letreiro do Nazareno, dividiram os quatro soldados entre si os haveres da vítima; pois o condenado era despojado das suas vestes antes de ser suspenso na cruz. O pano que estamos habituados a ver cingindo a nudez de Jesus é, provavelmente, um presente da piedade cristã dos primeiros séculos: a rudeza da soldadesca não conhecia semelhantes delicadezas. Repartiam,

pois, as diversas peças do vestuário de Jesus, que de direito lhes cabiam. Não era muita coisa: um par de sandálias, um pano que servira de turbante, uma cinta, um manto com quatro borlas nas pontas, e a túnica. Dava justamente uma peça para cada um, além da túnica. Esta era sem costura e não convinha cortá-la em quatro partes.

O evangelista que refere este incidente assistiu, sem dúvida, à cena da distribuição do espólio do Mestre, tão concretas são as suas palavras; o leitor julga ver como os guerreiros romanos tomam nas mãos a túnica, puxando-a de cá para lá, examinando-a atentamente a ver se descobrem uma costura por onde abri-la. Mas não encontram, pois era uma peça inteiriça, inconsútil, tecida de alto a baixo. Tais eram também as túnicas dos sumos sacerdotes de Israel. E logo um dos soldados sacou do bolso uns dados e lançou sortes para decidir qual deles devia ficar com a túnica do Nazareno. Os dados faziam parte do inventário do soldado daquele tempo, assim como hoje em dia os cigarros e o jogo de cartas. Um dos soldados de Pilatos teve, a sorte de levar para casa aquela túnica, tecida provavelmente, pelas mãos hábeis da mãe de Jesus. Com que pena não terá ela visto desaparecer nas mãos do guerreiro gentio aquela veste de seu querido Jesus!... Se a pudesse levar como lembrança... vinha toda manchada de sangue... Assim é que, antes de expirar, já não possuía o Nazareno um fio de roupa — mais pobre que as aves do céu e os animais na terra.

É possível, e mesmo provável, que as piedosas discípulas do crucificado, sobretudo Madalena, tenham comprado aos soldados as vestes de Jesus.

*

**

E o divino padecente, vendo e ouvindo tudo isto, ergue ao céu os olhos ensanguentados e diz com voz suplicante:

— Pai, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem ...

Os que ouviram estas palavras do divino Mestre tomaram-nas por um sinal de fraqueza e escarneceram, dizendo:

— Ajudou aos outros, e a si mesmo não se pode ajudar, ele, o Messias, o Rei de Israel. Desça agora da cruz, e creremos nele!...

— Confiou em Deus! — acudiram outros, pois que agora venha salvá-lo, se é que lhe quer bem. Pois disse: — Eu sou o filho de Deus!...

Passaram outros ao pé da cruz, postaram-se bem defronte, encararam o padecente e, com gestos provocantes, diziam:

— Ah! És tu aquele que destrói o templo de Deus, e em três dias o reedifica?

Os soldados romanos deram também a sua contribuição. Um “quaterno” militar, conforme

exigia a lei romana, fazia guarda ao crucificado. Não se tinham ainda esquecido das pretensões realistas que os judeus atribuíam ao Nazareno; e era o que mais os exasperava, a eles, fiéis servidores de Tibério César e de Pôncio Pilatos. Escarnecendo, pois, da tal realeza, diziam:

— Se tu és o rei dos judeus, salva-te a ti mesmo!...

Até os dois malfeitores, companheiros de suplício, não puderam abster-se de dizer:

— Se tu és o Cristo, ajuda-te a ti mesmo e a nós também!

Mais tarde, um dos dois, entrando em si e observando atentamente a atitude do Nazareno, sentiu-se impressionado. Aquele homem singular não se queixava das dores, não amaldiçoava os carrascos, não invocava sobre eles os raios dos céus, mas pedia a Deus que lhes perdoasse as maldades. Não, este homem não era criminoso vulgar: tinha um quê de misterioso, de solene, de divino quase...

Ouvindo que seu colega continuava a insultar Jesus — talvez por ter com a sua condenação acelerado a execução deles, marcada para depois da Páscoa — disse aquele ladrão, iluminado por uma luz superior:

— Como? Nem tu temes a Deus, quando sofres o mesmo suplício? Nós, é verdade, sofremos o que é justo, porque recebemos a paga das nossas obras; este, porém, não fez mal algum...

Um homem ao menos existe nas alturas do Gólgota que, no meio daquela turbamulta de injuriadores, tem a coragem de proclamar, do alto do seu patíbulo, a inocência de Jesus — e este homem é um pobre ladrão, ou antes, um ex-ladrão, que padece contrito e resignado o seu horrível purgatório.

As autoridades religiosas declaram Jesus culpado — pagãos e ladrões lhe proclamam a inocência...

Depois de falar a seu colega de maldades, forceja o penitente por voltar a cabeça torturada e contemplar o semblante do crucificado inocente, e em tom de súplica lhe diz:

—Jesus, lembra-te de mim quando entrares em teu reino!...

E soberanamente bela esta prece do infeliz sentenciado. Raras vezes uma alma humana terá orado com disposição tão favorável para ser atendida como esse recém-convertido. Ainda não se extinguiu na alma dele toda centelha do bem. O que ele pede a seu companheiro de suplício não é muito; não é a libertação das suas dores, como a princípio pedira; pede tão-somente que se lembre dele quando entrar no seu reino; pois prevê que Jesus vai morrer antes dele; que se recorde que nas sangrentas alturas do Calvário pende ainda do patíbulo, a debater-se numa lenta agonia, um colega de crucifixão... Só uma lembrança... Um pouquinho de amor — amor que esse pobre homem talvez não gozara jamais no decurso da sua vida...

Quando entrares no teu reino — diz ele. Mas que reino ainda teria aquele homem que já nem possuía uma peça de roupa para cobrir a sua nudez? O ladrão penitente reconhece que com a morte principia para Jesus o seu verdadeiro triunfo...

Jesus escuta a súplica de seu companheiro de martírio, e, dirigindo-lhe um olhar através de um véu de sangue, responde-lhe:

— Em verdade te digo: ainda hoje estará comigo no paraíso...

Palavras misteriosas!... Um moribundo promete a outro moribundo o paraíso!... Um sentenciado fala a outro sentenciado num reino eterno!...

Bem sabia Jesus: antes que amanheça o novo dia, nós dois já não seremos do mundo dos vivos, mas havemos de nos reencontrar nas regiões de além...

Assim é que, de cruz a cruz, por sobre as cabeças da multidão profana, se trava uma amizade dolente e sincera entre dois condenados à morte.

Era pelo meio-dia quando Jesus foi crucificado.

Pouco depois ocorreu um fenómeno estranho, terrífico: começou a desmaiar rapidamente a claridade do sol no zénite; uma penumbra lúgubre e angustiante alastrava pelos rochedos escavados do Gólgota!... Lá no fundo perdiam-se os contornos das casas da cidade... Em breve, uma verdadeira noite envolvia as terras da Judéia — noite em pleno meio-dia!...

Em Belém, ao nascimento de Jesus, a noite ilumina-se de meridiana claridade — e no Calvário, à morte dele, o dia converte-se em noite. É sabido que a Páscoa Judaica incidia na primeira lua cheia da primavera; e em fase de plenilúnio não pode ocorrer um eclipse solar natural por não se achar a lua entre o sol e a terra, mas precisamente oposta ao nosso planeta. Não se tratava, portanto, de um fato natural, mas de um fenómeno extraordinário.

Judeus e pagões entreolharam-se, transidos de pavor, e muitos deles fugiram para a cidade.

A Morte de Jesus

Ao pé da cruz do Cristo estavam, entre outros, Maria, a mãe do crucificado, e João, o discípulo predileto. Dos discípulos foi ele o único que assistiu à agonia de Jesus. “O amor expele o temor” — escreve ele mais tarde. Parece que este discípulo era muito afeiçoado à mãe de Jesus, e esta amizade valeu-lhe a honra de ouvir as derradeiras palavras do Mestre e receber dos seus lábios um testamento precioso.

Vendo Jesus sua mãe, teve pena dela, por vê-la sozinha e sem proteção no mundo; José morrera, havia anos, e Maria não tinha ninguém.

Referindo-se a João, disse, pois, Jesus a sua mãe.-

— Mulher, eis aí teu filho!

E, olhando para o discípulo, disse:

— Eis aí tua mãe!

A mãe e o discípulo — eram os únicos elos que ainda prendiam à terra o coração de Jesus. E ele se desfaz também desses tesouros... Já não tinha no mundo coisa nenhuma, nem pessoa alguma...

Só lhe ficava Deus, o Pai celeste, o seu grande amor.

Eis senão quando também Deus lhe é arrebatado!... Aconteceu neste momento o que nenhum homem acharia possível nem crível, se não viesse nas páginas sagradas do Evangelho.

No meio daquela lúgubre escuridão, ergue Jesus os olhos ao céu, e pela vastidão do espaço noturno ecoa este brado de angústia:

— *Eli, Elilammasabacthan*C... Meu Deus, meu Deus! Por que me desamparaste?...

Que acontecera?

A natureza humana de Jesus sentiu-se como abandonada por Deus.

Antes dissera “Pai”, agora é só “Deus”, um Deus de tremenda majestade.

Os inimigos de Jesus exultaram de prazer e, mais seguros do que nunca, exclamaram: — Ouvistes? Confessou a sua culpa! Reconhece-se abandonado de Deus! E não tinha razão o Sinédrio ao declará-lo blasfemo?

E Jesus não responde. Quer morrer, física e moralmente aniquilado aos olhos do mundo.

Só uma consciência alicerçada em rochedos eternos pode dispensar os fundamentos da opinião humana.

Alguns dos circunstantes, ouvindo duas vezes a palavra *Eli*⁵ (meu Deus), escarneceram de Jesus, dizendo:

— Está clamando por Elias.

Desde a ceia da quinta-feira havia Jesus passado sem alimento nem bebida alguma. As abundantes perdas de sangue tinham-lhe acendido nas carnes dilaceradas uma sede tão grande, que a língua abrasava-lhe; e de súbito vibrou pelos ares este grito estridente:

— Tenho sede!...

Nos campos de batalha, após uma peleja, só se ouve uma palavra: Água! Água!... Os soldados feridos e mutilados esquecem-se de todas as suas dores e só sentem a sede que os devora, em consequência da perda de sangue.

Os guardas perceberam o grito de Jesus, e um deles correu a ensopar uma esponja num vaso

⁵ Um evangelista escreve “Eli”, outro “Elói”; aquela é a forma hebraica, esta a aramaica de “Meu Deus”, palavra derivada de “El” (Deus).

de vinagre, ou vinho azedo, e, prendendo-a na ponta de uma cana de hissope, levou-a aos lábios do crucificado.

Alguns, percebendo o brado de Jesus e recordando as palavras anteriores, disseram com ares de zombaria:

— Deixem! Vamos ver se vem Elias tirá-lo da cruz!

Não muito depois, disse Jesus:

— Está consumado!...

Consumada estava a sua tarefa terrestre; a cristificação do seu Jesus humano...

Qual suave arrebol vespertino a rematar por um dia de ardor estival; qual longínquo tanger de sinos a preludarem uma grande solenidade; qual retorno do filho ao pátrio lar após uma jornada penosa em terras estranhas — tais soavam estas palavras segredadas pela divina vítima: Está consumado!... Finalmente, Jesus murmurou:

—Pai!... Em tuas mãos entrego o meu espírito!... E, inclinando a cabeça, expirou...

A Sepultura de Jesus

No mesmo instante em que Jesus inclinou a cabeça e expirou, realizaram-se fenômenos estranhos e terríficos. Escureceu o sol, estremeceu a terra, partiram-se os rochedos, abriram-se os sepulcros e muitos mortos saíram dos seus jazigos e foram a Jerusalém. No templo achava-se reunida compacta multidão de povo, rodeando o altar dos holocaustos, pois eram as vésperas do “grande Sábado”, das solenidades pascais — eis senão quando, de inopino, percebe-se no fundo do santuário um som agudo e estridente! Os sacerdotes e o povo fogem espavoridos, procurando cada qual ganhar as portas do templo...

Que acontecera?

Mão invisível rasgara do alto a baixo o espesso véu que separava o santo do santíssimo. Era um tecido precioso e forte de jacinto, escarlate e púrpura.

Indescritível foi o pânico que de todos se apoderou no meio desses fenômenos da natureza, e logo compreenderam que vigorava relação entre eles e a morte do Nazareno. Muitos reconheceram a clamorosa injustiça que os chefes de Israel acabavam de cometer contra o grande profeta. O céu e a terra, este mundo e o outro pareciam protestar contra semelhante crime e cobrir-se de luto à morte de Jesus. Terminara o Antigo Testamento.

O centurião romano, incumbido da execução, ao presenciar esses temerosos acontecimentos, exclamou:

— Em verdade, este homem era filho de Deus!

E, no meio da atmosfera enlutada de trevas, erguia-se lúgubre, a cruz do Calvário,

vacilando lentamente e apontando o céu, qual enorme dedo negro, como que a bradar à humanidade, no eloquente mutismo do seu silêncio.

*

* *

Segundo as leis judaicas respeitadas pelo governo romano, não podiam os corpos dos sentenciados ficar suspensos no patíbulo durante a grande solenidade pascal, que principiava com o pôr-do-sol, da sexta-feira. De mais a mais, após os fenômenos angustiantes das últimas horas, tenham os chefes da sinagoga o mais vivo interesse em obliterar quanto antes, todo e qualquer vestígio do crime que acabavam de perpetrar.

Enviaram, pois, uma embaixada ao Pretório romano e rogaram a Pilatos que mandasse retirar os corpos dos crucificados. Não raro, continuavam os sentenciados suspensos, vivos, no pelourinho da ignomínia, dois ou três dias. Em atenção ao pedido, mandou o governador que se matassem os réus e se retirassem os corpos.

Apareceram, pois, alguns soldados com malhos pesados e quebraram as pernas e o tórax aos dois companheiros de Jesus. Quando, porém, examinaram o corpo do Nazareno, verificaram que este já estava morto; pelo que não lhe quebraram osso algum. Contudo, por motivo de maior segurança, um dos soldados assentou a ponta da lança, no lado direito de Jesus e enterrou-a no tórax por entre as costelas, atravessando-o de lado a lado. O corpo não se moveu. Ao retirar a lança, fluiu sangue e água da chaga aberta.

Quase ao mesmo tempo, foi um dos discípulos ocultos de Jesus, José de Arimatéia, ilustre senador de Israel, ter com Pilatos, e destemidamente requereu dele o corpo de Jesus. Receava que os judeus o lançassem a alguma vala comum, juntamente com os corpos dos dois celerados.

Pilatos logo cedeu o corpo ao senador, gratuitamente, o que nem sempre fazia aos outros pedintes, em ocasião análoga. Mas nesta hora devia o governador da Judéia achar-se numa disposição psíquica muito singular e dolente. A condenação de um homem reconhecidamente inocente; o recado urgente de sua esposa; as palavras misteriosas do Nazareno; os fenômenos estranhos da natureza — tudo isso abalara profundamente o espírito de Pilatos, evocando-lhe à mente as palavras do acusado: “Eu sou rei... mas o meu reino não é deste mundo... Eu vim ao mundo para dar testemunho da verdade”... Teria ele regressado àquele reino invisível?... Seria, de fato, algum deus, algum ser divino baixado à terra?...

Esses sentimentos agitavam-se na alma vacilante do céptico de Roma. Quando José de Arimatéia se apresentou com o seu pedido, talvez muito grato e desejado ao coração do governador; pois nunca deixara de alimentar para com o Nazareno uma inexplicável simpatia.

O tempo urgia.

O senador apressou-se a tornar ao Calvário para que a obra brutal dos soldados não frustrasse a intenção do discípulo.

Outro amigo de Jesus, Nicodemos — o mesmo que, a princípio, lhe solicitara uma entrevista noturna e, mais tarde, o defendera no Sinédrio — quis prestar ao Mestre defundo um derradeiro serviço: comprou **100** libras de essências odoríferas e um grande lençol de linho para embalsamar o corpo do Mestre.

Desceram, pois, da cruz o corpo exangue, levaram-no e prepararam-no para a sepultura.

Como lhes restassem apenas poucas horas antes do pôr-do-sol, José de Arimatéia ofereceu o seu próprio sepulcro novo para jazigo do corpo de Jesus.

Era costume dos orientais — que em parte perdura até hoje—mandarem preparar em vida o jazigo do seu cadáver; e, não raro, ligavam maior importância à moradia do corpo morto do que à casa do corpo vivo.

O ilustre senador de Arimatéia havia mandado abrir em rocha o seu sepulcro. Achava-se este no meio de um jardim da sua propriedade, em uma esplanada do Gólgota, uns **30** metros distantes do lugar da crucifixão. Conservou-se em boa parte até nossos dias esse sepulcro; vê-se uma porta de **1** metro e **36** centímetros de altura por **66** centímetros de largura, porta que dá acesso a uma câmara interna de **2** metros e **7** centímetros de comprimento, sobre **95** centímetros de largura. Do lado direito deste recinto abre-se um nicho ou sarcófago bastante amplo para caber um corpo humano e que fica **65** centímetros acima do nível do solo da câmara. Foi ali que repousou o corpo do Senhor naqueles três dias. Hoje, falta a abóbada da câmara, bem como o vestíbulo que dava entrada à mesma.

Embalsamaram, pois, rapidamente, o corpo, cobrindo-o todo com uma mescla de mirra e áloes, resinas aromáticas muito comuns no Oriente. Parte dessas substâncias era reduzida a pó, parte a líquido ou pasta gelatinosa. Embebiam umas tiras de pano nessas essências e enfaixavam membro por membro, a começar pelos pés, seguindo pelos braços e terminando pelo tronco, de modo que todo o corpo do defunto ficava estreitamente envolto em ataduras e faixas empastadas em goma odorífera.

A julgar pelo texto evangélico, envolveram o corpo de Jesus assim enfaixado num grande lençol de linho oferecido por Nicodemos, cobrindo-lhe o rosto com um lenço ou sudário.

O embalsamento usado pelos judeus não era, geralmente, tão perfeito como o dos egípcios, a ponto de evitar a decomposição do cadáver. Lázaro, apesar de embalsamado, estava em vias de putrefação ao quarto dia após a morte, como lembra sua irmã Marta.

Enquanto os homens trabalhavam afanosamente neste serviço de caridade, um grupo de

discípulas do Nazareno, rodeando a mãe dele, achavam-se sentadas defronte do sepulcro, contemplando tudo isto. Não era costume entre os israelitas que as mulheres ajudassem a embalsamar o corpo de um homem. E elas, vendo o trabalho apressado e provisório dos homens, combinaram entre si que, na primeira oportunidade, completariam esse trabalho de caridade para com o querido Mestre. Por isso, observaram atentamente tudo quanto os homens faziam e onde colocavam o corpo amortalhado.

Preocupação do Sinédrio

Mal estava o corpo de Jesus fechado no túmulo de José de Arimatéia, na esplanada do Gólgota, quando os chefes de Israel se sentiram tomados de secretas apreensões. Os estranhos fenômenos das últimas horas, sem dúvida, haviam lhes abalado o espírito; e alguns deles lembraram-se das palavras misteriosas do Nazareno: “No terceiro dia ressurgirei... Destruí este templo, e em três dias o reedificarei”...

E eles, incrédulos, descobrem repentinamente o verdadeiro sentido destas palavras.

Cheios de apreensões e receosos do poder de um defunto, foram, pois, ter com Pilatos, e, muito submissos, assim iniciaram a sua bem calculada petição:

— Senhor, veio-nos à lembrança que aquele embusteiro, quando vivo, afirmou: Depois de três dias ressurgirei...

Veio-nos à lembrança! — como se só neste momento se recordassem da profecia do seu adversário!... E prosseguiram:

— Manda, pois, guardar o sepulcro até ao terceiro dia; do contrário, poderiam vir os seus discípulos roubar o corpo e dizer ao povo: Ressuscitou dos mortos! E assim viria o último embuste a ser pior que o primeiro.

E lá se foram eles e deram ordem à guarda do templo para ficar vigilante ao pé do túmulo do Nazareno até ao terceiro dia. E foram eles pessoalmente ao jardim de José de Arimatéia à rampa do Calvário, e traçaram solenemente uma trama de fios sobre a lápide que fechava a boca do sepulcro, prendendo as extremidades com lacre e imprimindo nele o sigilo oficial do sumo sacerdote Caifás.

Depois se retiraram para a cidade esses pigmeus, que com as suas teias de aranha cuidavam ter ligado a força imortal daquele gigante que disse: “A mim me foi dado todo o poder no céu e na terra...”

Mas era necessário que assim acontecesse, que os homens se tornassem ridículos, para que mais resplandecesse o poder de Deus. Eram necessárias todas essas precauções por parte das autoridades civil e religiosa, para que não pairasse um vislumbre de dúvida sobre o

acontecimento básico e a verdade fundamental do Cristo.

Jesus Redivivo

Enquanto os homens, cá na terra, se preocupavam com a sorte do corpo crucificado, descia a sua alma às misteriosas regiões dos “ínferos”, aos mundos infra-humanos, para levar também a esses seres a mensagem da redenção. Nada sabemos desses mundos, a que o Credo Apostólico se refere nas palavras “desceu aos infernos”.

De súbito, um clarão intenso refulge pela mansão crepuscular desses seres — e do meio de uma nuvem luminosa se desentranha o vulto do Cristo.

Uma exultação de júbilo ecoa pela vastidão dos “ínferos”.

Passa-se na noite de sexta-feira para sábado.

Correm em Jerusalém os festejos do “grande Sábado”...

Expira a noite e vem amanhecendo o primeiro dia da semana...

Muito antes do nascer do sol, o Nazareno sai do sepulcro, sem revolver a laje que obstruía a boca do mesmo, sem lesar os sigilos dos seus inimigos; silencioso como a luz solar a penetrar um cristal, assim atravessa o corpo redivivo as substâncias compactas da matéria, abandonando a câmara talhada na rocha viva.

O corpo glorioso, sem deixar de ser verdadeiro corpo, adquire propriedades de espírito.

No mesmo instante, baixa do céu um espírito angélico, revolve a pesada pedra da entrada do túmulo.

Os soldados romanos sentem tremer a terra sob os pés.

Tomados de terror, fogem.

E, convencidos do fato da ressurreição, deitam a correr para a cidade, a fim de darem parte a seus superiores dos estranhos acontecimentos.

Quis a divina Providência que fossem os soldados do império romano os primeiros arautos da ressurreição do Cristo, assim como o governador romano tinha sido o instrumento da sua morte.

As Mulheres ao Sepulcro

Maria Madalena; Maria, mãe de Tiago Menor; Salomé, mãe de João Evangelista e de Tiago Maior; mais algumas outras discípulas do Nazareno, haviam esperado com viva impaciência o fim das solenidades pascaís judaicas e o alvorecer do primeiro dia da semana para poderem visitar o sepulcro do Mestre e embalsamar-lhe devidamente o corpo.

Embalsamar o corpo — por sinal que não criam na ressurreição.

Não tinham fé na divindade do Cristo, mas votavam um amor imenso à fascinante

humanidade do Nazareno.

Não se aperceberam, certamente, do ilogismo dessas idéias paradoxais.

Mas — o coração tem razões de que a razão nada sabe! O coração não pensa, não calcula, não raciocina — ama simplesmente, e muitas vezes possui o amor uma intuição mais segura da verdade das coisas que o intelecto com todo o arsenal dos seus argumentos.

Só uma coisa sabiam elas: que o Nazareno — Deus ou homem, vivo ou morto — era uma personalidade extraordinária, digna de todo o amor e todo o entusiasmo dos seus corações.

Saíram de casa antes do nascer do sol. Algumas delas já tinham comprado aromas na sexta-feira, antes do início do grande Sábado. As outras aproveitaram as primeiras horas do dia após a Páscoa para se proverem do necessário.

Estava-se em princípios de abril. Neste mês, o sol nasce, na Palestina, por volta das 6 horas.

Ainda pairava nos ares o frescor agradável da madrugada primaveril. As ruas mostravam pouco movimento; as solenidades pascaís haviam-se prolongado pela noite a dentro, os habitantes de Jerusalém dormiam em suas casas, e os peregrinos de fora em suas tendas. Os poucos seres vivos com que as mulheres toparam foram uns almocreves que tangiam diante de si os jumentos lerdos carregados de odres de pele de cabra, cheios d'água; vinham das nascentes dos arredores transportando o precioso líquido para a metrópole, que quase sempre sofria penúria de água. De quando em quando, passava um grupo de mulheres equilibrando sobre a cabeça as suas cestas de verduras.

Já estavam abertos alguns armazéns de comestíveis, bem como uns bazares de jóias e perfumes, trazendo as mercadorias expostas à beira das ruas estreitas, segundo o costume dos orientais.

Algumas das mulheres entraram em um desses bazares e compraram o necessário para o serviço de caridade que iam prestar ao corpo do Mestre.

Madalena não se deteve em parte alguma. Já tinha providenciado com antecedência; levava consigo as essências mais finas que encontrara na cidade. Não lhe sofriam as saudades ficar longe do Mestre por mais tempo. Três dias — já era demais. Jovem e forte, avantajou-se às companheiras a passo largo, em demanda da esplanada do Calvário.

As mulheres, certamente, ignoravam a presença de uma guarda militar ao sepulcro; pois esta medida fora tomada posteriormente. Tampouco sabiam dos sigilos que garantiam a inviolabilidade do jazigo do crucificado. Só uma dificuldade as preocupara: a pedra enorme que fechava a boca do túmulo. Teriam elas forças suficientes para revolvê-la? . . .

— Quem nos tirará a pedra do sepulcro?

Quando Madalena chegou ao jardim de José de Arimatéia, encontrou aberto o sepulcro.

—Tiraram do sepulcro o Mestre, e não sabemos onde o colocaram!...

E pelo atalho mais curto voltou para o Gólgota.

Eram tantas e tão labirínticas as ruas e vielas de Jerusalém que, provavelmente, Madalena, nas suas idas e vindas, não se encontrou com as outras mulheres que, entretanto, tinham chegado ao sepulcro.

É incrível a rapidez com que a antiga “estrela de Mágdala”, a formosa “pecadora pública”, gira entre o Calvário e a capital.

Salomé e suas companheiras estacionaram ao pé da câmara de pedra, entreolhando-se, perplexas e mudas de estupefação, ao ver o jazigo aberto e vazio. Depois, depositando os seus vasos de aromas do lado de fora, adiantaram-se mais sepulcro a dentro — e recuaram aterradas! À cabeceira e aos pés do sarcófago de rocha estava alguém, estavam dois vultos estranhos, vestidos de longas túnicas tão alvas como as neves do Líbano.

Eis senão quando, um dos dois fenômenos em figura humana começa a falar às mulheres, dizendo-lhes com voz suave e caridosa:

— Não temais! Sei que procurais a Jesus, o crucificado; não está aqui; ressuscitou, como disse. Vinde e vede o lugar onde esteve colocado o Mestre. Ide depressa e dizei a seus discípulos que ressuscitou dos mortos; irá diante de vós para a Galiléia; aí o vereis. Eis que vo-lo disse!

Por mais alviçareira que fosse esta notícia; por mais calmo que fosse o tom em que eram proferidas estas palavras — as mulheres fugiram de medo e correram à cidade para dar parte aos discípulos. Não se tinham encontrado ainda com Madalena.

Através da narração histórica e calma do evangelista percebe-se nitidamente uma vibração estranha: a veemente perturbação e perplexidade que, naquela manhã inolvidável agitava o espírito dos discípulos do Nazareno.

Pedro e João ao Sepulcro

Pedro e João ouviram dos lábios de Madalena a primeira notícia das estranhas ocorrências no jardim de José de Arimatéia.

Numa disposição de frio cepticismo receberam os dois discípulos o recado. Entreolharam-se numa interrogação tácita e, depois, resolveram fazer o que todo o homem sensato teria feito em circunstâncias idênticas: verificar por si mesmos o estado das coisas.

Foram, pois, em demanda do sepulcro.

João, diz o historiador com muita graça e espírito de observação, corria mais depressa que Pedro e chegou primeiro ao sepulcro; mas não entrou, deixando a dianteira ao mais velho.

Entraram os dois e com toda a calma e objetividade, verificaram o que havia: o sepulcro estava realmente vazio. E viram mais uma coisa, e coisa de grande importância: as mortalhas achavam-se cuidadosamente dobradas e colocadas num lugar determinado; o sudário, também dobrado, colocado à parte. Disto concluíram eles que o corpo não fora roubado; pois que ladrão se lembraria, na precipitação, de dobrar e pôr em boa ordem a mortalha e o sudário? Não arrebataria o corpo assim como o encontrasse, com todos os seus envoltórios?...

Pensativos se retiraram do sepulcro os dois.

E de leve, muito de leve, lhes vislumbra na alma, por entre os nevoeiros da dúvida e do luto, uma esperança...

“No terceiro dia ressurgirei” — não dissera assim o Mestre?

Regressaram os dois à cidade e foram procurar os companheiros dispersos.

E se fosse verdade aquilo que o Mestre dissera tantas vezes?

Jesus e Madalena

Os dois discípulos e as mulheres tinham-se retirado da esplanada do Gólgota.

Ficara só Madalena.

Sentou-se defronte ao sepulcro vazio e deu livre curso às suas lágrimas. Abandonou-se a esse estado psíquico característico da alma feminina: uma desolação imensa e uma infinita saudade... Para ela já não existia o mundo, desde que se eclipsara o sol da sua vida... Morrera a vida da sua alma... Já não valia a pena viver... Ah! Se ela pudesse exaurir gota a gota a íntima essência do seu ser!... Tombaria inerte sobre aqueles rochedos, exalaria a sua alma e, penetrando nas misteriosas regiões do além, iria em busca daquela outra alma que um dia animava o corpo de seu Mestre! E, agora, nem mesmo o saudoso invólucro daquela alma querida lhe haviam deixado...

Já o sol se alteara sobre o horizonte e brincava, através das acácias do jardim, no interior da câmara mortuária. . .

Nisto divisou Madalena, no fundo do túmulo, dois anjos. Um deles lhe perguntou:

— Mulher, por que chorais?

Pergunta estranha! Como se neste dia se pudesse chorar por outro motivo que não aquele... Que seres seriam esses que não compreendiam o porquê da sua grande dor?...

Madalena não se perturba com a presença dos anjos, como se haviam perturbado as outras mulheres; toda a sua alma estava como que concentrada num só ponto; não havia no céu nem na terra o que lhe merecesse o menor interesse; só ele, o Mestre, o seu querido Mestre...

Que lhe importavam anjos, se não era o Nazareno?...

Madalena só enxergava o mundo através das suas lágrimas. E banhada em pranto, respondeu:

— É que tiraram o meu Mestre, e não sei aonde o levaram...

“Meu Mestre”... Vivo ou morto, é sempre seu Senhor e Mestre.

Não sei aonde o levaram! — Ah! Se ela soubesse ao menos o paradeiro do corpo! E pudesse ver ao menos o invólucro material daquele grande espírito!...

Com este pensamento levanta-se, sai da câmara do sepulcro e põe-se a percorrer novamente o jardim, como já fizera repetidas vezes, à procura do corpo do Mestre.

Nisso percebe passos; alguém se lhe aproximou por detrás. Devia ser o jardineiro. Ela, porém, não quer falar com homem algum, desde que não seja aquele homem de Nazaré.

Ouve perto de si uma voz que repete a mesma pergunta dos anjos:

— Mulher, por que chorais? Que procurais?

Ocorreu à Madalena a idéia de que o jardineiro de José de Arimatéia, farto de tantas invasões de judeus e romanos nos domínios a ele confiados, pudesse ter retirado o corpo do crucificado para pôr termo a essas correrias. Não faltavam encarregados subalternos que se davam ares de proprietários.

Por isso, sem encarar diretamente o recém-chegado, lhe diz:

— Se foste tu que o tiraste, dize-me onde o colocaste, que irei buscá-lo...

A força do seu amor excedia, sem dúvida, o vigor dos seus músculos; e esse amor ia “buscar” aquele corpo, fosse qual fosse o seu peso...

Se tu o tiraste! — De fato, era aquele mesmo homem que havia tirado o corpo do crucificado...

Neste momento profere o desconhecido uma única palavra:

— Maria!

E no mesmo instante ela o reconhece pelo timbre da voz.

— *Rabboni!*— Meu querido Mestre!...

Foi a única palavra que a comoção lhe permitiu externar. E, prostando-se em terra, abraçou-se com os pés de Jesus, beijando-os com grande ardor e efusão.

Observou-lhe Jesus com suavidade:

— Não me segures! Porque ainda não subi para meu Pai; mas vai ter com meus irmãos e dize-lhes que subirei para meu Pai e vosso Pai, para meu Deus e vosso Deus.

Não era ainda chegado o tempo da união perpétua e indissolúvel; só depois da ascensão. Por ora, era ainda a vida ativa e apostólica; mais tarde poderia ela “segurar” eternamente o seu querido Mestre, numa posse íntima e de infinita beatitude.

Levanta-se Madalena, despede-se de Jesus, e com uma jubilosa Primavera a cantar-lhe no coração e a fulgurar-lhe nos olhos, foi ter com os discípulos, pela segunda vez, para lhes contar o feliz encontro que acaba de ter com Jesus redivivo:

— Eu vi o Mestre, e foi isto que me disse...

E começou a contar.

Eles, porém, os sisudos discípulos, menearam a cabeça e, cheios de compaixão observaram:

— Está delirando, esta mulher...

Pobrezinha de Madalena, pensavam eles de si para si, sofreu demais; desde a quinta-feira não come nem dorme; passa a chorar dia e noite; e acabou doente e alucinada; toma por fatos reais e objetivos as criações subjetiva da sua imaginação exaltada; está variando em febre...

Auto-sugestão, diriam os sábios racionalistas do século XX.

Os discípulos, a bem dizer, não se mostraram nada mais crédulos do que os incrédulos dos nossos dias. Se mais tarde, se convenceram da realidade histórica da ressurreição, foi só à força de provas e fatos absolutamente irrecusáveis.

A Madalena, porém, cabe-lhe a honra suprema de ter sido a primeira mensageira da Páscoa.

O Suborno dos Guardas do Sepulcro

Os guardas do sepulcro, depois de fugirem **237** espavoridos do jardim de José de Arimatéia, foram ter com os sumos sacerdotes e fariseus, *narrando-lhes os* estranhos fenômenos ocorridos em torno do *jazigo* do crucificado; terremoto, clarões, sepulcro aberto e vazio, figuras estranhas sobre a pedra revolvida...

Um mudo desespero empolgou os *inimigos do* Cristo. Esse homem, ainda depois de morto, era um perigo.

Bem lhes dizia a consciência que tudo aquilo não era senão o cumprimento das palavras do Nazareno: No terceiro dia ressurgirei. Mas os gritos da paixão fizeram calar as vozes da razão.

Que fazer, pois?

Apagar quanto antes a perigosa centelha; não permitir que alastrasse pela cidade tão ingrata *notícia*. Inculcaram, pois, aos guardas:

— Ide e dizei assim: De noite, enquanto nós dormíamos, vieram os seus discípulos e roubaram o corpo.

Ninguém afirmará que este expediente fosse lá um atestado brilhante do critério e da perspicácia dos seus inventores; mas, no meio daquela perplexidade geral, não lhes ocorreu

outro menos absurdo.

E assim é que com o fracasso da verdade fracassou também a lógica do Sinédrio...

Conforme se depreende das palavras seguintes, *os* soldados romanos fizeram ver o perigo que para eles os guardas, envolvia a divulgação de *semelhante* notícia; pois, na qualidade de sentinela incumbida de vigiar, não tinham licença para dormir — e *Pilatos* não era muito amigo de guardas dormentes...

Tranquilizaram-nos, porém, os *sacerdotes*, dizendo:

— Se isto chegar aos ouvidos do governador, não deixaremos de o apaziguar e advogar a vossa causa.

A política, como se vê, foi desde o princípio um dos argumentos principais dos inimigos do Cristianismo. Os sacerdotes conheciam os “fracos” do governador...

Parece, que, ainda assim, os guardas hesitaram, indecisos; afigurava-se-lhes por demais absurdo espalhar esse boato: Enquanto nós dormíamos vieram os seus discípulos e roubaram o corpo... Pois, se dormiam, não podiam ver chegar os discípulos; e se, mesmo assim, os tivessem visto, por que não impediram o roubo?...Três absurdos numa única frase!...

Mas o que não valera o poder da política alcançou-o a força do dinheiro. Deram aos guardas uma grande soma de dinheiro, diz o historiador, para que divulgassem essa notícia.

E eles venderam a inteligência pelo estômago! E, com os bolsos a retinir de reluzentes *shekeis*, sen- tiram-se com suficiente coragem para sacrificar a verdade à mentira, e apregoar por toda parte que os discípulos tinham roubado o corpo do crucificado.

A morte da humanidade de Jesus custara ao Sinédrio apenas **30** moedas de prata; mas a tentativa de assassinar o Cristo saiu-lhes bem mais cara — e ainda assim foi tudo em pura perda: não lograram aniquilar a divindade do Cristo, e a humanidade de Jesus surgiu rediviva.

As teorias e hipóteses da “explicação natural” que tem sido forjadas em torno da ressurreição, nesses **19** séculos, mantém-se todas ao mesmo nível da primeira: sofrem todas da mesma tara, laboram todas do mesmo “pecado original”, vivendo em pé de guerra com os ditames da lógica e as leis do bom senso.

Não se prende um gigante com teias de aranha...

Enquanto nós dormíamos...

Caminho de Emaús

Deixou-nos o exímio narrador Lucas a descrição de um episódio ocorrido na tarde da primeira Páscoa cristã — descrição, em que cada frase e cada palavra levam o cunho da mais concreta realidade, através da qual vibra toda uma escala de sentimentos genuinamente

humanos.

É a história dos discípulos de Emaús.

É esta descrição, uma das mais deliciosas que encontramos nos Evangelhos; verdadeira obra-prima de espontânea naturalidade, envolta no colorido característico de uma insofismável autenticidade. Quem nos deixou a primeira narração deste fato deve ter sido testemunha presencial das ocorrências.

Escritor que tal cena inventasse seria maior que seu próprio herói.

Emaús é uma pequena aldeia que fica ao oeste de Jerusalém, uns **12** quilômetros, ou sejam, duas léguas de caminho.

Páscoa, de tarde...

Primavera em flor.

Ia o sol declinando lentamente por detrás da serrania de Efraim, enviando os seus raios obliquamente através dos escuros ciprestes, que margeavam boa parte do caminho Jerusalém — Emaús.

A essa hora encontramos dois viandantes a palmilhar a estrada poeirenta. Vãos solitários e acabrunhados e nada percebem das harmonias da natureza nem das belezas do declínio. Conversam à meia-voz, como se receassem profanar melindroso mistério. Os seus diálogos vêm entrecortados de longas reticências e dolorosos suspiros...

E que para esses dois caminheiros não despontara ainda o sol da Páscoa. Discípulos do Nazareno, tinham presenciado o drama sangrento da crucificação e morte dele, e suas almas gemiam ainda sob o peso da catástrofe do Gólgota... Três anos de doce ilusão, e agora essa inesperada desilusão dos seus sonhos!... Dia por dia, aguardavam eles a proclamação do reino de Deus — e, agora, este completo fracasso!... Com que santo entusiasmo haviam esses discípulos aplaudido os prodígios do grande Mestre, enlevados com a sua doutrina, encantados com a sua personalidade — e, agora, tudo acabado!...

Para que ficar ainda em Jerusalém?

Por mais que fosse a perplexidade dos dois viajores, uma coisa era certa: Jesus não era o Messias prometido; era, pois inútil esperar ainda por seu reino. Não falara ele em ressurreição no terceiro dia? Mas esse terceiro dia estava prestes a findar — e nada de ressurreição...

Enquanto os dois andavam palmilhando a estrada de Jerusalém a Emaús, lembrando os fatos, perceberam passos por detrás. Retardaram o passo a fim de deixar passar o viandante; devia ser um dos numerosos peregrinos que, nesse dia, após a Páscoa, deixavam a capital e iam em demanda nos seus lares. Queriam que o desconhecido seguisse caminho. Dor tão íntima como a deles não se comunica a qualquer estranho.

Mas o recém-chegado também retardou o passo, emparelhou com os dois, saudou-os amigavelmente, e, sem cerimônias, perguntou:

— Que conversas são essas que entretendes um com o outro e por que andais tão tristes?

Calaram-se eles. Que tinha esse estranho que ver com os seus dolorosos segredos?

Como poderiam os dois discípulos comunicar a um transeunte qualquer o que lhes soluçava nas profundezas da alma dolente e chagada?...

Até que, finalmente, um deles por nome Cleofas, observou com um gesto de estranheza:

— Como? És tu o único forasteiro em Jerusalém e ignoras o que se passou nestes dias?

Pois não se falava de outra coisa, na capital, senão da morte trágica do profeta de Nazaré, que nas Páscoas anteriores formara o centro de todas as atenções.

Os dois discípulos não compreendiam que de outra coisa pudesse alguém falar nesses dias e estranharam a pergunta do recém-chegado.

— Que foi? — perguntou este, como quem ignora tudo.

Então começaram os dois a expandir-se e desabafar os seus sentimentos, lançando em poucos traços a primeira biografia de Jesus. O que aí está no Evangelho de Lucas não passa de um complexo de frases soltas, de fragmentos e palavras mais ou menos concatenadas. Ora fala um, ora outro. Um homem profundamente emocionado não constrói frases, não cogita de gramática; fala em pequenos incisivos, fragmentos, e reticências.

— Aquilo de Jesus de Nazaré — dizem eles. — Era um profeta poderoso... em palavras e obras, diante de Deus e de todo o povo...

Aquilo de Jesus de Nazaré...

É lei psicológica que o homem, quando anda com a alma em chagas viva, evite formular vocábulos que lhe exacerbem as feridas; recorre a termos gerais ou discretos circunlóquios. Assim, em lugar da palavra “morte”, preferem os dois dizer veladamente “aquilo”?...

— Mas os nossos magistrados e os sumos sacerdotes o entregaram à pena de morte e o crucificaram...

Pausa...

Cabisbaixos seguem o seu caminho... Era tão pesado o luto das suas almas... Até que um deles, quebrando o doloroso silêncio prossegue:

— Nós, porém, esperávamos que fosse ele o salvador de Israel...

Pausa... O resto da frase perde-se em reticências que, de tão dolorosas, não convinha fossem vocalizadas...

Alongam-se cada vez mais as sombras que as colunas esguias dos ciprestes projetam sobre

o caminho.

— De mais a mais — prosseguiu Cleofas — já é agora o terceiro dia depois que tudo aquilo aconteceu...

É a segunda parte de uma frase, cuja primeira ficou apenas em pensamento, e seria esta: Prometera o Nazareno ressurgir ao terceiro dia; mas...

Quando os nossos pensamentos são muito intensos e vibrantes, muitas vezes não os distinguimos das palavras; confundimos o verbo concebido com o verbo nascido — e falamos por elipses, reticências e meias-frases.

Prosseguiu o outro discípulo, externando alguns fragmentos de pensamentos que lhe tumultuavam no espírito, dizendo:

— Verdade é que algumas das mulheres do nosso meio nos aterraram... Tinham ido ver o sepulcro, muito de madrugada. Mas não encontraram o corpo... E voltaram com a notícia de terem tido uma visão de anjos, os quais lhes declararam que ele está vivo... Ao que alguns dos nossos foram ao sepulcro e encontraram as coisas como as mulheres tinham dito... Mas a ele mesmo não o viram...

Aí está um compêndio biográfico de Jesus, tecido de meias-frases e de reticências, que fazem lembrar soluços e gotejar de lágrimas.

Seguiram os três em silêncio por alguns momentos.

De súbito, parando no meio do caminho e encarando os seus companheiros, exclamou o desconhecido:

— Oh! Homens sem critério — Quão tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram!... Não era então necessário que o Cristo padecesse tudo aquilo para assim entrar em sua glória?.

Os dois entreolharam-se e tinham a sensação de despertarem de um sonho doloroso. Mas não acabavam ainda de despertar-, continuavam num como sonambulismo semi-consciente.

Enquanto prosseguiam viagem começou o estranho a expor-lhe um por um, a principar por Moisés, todos os textos sacros que falam do Messias.

E, durante essa “conferência bíblica” do misterioso alguém, deflagrou cada vez mais intenso o amor dos dois, e também a fé e esperança começaram a reacender-se em suas almas.

Afinal de contas; ainda não estava tudo perdido... O Nazareno — quem sabe? — podia ainda ser o Messias, o Salvador de Israel!...

Nisto chegaram numa bifurcação do caminho. O desconhecido fez menção de tomar pelo atalho que se apresentava. Os dois porém, tanto insistiram, fazendo ver o adiantado da hora, que ele, afinal de contas, aceitou o convite e os acompanhou a Emaús. Tomara-se-lhes um

amigo querido, um grande consolador das suas almas acabrunhadas... Levariam boa parte da noite em grata palestra sobre o crucificado... Aquelas palavras iluminavam as trevas que desde a sexta- feira pesavam sobre os corações dos dois discípulos solitários...

Chegaram. Sentaram-se à mesa e tomaram ligeira refeição. O hóspede tomou o pão, benzeu- o, partiu-o, distribuiu-o aos seus amigos.

E eis que neste momento eles o reconheceram.— Era Jesus!

E, no mesmo instante, desapareceu da vista deles...

Mal desaparecera Jesus, quando os dois, despertando definitivamente do seu estranho sonambulismo, disseram entre si:

— Não se nos abrasava o coração quando, pelo caminho, nos falava e nos explicava as escrituras?

E ainda na mesma hora regressaram a Jerusalém.

Aí encontraram reunidos os doze discípulos e demais companheiros, que saudaram os dois com a alviçareira notícia: “O Mestre ressuscitou realmente e apareceu a Simão!”

Então referiram os de Emaús o que lhes sucedera pelo caminho e como também eles tinham visto a Jesus redivivo.

E foi imensa a alegria de parte a parte.

Aparição aos Discípulos Reunidos

Ainda estavam os discípulos reunidos na mesma sala comentando os últimos acontecimentos e a aparição que Cleofas e seu companheiro acabavam de referir. Depois da entrada dos discípulos de Emaús, tinham tornado a fechar cuidadosamente as portas da casa, com medo dos judeus.

Era ao cair da tarde. Acabavam de tomar a refeição vespertina e achavam-se agrupados em derredor das mesas — quando subitamente viram no meio da sala um vulto misterioso.

Levantaram-se aterrados e recuaram, cuidando ver um espírito, um fantasma, como naquela noite, quando Jesus lhes aparecera caminhando sobre as ondas revoltas do Genesaré.

Sim, um espírito!... Pois, como podia um corpo penetrar naquele recinto com todas as aberturas fechadas?

Enquanto os discípulos, de olhos arregalados, contemplam o estranho fenômeno, este avança lentamente sobre eles e lhes diz em tom suave e tranquilizador:

— A paz seja convosco!

Salem aleikumi — a paz contigo! — É a bela e simpática saudação que ainda hoje se ouve nas ruas e nos campos da Palestina.

Os discípulos perceberam a saudação pacífica, mas continuaram transidos do mesmo terror que, involuntariamente, infunde aos mortais a interferência de um fenômeno estranho na esfera da ordem natural.

Disse-lhes então Jesus:

— A que vem esse medo? E por que essas dúvidas nos vossos corações?

Eles nada responderam. Prosseguiu a aparição:

— Vede as minhas mãos e os meus pés; sou eu mesmo; apalpai e vede; um espírito não tem carne e osso como vedes que eu tenho...

Entreolharam-se os discípulos, aproximaram-se de Jesus, e alguns deles se convenceram da realidade. Outros, porém, não podiam crer coisa tão incrível: o crucificado redivivo.

Perguntou-lhes Jesus:

— Tendes aqui alguma coisa que se coma?

Ofereceram-lhe uma posta de peixe e um favo de mel.

Eram as sobras da frugal refeição.

Jesus tomou do peixe e do mel que lhe ofereceram, comeu à vista deles e restituiu-lhes o resto.

E os bons discípulos, começam a apalpar as mãos do Nazareno, a princípio com reserva e timidez, depois com mais afoiteza, e, por fim, rendem-se à evidência, exclamando cheios de jubilosa surpresa: É o Mestre!... É ele mesmo!...

Não compreendiam ainda que o corpo fluídico, sem deixar de ser verdadeiro corpo humano, se revestisse de propriedades que o isentavam das acanhadas leis da matéria.

Pela segunda vez lhes disse Jesus:

— A paz seja convosco! Colocou-se no meio dos seus e disse-lhes:

— Assim como meu Pai me enviou, também eu vos envio.

Depois destas palavras, soprou Jesus sobre os discípulos e disse-lhes:

— Recebei o Espírito Santo: a quem vós perdoardes os pecados ser-lhe-ão perdoados, e a quem vós os retiverdes ser-lhes-ão retidos.

Jesus e Tomé

Na Páscoa, de tarde, quando Jesus apareceu aos discípulos reunidos, Tomé não estava presente.

Onde estava ele?

Não sabemos.

Tomé, parece, tinha um gênio pouco sociável, que o levava a separar-se da convivência dos

companheiros.

Alguns meses antes, na Peréia, quando Jesus se dispunha a ir para Jerusalém, ao encontro da morte, exclamou Tomé: Vamos também nós e morramos com ele!

Terá sido simples heroísmo que inspirou essas palavras? Não vibra nelas um que de derrotismo, que considera tudo perdido e se sujeita a um destino inevitável?

Quando, depois da Páscoa, Tomé tornou a encontrar-se com os demais discípulos, foi recebido com esta exclamação de júbilo:

— Vimos Jesus!

Tomé sorriu com um sorriso céptico e desdenhoso, e, sem ligar a menor importância a tão sensacional notícia, respondeu:

— Se eu não lhe vir nos punhos as marcas dos cravos, se não lhe introduzir a mão no lado não acreditarei!

É próprio do céptico estar firmemente convencido da verdade das suas idéias pessoais, e descrever das palavras dos outros; duvida de tudo, menos de si mesmo.

E — coisa estranha! — o Nazareno aceita as condições e condescende com a teimosia do discípulo.

Passados oito dias, achavam-se os discípulos outra vez portas a dentro, e Tomé com eles. Eis senão quando entra Jesus, de portas fechadas, coloca-se no meio deles e lhes diz:

— A paz seja convosco!

Desta vez não foi tão grande o terror dos discípulos; já estavam habituados a esse novo modo de vida do Mestre. Apenas um se conservou arredio, cheio de desconfiança. Era Tomé.

Aproximou-se dele o ressuscitado e, sem mais preâmbulos, aludindo às palavras exigentes do céptico, disse:

— Introduze teu dedo aqui e vê os meus pulsos; vem com tua mão e mete-a no meu lado, e não sejas descrente, mas crente.

O discípulo incrédulo, vencido pela realidade, caiu de joelhos balbuciando:

— Meu Senhor e meu Deus!

Advertiu-lhe Jesus em tom suave e severo ao mesmo tempo:

— Tens fé porque viste. Bem-aventurados os que não viram, e contudo têm fé.

Tanto das palavras de Tomé como das de Jesus se depreende que a chaga do lado era da largura de uma mão, correspondente à lanca do soldado romano.

E nessa oitava da ressurreição também o discípulo descrente, tornado crente à luz meridiana da evidência, celebrou a sua Páscoa em companhia de Jesus redivivo e cantou o

aleluia da paz e da felicidade.

Aparição na Praia de Genesaré

Depois das primeiras aparições em Jerusalén, haviam os discípulos, obedientes à ordem do Mestre, regressado à sua terra natal. Todos os discípulos, à exceção do infeliz Iscariotes, eram filhos da Galiléia.

Havia três anos que tinham abandonado as suas barcas e redes de pescadores. Enquanto estava com eles o Mestre, nunca lhes faltara coisa alguma; procuravam em primeiro lugar o reino de Deus e sua justiça, e tudo o mais lhes era dado de acréscimo.

Mas agora?... O Mestre já não estava... Habitava em outros mundos, e só de vez em quando aparecia, e logo desaparecia de um modo inexplicável? Já não compartilhava propriamente a vida dos seus discípulos; e eles sentiam esse alheamento e esse abismo invisível que se abria entre Jesus e eles...

Estavam sós no mundo...

Para ganharem o sustento necessário, retomaram a sua profissão de pescadores. Alugaram umas lanchas, uns remos, umas redes, e lá se foram mar em fora!...

Pareciam ter voltado os tempos de outrora. Mas quão grande era a diferença!... Uma estranha metamorfose se operara na alma daqueles homens. Pescavam, lançavam as suas tarrafas, afadigavam-se na faina —mas sentiam-se alheios a essa ocupação. O corpo lá estava — o espírito, porém, vagava longe, muito longe...

Outrora, entregavam-se de corpo e alma às labutas da pesca, dias e noites a fio; viviam identificados com os seus labores. — Agora, só por necessidade recorriam a esses trabalhos.

Estava deslocado o seu centro de gravitação.

O homem, desde que descobre os mundos do espírito, já não pode viver satisfeito no mundo da matéria ...

Os discípulos tinham a impressão de terem dormido até ao dia em que a voz do Nazareno os despertara do profundo letargo.

Outrora, quando saíam a pescar, conversavam, forjavam planos e arquitetavam castelos sobre o melhoramento económico da sua condição. — Agora, o único tema das suas conversações era ele, só ele, sempre ele...

Nesses três anos tinha a alma dos discípulos percorrido distâncias de infinita extensão... Tinham recebido algo do espírito de Jesus, e desde então sentiam dentro de si o anseio do infinito, o tormento de Deus, a nostalgia da eternidade...

*
*

Certa tarde, disse Simão Pedro aos companheiros hospedados em sua casa.-

— Vou pescar.

Responderam eles:

— Vamos também nós contigo.

Foram. Ocuparam uma barca, empunharam os remos e fizeram-se ao largo.

Com que saudades não terão evocado as travessias do lago tantas vezes empreendidas em companhia do Mestre!... E agora, sozinhos, sem ele!...

Cruzaram as águas, procuraram os lugares onde outrora tinham feito pescas, lançaram e recolheram as redes, vezes sem conta — e nada! Tudo em vão! A sorte era-lhes adversa.

Ao clarear do dia foram em demanda da praia, com a barca tão vazia como à noite.

Avistaram então um homem no litoral.

— Filhinhos — disse ele — não tendes nada que comer?

— Nada — responderam eles.

Pelo laconismo da resposta, já se via que não vinham bem humorados. Caçador que nada acertou, pescador que nada apanhou não estão para muita conversa.

O da praia, porém, prosseguiu, imperturbável e amistoso, dizendo:

— Lançai a rede à direita da barca, e apanhareis alguma coisa.

O desconhecido parecia entendido em pescaria; a sua indicação vinha tão precisa e categórica...

Lançaram, pois, a rede e manobraram com perícia de velhos profissionais. E logo sentiram palpitações promissoras nas cordas da tarrafa. Recolheram-na, mas já não conseguiram puxá-la fora d'água, de tão pesada que vinha de peixes.

— É o Mestre — exclamou *João, voltando-se para* Pedro.

Assim que Pedro ouviu *dizer que era o Mestre*, cobriu-se com a túnica e lançou-se *ao mar*.

O conhecimento é de *João, a ação é de* Pedro. Este é sempre o mesmo caráter impetuoso, arrebatado, amigo das realizações imediatas. *Podia* ter remado em demanda da praia. Mas essa morosidade não se compadecia com o gênio dinâmico do *fogoso galileu*, nadar era melhor, porque mais *depressa*. Ainda *assim*, teve reflexão e delicadeza suficientes para não se apresentar ao Mestre totalmente nu.

Os outros foram seguindo à força do remo, arrastando a rede de peixes, pois não *conseguiam* levantá-la fora d'água, de tão *cheia que estava*.

Quando abicaram à praia, viram um *braseiro* com um peixe em cima, e pão.

Disse-lhes Jesus:

— Trazei dos peixes que *acabais de apanhar*.

Entrou Simão Pedro na barca e *puxou para a terra a rede repleta de 153 peixes grandes. E, com serem tantos, não se rompeu a rede* — acrescenta *João Evangelista*, maravilhado. Tão profunda *foi a impressão deste prodígio* que, quase centenário, ainda se recordava o discípulo predileto do número exato *dos peixes* — 153 — e todos eles muito *grandes* — caso virgem nos anais da *pescaria palestinese!*

— Vinde almoçar — *disse Jesus amigavelmente*, e começou a distribuir-lhes dos peixes e do pão.

Os discípulos entreolhavam-se e contemplavam a Jesus com certa estranheza. Sabiam que era o *Mestre*. mas... parecia não estar tão perto deles como outrora...

Um quê de mistério envolvia a sua personalidade...

Não era deste mundo... Era apenas um hóspede passageiro vindo de regiões longínquas cheias de enigmas...

Pedro e o Pastor

Depois do almoço na praia do Genesaré, ainda se conservavam os discípulos agrupados em torno do Mestre, ansiosos por ouvirem alguma palavra dos seus lábios.

Então se dirigiu Jesus a Simão Pedro em particular, e perguntou-lhe:

— Simão, filho de João, amas-me mais do que estes?

Simão respondeu:

— Mestre, tu sabes que te quero...

Em outros tempos teria ele prorrompido em veementes protestos de amor, exclamando: — Sim, Mestre! Eu te amo mais que todos! — Assim como dissera na quinta-feira à noite. Ainda que todos se escandalizem de ti, eu nunca me escandalizarei! Estou pronto a ir contigo para o cárcere e para a morte! Entretanto, a escola da vida e a vergonhosa queda da sexta-feira tinham tornado cauteloso e humilde o feroso galileu. Não ousou afirmar peremptoriamente que amava a Jesus; achou mais prudente apelar para a ciência do Mestre, dizendo: — Tu sabes que te quero...

Nem diz “amo-te” mas simplesmente “quero-te”, como se receasse que a inconstância do seu caráter não correspondesse à gravidade da palavra “amar”, preferiu-lhe o termo singelo e afetoso “querer”⁶. Muito menos ainda se atreve a estabelecer paralelo entre o seu amor e o dos seus colegas.

*

⁶ O texto grego distingue expressamente entre a palavra *agapein* (amar) e *philein* (querer). É de supor que também no aramaico Jesus e Pedro tenham empregado duas palavras correspondentes.

Respondeu-lhe o Mestre:

— Apascenta os meus cordeiros.

Pela segunda vez repete Jesus a mesma pergunta, e recebe de Simão, a mesma resposta: — Mestre, tu sabes que te quero.

E pela terceira vez insiste o Mestre na mesma pergunta, usando desta vez também a palavra “querer”, com que Pedro respondera invariavelmente:

— Simão, filho de João, queres-me?

Quando o discípulo ouviu esta terceira pergunta, lembrou-se da sua tríplice negação, que também ocorrera ao pé de um braseiro, como estas três perguntas e estes três protestos de amor. E, meio hesitante, respondeu:

— Mestre, tu sabes todas as coisas, sabes também que te quero...

Então disse Jesus:

— Pastoreia as minhas ovelhas.

Apascentar os cordeiros e pastorear as ovelhas significa, na linguagem simbólica do Nazareno, governar e votar amorosa solicitude ao seu rebanho.

*

*

Depois disto, começou Jesus a andar ao longo da praia do lago, em companhia de Pedro. E disse-lhe com ares de mistério e solenidade:

— Em verdade, em verdade te digo: quando eras moço, tu mesmo te cingias e andavas onde querias; mas, quando fores velho, estenderás as mãos, e outro te cingirá e te levará para onde tu não queres.

Com estas palavras aludia Jesus ao gênero de morte (crucifixão) que Pedro ia ter. Depois acrescentou:

-- Segue-me!

Simão e João, filho de Zebedeu, tinham sido companheiros inseparáveis a vida inteira; parece **até** que existia entre Simão e a família de Zebedeu uma espécie de sociedade comercial de pesca — Simão, Zebedeu & Cia.

Por isso, quando o velho galileu ouviu dos lábios de Jesus qual seria o gênero da sua morte, ardia de impaciência por saber da sorte final de seu companheiro e sócio João, e afoitamente interrogou o Mestre:

— E que será deste, Senhor?

Não era costume de Jesus responder a perguntas de mera curiosidade. Quando os discípulos quiseram saber quando seria o fim do mundo, não tiveram resposta clara da parte do Mestre.

Também desta vez ladeou Jesus a questão, dizendo a Pedro:

— Se eu quero que ele fique até à minha volta, que tens tu com isto?... Quanto a ti — segue-me!

Missão Mundial dos Discípulos. Ascensão de Jesus

Após a sua ressurreição, passou Jesus ainda quarenta dias aqui no mundo, aparecendo e desaparecendo, instruindo os seus sobre o seu reino e abrindo-lhes a compreensão das Escrituras.

Nos campos da Palestina caíam, sob as foices dos ceifadores, as últimas espigas de trigo. Era pleno verão, quando Jesus resolveu deixar a Galiléia e regressar para a Judéia. Nascera e morrera em terras de Judá, e ali é que poderia rematar a sua carreira.

Pela última vez puxaram os discípulos à praia as suas toscas embarcações e suspenderam à parede da choupana as velhas redes de pescar. Depois desses **40** dias que tinham sido uma espécie de férias, aproximava-se o tempo de intensa atividade apostólica.

Em Jerusalém, já quase ninguém falava no ruidoso “caso de Jesus Nazareno”; outros acontecimentos prendiam a atenção do público.

Pela última vez apareceu Jesus aos seus e disse-lhes:

— Quando ainda estava convosco, disse-vos que importava se cumprisse tudo o que a meu respeito está escrito na lei de Moisés, nos profetas e nos Salmos...

E continuou, dizendo:

— Em meu nome será pregada a conversão e a remissão dos pecados a todos os povos, a principiar por Jerusalém. Vós sois testemunhas de tudo isto. E eis que vos enviarei aquele que o Pai prometeu. Ficai na cidade até que sejais munidos do poder do alto.

Na manhã do **40.**º dia encaminhou-se Jesus com os seus discípulos para o Horto das Oliveiras, tomando o mesmo caminho que trilhara naquela memorável quinta-feira, véspera da sua morte. Desceu a encosta pedregosa de Sião, cruzou o vale de Cedron, passou pelas rochas calcárias e pelas oliveiras cinzentas do Getsêmane. Viu o lugar onde sua alma se convulsionara em horrorosa agonia e seu corpo derramara suor de sangue...

Chegado ao topo do monte, reuniu em torno de si o pequeno rebanho dos seus amigos — os discípulos, sua mãe, Madalena, Salomé e outras — e dirigiu-lhes a palavra, dizendo:

— A mim me foi dado todo o poder no céu e na terra. Ide, pois, e fazei discípulos meus todos os povos, mergulhando em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e ensinando-os a observarem tudo quanto eu vos tenho mandado. E eis que estou convosco todos os dias até à

consumação dos séculos.

Depois destas palavras, ergueu Jesus as mãos ao céu e abençoou os seus. E, enquanto os abençoava, foi-se elevando lentamente, subindo, subindo, subindo...»^

Sumiu a figura do Nazareno no meio de uma nuvem luminosa, mas os seus ainda lá estavam, no topo da colina, com os olhos fitos no céu — quando apareceram ao lado deles dois vultos e lhes disseram:

— Homens da Galiléia! Que estais aqui a contemplar o céu? Este mesmo Jesus, que acaba de ser assumido, ao céu, de lá voltará assim como o vistes subir.

E eles, cheios de alegria, regressaram a Jerusalém, na certeza de que o Mestre, embora invisível, estava com eles até o fim dos seus dias, até a consumação dos séculos.

Vem, Jesus Nazareno!

Há longos meses, meu querido Mestre, que venho seguindo a teu lado, pelas montanhas da Galiléia, pelas campinas da Samaria, pelas cidades da Judéia, pelas ruas de Jerusalém.

No fim destas páginas, que vivi e sofri contigo e por ti, só me resta pedir-te perdão das inúmeras falhas e imperfeições de que elas vêm repletas, e rogar-te que, com a tua divina sabedoria, supras a minha humana ignorância.

Jesus Nazareno!... Estamos com saudades de ti...

Já não podemos viver sem ti...

A babel da sociedade moderna suspira pela paz das tuas palavras...

As nossas saudades soluçam pungentes nas de dor e desventura...

Estamos cansados dos nossos pecados... enjoados dos nossos vícios. . . nauseados das brilhantes futilidades do mundo...

Volta a este mundo, oh! Jesus Nazareno!... Volta, aureolado daquele encanto primaveril, daquele frescor juvenil, daquele fulgor estelar que, há vinte séculos, arrebataram o coração varonil de um Simão Pedro, enlevaram a alma contemplativa de um João Evangelista, o coração de Maria de Mágdala. . .

Jesus Nazareno!.. . Torna a ser para os filhos do século XX o que foste para os cristãos das catacumbas, para os mártires do Coliseu, para os místicos do ermo. . .

Jesus Nazareno!. .. A história destes vinte séculos é a continuação da tua peregrinação terrestre. Os homens maltratam-te... Esbofeteiam-te... Flagelam-te em praça pública.... Coroam-te de espinhos. ... Arrastam-te de tribunal a tribunal, da astúcia de Anás à insolência de Caifás, da covardia política de Pilatos à escandalosa luxúria de Herodes...

Crucificam-te. . . Sepultam-te na indiferença e no esquecimento...

Os Iscariotes atraíoom-te...

Os Simão Pedro negam-te...

Os fariseus insultam-te...

Os discípulos abandonam-te...



Tu sabes meu querido Rabi, quão difícil é descobrir através dos nevoeiros do presente século o FULGOR DOS TEUS OLHOS...

Amesquinhada pela humana fraqueza, desmaiou a pulcritude do teu perfil...

A simplicidade do teu Evangelho está reduzida a uma teia de exterioridades, a um labirinto de formalismos, em que o espírito se desnorteia e a alma agoniza asfixiada...

Os homens procuram modelar à sua imagem e semelhança a divina epopéia do teu Evangelho...

Os homens não querem subirás tuas alturas— querem que tu desças às baixadas deles.

O teu Evangelho foi substituído pelas teologias. A tua bandeira flutua sobre o quartel-general do anticristo.

A imprensa, a literatura, o cinema, a televisão te reduziram a uma caricatura...



Volta, pois, Jesus Nazareno! Volta a este mundo que só tu o podes salvar...

Encontrarás maior número de fariseus do que naquele tempo; não passarás três anos de vida pública sem seres crucificado; porque os teus lábios proferem verdades dolorosas, verdades contrárias aos ídolos do coração humano e aos fetichesproteiformes da sociedade; a suprema simplicidade do teu caráter nunca se aviltou a ponto de pactuar com a política penumbriata das atitudes covardes e das posições indefinidas — e os homens não te perdoarão jamais essa sinceridade...

Por isso, meu Jesus, serás crucificado pelos fariseus do nosso século.

Os judeus crucificaram uma vez o teu corpo — mas os cristãos crucificam o teu espírito há quase vinte séculos.

Nós, porém, os teus discípulos, estaremos como guarda de honra ao pé da tua cruz e nos cobriremos com o manto sanguinolento dos teus opróbrios....

O que importa, Senhor, é que venhas quanto antes para infundir vida nova a este organismo languesciente e doente da sociedade moderna....

E necessário que venhas reintegrar o teu Evangelho na suprema beleza daquela

simplicidade com que brotou dos teus lábios divinos...

Vem, Jesus Nazareno!...

índice

Advertência.....	5
Huberto Rohden — Vida e Obra	7
Jesus na Festa dos Tabernáculos.....	11
Último Dia da Festa dos Tabernáculos	14
A Adúltera	17
A Luz do Mundo	20
O Cego de Nascimento	22
O Bom Pastor	28
A Pérola das Orações	31
O Amigo Importuno	33
O Juiz Iníquo	35
O Fariseu e o Publicano	37
Jesus Acusado de Aliado de Satanás ...	39
O Sinal de Jonas	40
Questão de Herança, Cuidado com a Cobiça	
42 A Providência de Deus e	
a Providência dos Homens	43
Sempre Alerta	45
A Espada e o Fogodo Cristo	46
Brado de Alarde	48
A Figueira Estéril	50
A Mulher Encurvada	52
Festa da Dedicção do Templo	53
Retirada para Peréia	56
Ameaças de Herodes —	
Ternura Maternal de Jesus	58
Cura de Um Hidrópico —	
Os Primeiros Lugares	60
Caridade Social Desinteressada	62
O Grande Banquete	62

Parábola da Torre e da Empresa Bélica	64
A Ovelha Desgarrada e a Drácma Perdida ..	65
O Filho Pródigo	66
O Rico Gozador e o Pobre Lázaro	69
Os Dois Devedores	71
Lázaro Doente	72
A Ressurreição de Lázaro	75
O Ódio do Sinédrio	80
Os Dez Leprosos	82
O Advento do Reino de Deus	85
A Indissolubilidade do Matrimônio	86
Jesus e as Crianças	88
O Jovem Rico	89
Riqueza e Pobreza	91
Os Trabalhadores da Vinha	93
A Pretensão dos Filhos de Zebedeu	94
O Cego à Entrada de Jericó	98
Zaqueu	99
As Dez Minas	1^1
O Banquete em Betânia	1^4
Jesus Proclamado Messias	1^6
Lágrimas no Meio do Triunfo	1^9
Entrada em Jerusalém	 8
Maldição da Figueira Estéril	1T2
Segunda Purificação do Templo	113
Eficácia da Fé	114
Início das Disputas no Templo	115
Parábola dos Dois Filhos	116
Os Vinhateiros Perversos	117
A Veste Nupcial	120
A Moeda do Imposto	121
Os Escarnecedores da Ressurreição ..	125
O Grande Mandamento	128
Parábola das Virgens Tolas e Sábias ..	129

Cristo, Filho e Senhor de Davi	130
Gemidos de Dor e Brados de Indignação	131
Profecia Sobre a Destruição de Jerusalém	136
Profecia Sobre o Fim do Mundo	139
O Juízo Final	141
Preparativos para a Celebração	
do Cordeiro Pascal	144
O Lava-Pés	146
Retirada do Traidor	149
A Última Ceia	151
Perspectivas Sinistras	153
Perspectivas Luminosas	154
Promessa do Espírito Consolador	155
A Paz do Cristo	156
O Ódio do Mundo	157
Perseguições	158
Conversão da Tristeza em Gozo	159
Conclusão das Exortações aos Discípulos	160
Oração Crística de Jesus	161
Parte Terceira - Dores e Glória	
Getsêmane	167
Prisão de Jesus	171
A Negação de Pedro	175
Jesus Diante do Sinédrio	179
O Fim do Traidor	183
Diante de Pilatos	184
Jesus Diante de Herodes	188
Jesus ou Barrabás?	195
Flagelação	199
Coroação de Espinhos.....	201
Ecoe Homo!	204
Caminho do Calvário	210
A Crucificação	213
A Morte de Jesus	220

A Sepultura de Jesus	223
Preocupação do Sinédrio	227
Jesus Redivivo	229
As Mulheres ao Sepulcro	230
Pedro e João ao Sepulcro	233
Jesus e Madalena	234
O Suborno dos Guardas do Sepulcro	237
Caminho de Emaús	240
Aparição aos Discípulos Reunidos	245
Jesus e Tomé	247
Aparição na Praia de Genesaré	249
Pedro e o Pastor	253
Missão Mundial dos Discípulos .	
Ascensão de Jesus	255
Vem, Jesus Nazareno!	258
Relação de Obras do Prof. Huberto Rohden ...	267

Relação de Obras do Prof. Huberto Rohden

Coleção Filosofia Universal:

O Pensamento Filosófico da Antiguidade A Filosofia Contemporânea O Espírito da Filosofia Oriental

Coleção Filosofia do Evangelho:

Filosofia Cósmica do Evangelho O Sermão da Montanha Assim Dizia o Mestre O Triunfo da Vida sobre a Morte O Nosso Mestre

Coleção Opúsculos:

Saúde e Felicidade Pela Cosmo-Meditação Catecismo da Filosofia

Assim Dizia Mahatma Gandhi (**100** Pensamentos) Aconteceu Entre **2000** e **3000** Ciência, Milagre e Oração São Compatíveis? Centros de Auto-Realização